



Centro de Educação
Campus Universitário
Cidade Universitária
Recife-PE/BR CEP: 50.670-901
Fone/Fax: (81) 2126-8952
E. Mail: edumatec@ufpe.br
www.gente.eti.br/edumatec

MARLOS FEITOSA MARQUES

**RÁDIO COMUNITÁRIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ANÁLISE DA
RELAÇÃO ENTRE PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA E CONCEPÇÃO
DE MEIO AMBIENTE DE JOVENS COMUNICADORES**

RECIFE

2011

MARLOS FEITOSA MARQUES

**RÁDIO COMUNITÁRIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ANÁLISE DA RELAÇÃO
ENTRE PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA E CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE DE
JOVENS COMUNICADORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Educação Matemática e Tecnológica.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulino
Abranches

RECIFE

2011

Marques, Marlos Feitosa

Rádio comunitária e Educação Ambiental : análise da relação entre prática educomunicativa e concepção de meio ambiente de jovens comunicadores / Marlos Feitosa Marques. – Recife: O Autor, 2011.
184 f.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulino Abranches

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CE, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, 2011.

Inclui Bibliografia.

1. educação ambiental 2. comunicação na educação I. Abranches, Sérgio Paulino (Orientador) II. Título



ALUNO

MARLOS FEITOSA MARQUES

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

“Rádio Comunitária e Educação Ambiental: análise da relação entre prática educomunicativa e concepção de meio ambiente de jovens comunicadores.”

COMISSÃO EXAMINADORA:

Presidente e Orientador
Prof. Dr. Sérgio Paulino Abranches

Examinador Externo
Prof.ª. Dr.ª. Vanice Santiago Fragoso Selva

Examinador Interno
Prof.ª. Dr.ª. Maria Auxiliadora Soares Padilha

Recife, 21 de fevereiro de 2011.

*Dedico à minha noiva Keyla Souza
que mais uma vez contribuiu para a
minha vida profissional*

“A voz de Deus nos diz constantemente: uma falsa ciência faz um homem ateu, mas uma verdadeira ciência leva o homem a Deus”

Voltaire

AGRADECIMENTOS

A Deus;

Aos meus pais, Jorge e Denise, por tudo, em especial, o apoio financeiro e psicológico e a toda a família;

A minha noiva Keyla, por me acompanhar e auxiliar na coleta de dados;

Ao meu orientador Sérgio Abranches, pelas sugestões, pelo apoio, paciência, disponibilidade e bom humor incondicional;

Às professoras: Patrícia Smith, pelo apoio à incursão no Edumatec; Vanice Santiago, pelas sugestões para o projeto de qualificação e Auxiliadora Padilha, pelas sugestões para a qualificação e para a pesquisa como um todo;

Ao Jornalista Hainer Farias pelo apoio constante em todo o curso e pela amizade;

Aos colegas do Mestrado, pela aprendizagem colaborativa;

A todos os Agentes de Desenvolvimento da Comunicação de Pombos e Glória do Goitá que participaram da pesquisa;

À ONG GIRAL e ao SERTA, em especial, aos idealizadores e educadores das entidades pela boa recepção e colaboração na pesquisa;

Aos representantes das Rádios Comunitárias Brasil FM e Goitacáz FM pela colaboração no estudo;

Aos funcionários da Secretaria do Edumatec, pelo bom atendimento e pelos serviços prestados;

À Universidade Federal de Pernambuco;

À FACEPE, pela concessão da bolsa;

E àqueles que esqueci de mencionar mas tem a certeza de que contribuíram direta ou indiretamente para este trabalho.

RESUMO

Este trabalho de dissertação teve como objetivo geral analisar como o uso educutivo da rádio comunitária por jovens responsáveis pela realização de programas de Educação Ambiental se relaciona com a concepção de meio ambiente destes sujeitos. A pesquisa se justificou principalmente pela carência de estudos na área, pela necessidade de compreender mais profundamente como se desenvolve o processo educutivo e para saber quais as suas consequências sócio-cognitivas, especialmente para as concepções de meio ambiente. Nesta perspectiva, estabelecemos três objetivos específicos: analisar o processo de realização de dois programas de rádio por grupos de jovens diferentes; identificar a concepção de meio ambiente dos jovens responsáveis pelos programas radiofônicos e relacionar as práticas radiofônicas de cada grupo às concepções de meio ambiente dos sujeitos. A Hipótese do estudo se baseou na ideia de que o uso educutivo da rádio comunitária favorece a concepção de meio ambiente de jovens responsáveis pela realização de programas de Educação Ambiental, ao proporcionar um conjunto de processos democráticos, participativos, críticos, transformadores, dialógicos, multidimensionais e éticos, demandando a mediação de um educutivador, o uso coletivo e criativo de tecnologias, a pesquisa, a leitura, a discussão e a adaptação colaborativa dos conteúdos trabalhados à linguagem radiofônica. A metodologia foi desenvolvida através de 12 viagens a campo onde utilizamos como métodos de coleta de dados entrevistas e observação não participante. Acompanhamos as etapas de produção e veiculação dos programas e a análise das práticas radiofônicas foi referenciada em autores da fundamentação do trabalho, especificamente das áreas da Educação Ambiental (LIMA, 1999) e educutivação (SOARES, 2004). Para identificação das concepções de meio ambiente dos sujeitos utilizamos a classificação de correntes de Educação Ambiental de Sauv  (2005). A análise de dados se pautou pelo método de análise de conteúdo (FRANCO, 2008; MORAES, 2010). Os resultados demonstraram que apenas um dos grupos estudados utilizou-se de práticas radiofônicas que se aproximaram dos preceitos educutivos e que isto facilitou as concepções de meio ambiente dos sujeitos nos seguintes aspectos: aprofundamento temático, diversidade de concepções e quantitativo de falas, nos programas e nas entrevistas. A hipótese do estudo foi corroborada, pois todos os seus elementos constituintes foram trabalhados na prática radiofônica do grupo destacado. Em geral, concluímos que a prática radiofônica educutiva se relacionou com o aparecimento de reflexos diretos e indiretos, como a reinterpretação e ressignificação de conteúdos, conceituações populares a partir de definições cultas, destrinchamento de macro em microtemas, proximidade das concepções de meio ambiente dos sujeitos com as idéias de autores da literatura acadêmica e formação cidadã e profissional.

Palavras Chaves: Educutivação, Educação Ambiental, Concepção de meio ambiente, Rádio Comunitária, Tecnologias da Informação e Comunicação.

ABSTRACT

The main objective of this study was to analyze how the educommunicative use of the community radio by young people, responsible for conducting environmental education program is related to conception of environment of those people. The research is justified mainly by the absence of studies in the area, the necessity for deeper understanding how the educommunicative process develops and the socio-cognitive consequences of this process, especially for the conceptions of environment. In this approach, we established three specific aims: (1) to analyze the process of realization of two radio programs for different groups of young people, (2) to identify the conception of environment of young people responsible for radio programs and (3) to verify the relationship between the radio practices of each group with the conception of environment of these people. The hypothesis of the study was based on the idea that the educommunicative use of community radio favors the conceptions of environment for young people responsible for conducting environmental education programs by providing a set of process democratic, participatory, critical, transformers, dialogical, multidimensional and ethical, requiring the mediation of a educommunicator, collective and creative use of technology, research, reading, discussion and adaptation of content worked collaboratively to radio language. The methodology was developed across 12 trips to the field where we used as methods of data collection interviews and non-participant observation. We follow the steps of production and dissemination of programs and the analysis of radio practices was referenced in the authors of work fundamentation, specifically in the areas of environmental education (LIMA, 1999) and educommunication (SOARES, 2004). To identify the conceptions of the environment of the young we used the Sauv e's (2005) classification of environmental education current. Data analysis was realized by the method of content analysis (FRANCO, 2008; MORAES, 2010). The results showed that only one of the groups used radio practices that approached of the educommunicatives precepts and that it facilitated the conception of the environment of the subjects in the following aspects: deepening thematic, diversity of conceptions and quantitative of speak, in the programs and interviews. The hypothesis of this study was corroborated because all elements were worked in radio practice of group highlighted. In general, we conclude that the educommunicative practice of radio is related with the emergence of direct and indirect consequences, as the reinterpretation and resignification of content, popular conceptualizations of formal definitions, irradiation of macro in micro theme, proximity between conception of the environment of the subjects with the ideas of authors from academic literature, citizenship and professional training.

Keywords: Educommunication, Environmental education, Conception of environment, Community radio, Information and communication Technology.

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1: modelo de organização dos dados deduzidos e apriorísticos nas subcategorias e categorias de Educação Ambiental.....71
- QUADRO 2: três categorias (de Sauv ) e três subcategorias (deduzidas) dos programas radiofônicos do grupo de Glória do Goitá.....143
- QUADRO 3: quatro categorias (de Sauv ) e cinco subcategorias (deduzidas) das entrevistas com o grupo de Glória do Goitá.....144
- QUADRO 4: sete categorias (de Sauv ) e onze subcategorias (deduzidas) dos programas radiofônicos do grupo de Pombos.....146
- QUADRO 5: cinco categorias (de Sauv ) e seis subcategorias (deduzidas) das entrevistas com o grupo de Pombos.....149

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
1.1 ORIGENS DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL ATUAL E CAMINHOS EM BUSCA DE OUTRO CENÁRIO	17
1.2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO OU DA COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?	23
1.3 RÁDIO COMUNITÁRIA: COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA E PARA O MEIO AMBIENTE.....	29
1.4 O DISCURSO DA MÍDIA DE MASSA: CONTRIBUIÇÃO À CIDADANIA AMBIENTAL OU À PERPETUAÇÃO DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL?.....	34
1.5 EDUCOMUNICAÇÃO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS	42
1.6 ALGUNS REFERENCIAIS HISTÓRICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL	48
1.7 PROGRAMA FEDERAL DE EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: O RECONHECIMENTO GOVERNAMENTAL DA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA A SERVIÇO DO MEIO AMBIENTE	53
1.8 A BUSCA PELO ENTENDIMENTO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA E CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE	58
2 METODOLOGIA.....	64
2.1 CAMPO DE PESQUISA.....	64
2.2 SUJEITOS DA PESQUISA	66
2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	67
2.4 ANÁLISE DE DADOS.....	68
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	72
3.1 ANÁLISE DO PROCESSO DE REALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS	72
3.1.1 PROGRAMA NO BATENTE – RÁDIO GOITACÁZ FM 98,5 - GLÓRIA DO GOITÁ	72
3.1.2 PROGRAMA DE PROPÓSITO – RÁDIO BRASIL FM 98,5 - POMBOS	81
3.2 IDENTIFICAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE DOS GRUPOS DE GLÓRIA DO GOITÁ E POMBOS E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS RADIOFÔNICAS	96
3.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS RADIOFÔNICAS E AS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE DE CADA GRUPO	142
4 PRÁTICAS RADIOFÔNICAS E CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE: CONCLUSÕES ACERCA DOS RESULTADOS ALCANÇADOS.....	150
4.1 A HIPÓTESE DO ESTUDO	150
4.2 A FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO.....	165
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172

REFERÊNCIAS.....	177
APÊNDICE.....	183

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de dissertação está fundado originalmente na minha formação profissional como biólogo. Quando ingressei em 2004 no Curso de Bacharelado em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco não tinha ideia do campo profissional em que gostaria de atuar. Com o passar do tempo estagiei em laboratórios de zoologia e botânica, mas não estava satisfeito profissionalmente. Queria trabalhar com alguma área de pesquisa que fosse mais ampla e de aplicabilidade social mais direta.

O primeiro contato com a Educação Ambiental surgiu já no final da graduação através de disciplinas eletivas. A partir desse momento descobri a minha área de interesse e pude desenvolver o último estágio da graduação no Laboratório de Etnoecologia e Educação Ambiental onde tive a oportunidade de produzir a monografia de conclusão de curso com o tema da inserção da Educação Ambiental na escola pública. As primeiras reflexões teóricas e a vivência na área ambiental se originaram nessa época, mas foi principalmente o contato com as questões pedagógicas que me estimulou a fazer o curso de mestrado na área de educação.

Através de conversas informais com professores do Curso de Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica surgiram as primeiras ideias de correlação entre Educação Ambiental e educomunicação tecnológica que acabaram por se concretizar neste estudo dissertativo.

A proposta gerou bastante expectativa porque embora haja um consenso sobre a importância destas duas áreas inovadoras, consideramos que elas ainda carecem de verificação científica quanto ao alcance efetivo de seus potenciais pedagógicos, sobretudo, e especificamente em relação às suas consequências para a concepção de meio ambiente de indivíduos no contexto da educação não formal. O estudo dessas concepções é importante porque são elas que ditam o tipo de prática educativa praticada pelo sujeito, neste caso, o tipo de Educação Ambiental.

O aprofundamento bibliográfico do tema da educomunicação socioambiental tecnologicamente mediada nos permitiu constatar que os programas e pesquisas existentes nesse campo têm se utilizado preferencialmente do rádio dentre os diversos tipos de tecnologias da informação e comunicação. Seja por instituições governamentais ou não governamentais, este artefato tecnológico tem sido

priorizado, em especial, por ser financeiramente mais acessível aos projetos e mais facilmente manuseado pela população.

Ao constatarmos a existência de um projeto em desenvolvimento no Estado de Pernambuco através de parceria entre uma Organização não Governamental e rádios comunitárias de municípios interioranos pudemos chegar ao nosso campo de pesquisa: duas rádios comunitárias, cada qual localizada nos Municípios de Pombos e Glória do Goitá.

A instituição que formou os sujeitos desta pesquisa (jovens com faixa etária média de vinte anos, recém formados no ensino médio) é o GiRAL (Grupo de Informática Comunicação e Ação Local) que desenvolve trabalhos de inserção juvenil nos meios de comunicação comunitária e pelas investigações realizadas é a mais representativa em Pernambuco no sentido de nos ajudar a alcançar as metas almeçadas neste estudo.

Com relação às intenções deste estudo, primeiramente, o objetivo geral foi analisar como o uso educ comunicativo da rádio comunitária por jovens responsáveis pela realização de programas de Educação Ambiental se relacionaria com a concepção de meio ambiente destes sujeitos. Para a riqueza do trabalho, analisamos duas iniciativas de prática radiofônica para acompanhamento de um número satisfatório de procedimentos que nos apontassem se as práticas educ comunicativa e não educ comunicativa propiciariam diferenças quanto as concepções de meio ambiente formadas. Mas não sabíamos quais das duas iniciativas, ou se mesmo alguma delas apresentaria procedimentos consoantes com os preceitos educ comunicativos.

Estabelecemos, ainda, três objetivos específicos: analisar o processo de realização de dois programas de rádio por grupos de jovens diferentes; identificar a concepção de meio ambiente dos jovens responsáveis pelos programas radiofônicos e relacionar as práticas radiofônicas de cada grupo às concepções de meio ambiente dos sujeitos. Para este estudo consideramos que o ato de concepção tem um caráter ativo intrínseco, ou seja, de uma ação, de um movimento de gerar um sentido ou definição para algo, como um acontecimento ou uma palavra, por exemplo.

A análise de práticas radiofônicas neste trabalho de dissertação se justificou pela tentativa de responder ao seguinte problema: Como o uso educ comunicativo da

rádio comunitária favorece a concepção de meio ambiente dos jovens responsáveis pela produção e veiculação de programas de Educação Ambiental? Tivemos, assim, como objeto de estudo, a relação entre a prática educacional pelo uso da rádio comunitária e a concepção de meio ambiente desses jovens.

A Hipótese do estudo se baseou na ideia de que o uso educacional da rádio comunitária favoreceria a concepção de meio ambiente de jovens responsáveis pela realização de programas de Educação Ambiental, ao proporcionar um conjunto de processos democráticos, participativos, críticos, transformadores, dialógicos, multidimensionais e éticos, demandando a mediação de um educador, o uso coletivo e criativo de tecnologias, a pesquisa, a leitura, a discussão e a adaptação colaborativa dos conteúdos trabalhados à linguagem radiofônica.

A dissertação está dividida em quatro itens com suas respectivas subdivisões. O item 1 trata da fundamentação do trabalho que se ramifica em oito subitens. Neles, apresentamos e desenvolvemos as idéias dos diversos autores envolvidos nas áreas da Educação Ambiental e da educação. O texto traz inicialmente no subitem 1.1 o debate em torno das origens da crise ambiental contemporânea e os possíveis caminhos que buscam a sua solução, onde demonstramos a relação histórica entre a concepção que o homem tem do ambiente e o tipo de relação estabelecida com o meio.

O subitem 1.2 trata predominantemente da relação direta entre comunicação humana e geração de impactos ambientais, onde desenvolvemos o raciocínio de que o desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (Tic's), a começar pela própria linguagem humana, representa uma alavanca para a modificação do meio, seja, positiva ou de degradação ambiental. Nesta perspectiva, defendemos a importância do cuidado com a comunicação, onde procuramos diferenciá-la do ato informativo, já no intuito de prover as bases das discussões que virão a seguir no plano da educação.

No subitem seguinte, ressaltamos a importância da rádio comunitária para a formação cidadã e ambiental. É neste momento que trazemos a teoria em franco desenvolvimento (KAPLÚN, 1994; VOLPATO, 2010; PERUZZO, 1998 entre outros) de que a gestão comunicativa comunitária da rádio propicia o desenvolvimento de processos sócio-cognitivos, em nível de concepções e comportamentos dos sujeitos envolvidos. A caracterização desses processos em nosso estudo representa um dos

principais avanços para a literatura na área. Os tipos de rádio comunitária e a diferenciação destas em relação às rádios piratas também são abordados.

O subitem 1.4 procura inicialmente elucidar a diferença entre grande mídia ou mídia de massa e mídia comunitária. Trás o debate sobre a responsabilidade da mídia hegemônica perante a crise, em especial, a questão do consumismo. Reforça a importância dos cuidados com a oralidade para a efetividade da Educação Ambiental, apresentando o paradoxo entre a abordagem comunicativa ambiental culta e superficialista. Por fim, tece considerações a respeito das forças antagônicas que promovem equilíbrio dinâmico aos processos sociais de gestão e Educação Ambiental.

O subitem 1.5 trabalha as origens da educomunicação, seus campos de atuação e suas características. Demonstra as motivações que embasam o desenvolvimento desse campo, com a contribuição de grandes personalidades das áreas da educação e comunicação, a exemplo de Paulo Freire e Mário Kaplun respectivamente. É nesse momento que revelamos em que linha de pesquisa se enquadra nosso estudo, segundo a classificação da maior referência em educomunicação na atualidade, o professor da USP Ismar Soares.

Um apanhado de documentos legais e encontros nacionais e internacionais é apresentado no subitem 1.6, onde é traçado o percurso histórico da comunicação ou informação em prol do ambiente, culminando no Programa Federal de Educomunicação Socioambiental. Esse item simboliza a importância do processo de mobilização e comunicação social para o amadurecimento do referido programa, que se encontra em no estado de documento para consulta pública.

No subitem 1.7 aprofundamos as questões abordadas no Programa Federal de Educomunicação Socioambiental. Demonstramos mais detalhadamente como as iniciativas de instituições públicas e privadas, governamentais e não governamentais desenvolvem a educomunicação socioambiental no planeta, independente de como são denominadas essas práticas. Descobrimos nesse item a importância dos conteúdos da Educação Ambiental para a origem da educomunicação enquanto campo emergente. Trazemos, ainda, a definição de ecossistemas comunicativos (SOARES, 2010) e os elementos que a educação deve ter quando é dirigida ao ambiente (LIMA, 1999), referências básicas para a formatação de nossa hipótese e para a discussão de nosso estudo de forma geral.

Finalizamos a fundamentação com o subitem 1.8, onde apresentamos exemplos de conceitos de Educação Ambiental e meio ambiente propostos em literatura e nas legislações pertinentes. Explicamos que a identificação das concepções de meio ambiente se apoiará na classificação das correntes de Educação Ambiental de Sauv  (2005). Finalmente, consolidamos a proposta da nossa pesquisa que busca a rela o entre práticas radiofônicas educomunicativas e concep es de meio ambiente, onde apresentamos algumas justificativas, entre as quais, a principal: os poucos estudos que existem na área não demonstram exatamente como se d  o processo educomunicativo e sua rela o com os resultados obtidos.

O item 2   destinado   metodologia do estudo e está subdividido em quatro subitens. No subitem 2.1 apresentamos os programas estudados, as rádios comunitárias onde se situam, a ONG formadora, as institui es parceiras do projeto de forma o, as etapas do projeto e os dados estatísticos da forma o. No subitem 2.2, intitulado Sujeitos da pesquisa, apresentamos o perfil dos jovens dos dois grupos e as motiva es que os levaram a participar da forma o da ONG.

O procedimento de coleta de dados   tratado no subitem 2.3 onde apresentamos as etapas da coleta, o cronograma das viagens   campo, os autores utilizados como referência para os procedimentos e a justificativa para a escolha. O subitem 2.4 trata da análise de dados. Nele demonstramos as fontes de dados para análise, os autores de referência para a análise de conteúdo (FRANCO, 2008; MORAES, 2010), para a identifica o das concep es de meio ambiente (SAUVÉ, 2005) e para o estudo das práticas radiofônicas dos dois grupos de jovens estudados (LIMA, 2009; SOARES, 2004). Finalizamos este último subitem da metodologia apresentando um quadro modelo de organiza o dos dados coletados para análise.

Os resultados e a discussão da pesquisa são abordados no item 3 que se subdivide em três subitens. A análise do processo de realiza o dos programas radiofônicos estudados   tratada no subitem 3.1. Este subitem se divide em mais dois para demonstrar separadamente as etapas de produ o e veicula o de cada programa. Neles são feitas a descri o e a análise das práticas   luz da educomunica o. Ao final, ficamos sabendo se os dois grupos juvenis se pautam por

procedimentos diferenciados e em que medida eles se aproximam dos objetivos específicos da educomunicação.

O subitem 3.2 é destinado à identificação das concepções de meio ambiente dos jovens dos dois grupos. Os discursos analisados provém das entrevistas e dos roteiros dos programas. É feita concomitantemente com a categorização a relação com as práticas radiofônicas de cada grupo. Ao final ficamos sabendo se as práticas radiofônicas de cada grupo influenciam as concepções de meio ambiente e de que forma isto acontece. No subitem 3.3 tecemos considerações gerais sobre a relação entre práticas e concepções apresentando quadros síntese com as categorias e subcategorias de Educação Ambiental e as concepções de meio ambiente dos sujeitos dos dois grupos.

As conclusões do trabalho se encontram no item 4 que se divide em dois subitens. Retomamos a hipótese do estudo no subitem 4.1, demonstrando objetivamente e através de roteiros lógicos a relação entre os seus elementos constituintes e os resultados alcançados nesta pesquisa. O subitem 4.2 retoma, por sua vez, a fundamentação do trabalho onde buscamos tecer considerações sobre a relação entre as idéias dos autores citados, as nossas idéias e as concepções de meio ambiente dos sujeitos, identificadas através da análise de conteúdo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ORIGENS DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL ATUAL E CAMINHOS EM BUSCA DE OUTRO CENÁRIO

O mundo contemporâneo passa por mudanças climáticas que afetam cada vez mais os ecossistemas naturais e o ambiente construído pelo homem. A conquista humana da natureza que a princípio justificava-se pela sobrevivência transformou-se em busca por qualidade de vida à medida que as aptidões físicas e mentais do gênero homo evoluíram.

O enfraquecimento da associação da natureza às forças divinas e sobrenaturais nas culturas sociais também contribuiu para a corrida exploratória dos recursos naturais. “Essa divisão radical homem/natureza acabou gerando uma sociedade alheia à dependência fundamental que o primeiro tem diante da última” colaborando para o aceleração da exploração de seus recursos (ANDREONI; REIS, 2008, p. 2).

A natureza desmistificada passou a não mais ditar os costumes sociais nem tampouco ser temida ou respeitada, ao contrário, dominá-la passou a ser o objetivo. Gonçalves (1993) chama atenção para a forma como a natureza é concebida pelas sociedades ao longo das épocas:

O conceito de natureza é relativo e instituído por relações sociais. Toda sociedade, toda cultura, cria, inventa, institui uma determinada ideia do que seja natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, sua cultura (p. 23).

Loureiro (2000) concorda com o caráter temporal da conceitualização de natureza adotada pelos homens e seu conseqüente vínculo ao padrão de relação para com ela.

(...) a espécie humana, por mais que avance em termos tecnológicos, jamais se desvinculará da natureza e dos limites por esta impostos

em dadas circunstâncias historicamente definidas, e a cada fase da humanidade se constituirá um tipo específico de relação com a dimensão natural e um conceito próprio a seu respeito (p. 16).

Reiteramos que não há ecossistemas imutáveis, e a espécie humana, enquanto existir sobre a Terra, atuará neles. O que pode e deve mudar é o padrão societário e, conseqüentemente, a visão de mundo que se tem e o tipo de relações sociais e de produção aí inseridas (p. 23).

No século XIX, a industrialização representou o auge em avanços técnicos de intervenção no meio e se configurou como base do modelo civilizatório atual. No entanto, a evolução dessas técnicas não foi acompanhada por modelos de prevenção e mitigação de impactos culminando na crise ambiental vivenciada atualmente. Neste sentido, a crise ambiental é também a crise de um modelo civilizatório não sustentável.

Para muitos ecologistas, não é só a Natureza que está em crise, mas a sociedade moderna e o comportamento humano também. O que pode ser percebido pelo atual choque entre as civilizações ocidental e oriental, pela imigração exacerbada aos países de primeiro mundo, pela absurda e desproporcional produção de lixo das populações dos países mais desenvolvidos (que são modelos a serem seguidos pelos países sub-desenvolvidos!), pela desigualdade berrante entre os índices de qualidade de vida pelo mundo e, finalmente, pelos valores materialistas de uma sociedade de consumo que contribuem para modo de vida insustentável hoje vigente (ANDREONI; REIS, 2008, p. 3).

As catástrofes ambientais e, paralelamente, os estudos de pesquisadores ao redor do planeta (mesmo os mais otimistas) apenas confirmam esse quadro desolador. Trigueiro (2004) também associa essa situação ao modelo de desenvolvimento desencadeado pela revolução industrial:

Apenas 1,7 bilhão dos atuais 6,3 bilhões de pessoas que habitam o planeta têm hoje condições de consumir além das necessidades básicas. Ainda assim, a demanda por matéria-prima e energia cresce, precipitando o mundo na direção de um impasse civilizatório: ou a sociedade de consumo enfrenta o desafio da sustentabilidade, ou teremos cada vez menos água doce e limpa, menos florestas, menos solos férteis, menos espaço para a monumental produção de lixo e outros efeitos colaterais desse modelo suicida de desenvolvimento (online).

O desenvolvimento de práticas sustentáveis tem, no entanto, como ponto de partida a emergência de uma nova concepção de meio ambiente. “Algo que se possa contrapor a uma visão de mundo que tem fragmentado a realidade, separando o homem da natureza” (BORTOLOZZI, 1999, p. 42). É necessário abandonar o paradigma cartesiano, o qual, segundo Morin (2000 apud GOUVÊA, 2010), apresenta três características problemáticas:

A disjunção, que separa o humano do natural; a redução que considera correto somente o conhecimento científico e reduz o humano ao biológico; a hiperespecialização que direciona o saber a apenas uma visão, desta forma, perde-se o sentido de totalidade e tem-se visões parciais e conseqüentemente, deformadas deste todo (p. 4).

De acordo com Trigueiro (2005 apud ARCOVERDE et al, 2008), a ausência de uma “visão sistêmica – ou a compreensão de que o universo se revela como uma rede de fenômenos interligados e interdependentes” nos torna:

(...) escravos de uma visão reducionista, que muitas vezes relega à natureza a função de apenas nos suprir de alimentos, energia, matéria prima e belas paisagens. Dilapidamos o patrimônio natural sem a percepção de que somos parte do planeta, de que o meio ambiente começa no meio da gente, a partir da nossa constituição física (p. 5-6).

A descoberta da complexidade que se faz presente em qualquer fenômeno da realidade requer, segundo Bortolozzi (1999), a compreensão de que há uma rede de relações das partes entre si e com o todo, onde tudo está interligado, sujeito/objeto, teoria/prática, particular/geral, local/planetário e objetividade/subjetividade.

Segundo Morin (2006) a complexidade pode ser entendida em duas etapas:

A um primeiro olhar, a complexidade é um tecido (*complexus*: o que é tecido junto) de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Num segundo momento, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico (p. 13).

Conforme Rodrigues e Colesanti (2008, p. 59), essa complexidade deve ser concebida levando em consideração “a multiplicidade dos componentes ambientais (físicos, químicos, biológicos, ecológicos, humanos e sociais), a não-linearidade dos fenômenos subjacentes, e, sobretudo, a estrutura espacial e as diferentes escalas espaciais e temporais de suas causas e efeitos”. A construção dessa percepção complexa poderá se dar de acordo com a compreensão das dimensões experiencial, analítica e valorativa conforme as explica Soulé (1997 apud PICHELLI et al, 2006):

A dimensão de valor contrapõe valores utilitários e intrínsecos (espirituais/éticos); a dimensão analítica percebe a biodiversidade como um fenômeno a ser organizado e explicado. Já a dimensão experiencial é fundamental, pois a experiência fornece a matéria-prima a partir da qual se formulam as dimensões mais conceituais (p. 5).

A união dessas três dimensões indica também, de acordo com Suzina e Pichelli (2005 apud PICHELLI et al, 2006, p. 5), “o caminho por onde o discurso da questão ambiental deverá passar, na perspectiva de gerar a motivação necessária para que a sociedade saia do discurso a favor do meio ambiente para uma *práxis* efetiva”.

Percebemos resumidamente nas ideias dos autores mencionados acima algumas explicações em torno das possíveis origens da problemática ambiental contemporânea. A teoria de que a relação de respeito entre homem e natureza foi prejudicada pelo enfraquecimento dos laços espirituais é levada em consideração porque na época dos homens primitivos costumava-se associar cada fenômeno natural a um tipo de divindade diferente (Deus das águas, do fogo, do ar, etc.), constituindo assim sociedades politeístas.

Mas acreditamos que o respeito à natureza que Andreoni e Reis (2008) citam, na verdade se caracterizava mais como um temor ao desconhecido. Todo evento natural que não podia ainda ser explicado era considerado assim como sobrenatural, maravilhoso, uma ameaça dos Deuses, entendidos inclusive como temperamentais, quando ocorriam as intempéries e cataclismos naturais. De toda forma, essa visão pode ter contribuído durante muito tempo para o uso equilibrado dos recursos naturais.

Com o desenvolvimento físico-intelectual, o homem enfrenta seus temores e passa a ter uma postura de domínio e exploração perante o meio que o circunda. Isso significa que a ideia do bom selvagem e da natureza intocada pode ser um mito. Isso porque o homem pode não ter explorado de forma desequilibrada os recursos naturais não por apresentar uma índole exemplar, mas por não deter ou desenvolver ainda recursos físico-intelectuais (biológicos, cognitivos, sociais) e conseqüentemente tecnológicos de grande impacto. Embora a maior parte das sociedades atuais não seja mais politeísta, mas monoteísta (acreditam na existência de um Deus único) muitas delas defendem o criacionismo (criação do universo por este mesmo Deus). Ainda assim, isso não vem sendo suficiente para que haja o respeito da criatura à sua casa (o planeta) e ao seu criador.

A teoria Evolucionista de Charles Darwin (as espécies atuais derivam de espécies primitivas por seleção natural) embora seja vista por muitos como antagônica ao Criacionismo não invalida, a nosso ver, a origem divina da criação. Apenas entendemos que os seres dessa criação evoluem incessantemente, adaptando-se ao longo dos tempos e das circunstâncias ambientais podendo de fato não ter apresentado desde o início as mesmas configurações anatômicas, fisiológicas, funcionais, etc, que as atuais. Essa teoria cria, aliás, vínculos entre todos os seres da criação promovendo a importância do respeito para com as nossas espécies-origens, merecendo elas as mesmas oportunidades de coabitação e evolução no planeta.

O objetivo aqui não é adentrar em questões religiosas mas apenas demonstrar que a civilização primitiva não explorou o ambiente de forma desordenada porque havia certo equilíbrio entre o valor moral/ético/espiritual socialmente aceito e aplicado e o nível físico-intelectual da época. O atual desequilíbrio ambiental reflete apenas o desequilíbrio entre o desenvolvimento intelectual individual e social e esses valores morais/éticos/espirituais com o próximo (desencadeando as desigualdades sociais e mazelas de todo tipo) e com o planeta (ocasionando os impactos ambientais). É por isso que a crise ambiental é uma consequência da crise civilizatória que, por sua vez, é originada da crise humana ou de concepções e valores humanos.

O desenvolvimento científico e especialmente do cartesianismo, em meados do século XIX, colaboraram para que o homem tivesse uma visão cada vez mais

racional, focada e especializada dos fenômenos, que passaram a ser analisados sob os diferentes pontos de vista de ciências que não se comunicavam para explicar o todo. O modelo exploratório do capitalismo industrial toma dessa fonte e o ambiente é explorado sem essa visão holística, negligenciando a teia de relações existentes entre os ecossistemas. Impactos ambientais localizados em diversos pontos do planeta se somam e acompanham a globalização econômica do século XX.

O cenário de século XXI é de grandes avanços tecnológicos, mas também de degradação do solo, poluição, desflorestamento, extinção, enchentes, queimadas e desequilíbrio de temperatura. Há, por isso, forte demanda por novas concepções e valores individuais e sociais, públicos e privados. Um novo paradigma científico baseado no olhar complexo, transdisciplinar e ético que passe a ditar as práticas de exploração do meio é tido como caminho para o tão falado desenvolvimento sustentável.

Acreditamos que a mudança se dá de dentro para fora: da consciência para a atitude individual; e do estatuto empresarial para as relações de exploração e comércio. O consumo exacerbado precisa ser substituído pelo consumo consciente dando prioridade a produtos cujo processo de fabricação seja menos impactante, assim, as indústrias precisarão se adequar às exigências de consumidores com novas mentalidades.

A visão dos recursos ilimitados deve ser substituída pelo olhar crítico e reflexivo acerca das leis de causa e efeito e as tecnologias devem se adequar aos novos paradigmas de ecoeficiência. Cabe ainda ao poder público considerar um planejamento e desenvolvimento urbano mais racionais promovendo políticas sustentáveis do ponto de vista da fisionomia local, do crescimento populacional e da qualidade de vida.

Tem-se aí a ideia de que a construção e sedimentação de sentidos e valores repercutem nas práticas exercidas e vice-versa. Essa construção consencional ou valorativa é o que consideramos neste trabalho como ato de concepção. Visto que nossos temas chaves são educomunicação tecnológica e meio ambiente, o que buscamos é a relação entre concepção de meio ambiente e práticas de comunicação educativas tecnologicamente mediadas.

1.2 TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO OU DA COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL?

A capacidade de comunicação humana tem relação direta com a eficiência do diálogo, da apropriação subjetiva e da prática em torno do saber ambiental pelos indivíduos e pela coletividade em geral. A humanidade evoluiu nas suas formas de intervenção no meio natural de acordo com sua capacidade de se relacionar socialmente. Depreende-se, portanto, que o desenvolvimento dos diversos artefatos tecnológicos ocorreu concomitantemente ao desenvolvimento das tecnologias da informação e comunicação (tic's), a começar pela própria linguagem humana.

No entanto, se outrora, a linguagem, assim como as tecnologias da informação e comunicação de uma forma geral, se relacionaram fortemente com o desenvolvimento das técnicas de modificação do meio natural e conseqüentemente com a consolidação do atual quadro de desequilíbrios instalado, cabe também a estas preponderante papel na resolução da problemática ambiental.

No mundo globalizado em que vivemos as tecnologias da informação e comunicação aproximam as pessoas localizadas nos mais diversos pontos do planeta, amenizam distâncias físicas e proporcionam maior número de interrelações que otimizam o tempo ao criar redes invisíveis interconectadas que aceleram o desenvolvimento das sociedades de forma nunca antes vista. Melo (2001) enxerga nas conexões formadas pelas tic's, conhecidas como redes de informação e conhecimento, grandes oportunidades para a Educação Ambiental:

O trabalho em Educação Ambiental, tendo as redes de informação e de conhecimento como foco de suas proposições, constitui um meio articulador tanto para a pesquisa como propiciador ao desenvolvimento de novas atitudes, espaço promotor do conhecimento aliado às práticas formadoras de ensino e de novos espaços de *práxis* educativa (p.15).

Assim, no cruzamento das múltiplas oportunidades ensejadas pelas redes de informação e conhecimento, com os princípios e experiências exitosas de Educação Ambiental surge o caminho para a construção de novas práticas interdisciplinares e multirreferenciadas, na medida em que a emergência e consolidação dessas redes ampliam o diálogo e os mecanismos de troca de capital cultural (p. 12) (...)

É preciso, no entanto, segundo Brasil/MMA (2005a), estar atento ao uso da linguagem como ferramenta educativa, pois, sendo ela utilizada de forma direta ou indireta através dos meios, requer cuidados para que as mensagens sejam assimiláveis à maioria daqueles que as recebem:

Ao observar a própria língua como instrumento primário de comunicação, percebemos que os cuidados com a oralidade aproximam ou afastam os interlocutores, comprometem a relação a um distanciamento fatal, ou unem decisivamente corações e mentes de modo inesquecível. Os principais riscos, em se tratando de diálogo educativo, são a tecnocratização e a burocratização da fala, da argumentação, do discurso. O cuidado com uma oralidade que gere sentidos apropriáveis e não afirme um domínio que apenas uma elite técnica pode alcançar plenamente (...) (p. 10).

A esse respeito, acreditamos que oportunidades realmente significativas para o trabalho em Educação Ambiental (englobando tanto mudanças de valores e concepções como de práticas) devem partir não apenas da disseminação de informações e conhecimentos mas da comunicação e do que poderíamos chamar como conhecimento transformado. A título de explicação, faz-se interessante, a priori, saber a origem dos termos da tríade tecnologias/informação/comunicação.

Rodrigues e Colesanti (2008) nos fornecem a seguinte explicação:

(...) atendo-se ao vocábulo tecnologia, tem-se que as raízes gregas *téchne* e *logos* correspondem, respectivamente, à idéia de “arte”, “ofício”, “indústria” e ao conceito de “palavra”, “tratado”, “estudo”, “ciência”. Dessa forma, para os filósofos gregos a *téchne* não era um ofício ou arte qualquer, mas aquela que deveria ser realizada de acordo com o estudo, com a ciência (...) Assim, chegamos ao segundo elemento da tríade – informação, sua raiz latina *informare* significa “a ação de formar matéria” (p. 60).

Ainda segundo os autores, a origem e o uso corrente do termo informação liga-se à função de fazer alguém passar de determinado estágio de incerteza a outro de menos incerteza. Em um segundo momento histórico a palavra informação toma o sentido genérico de comunicação, independente de mudança de grau de entendimento por aquele que é informado, e, a partir daí, este termo (comunicação) passa a ser utilizado compondo a tríade tecnologias/informação/comunicação.

Entretanto, a lógica nos diz que se a palavra comunicação passa a compor a tríade, então, necessariamente, ela engloba um significado diferente do substantivo informação, pois, do contrário, não haveria a necessidade de usá-la, já que, se assim o fizéssemos estaríamos sendo redundantes.

A justificativa para esse breve raciocínio lógico é a de que há até o momento um não senso em torno do significado dos termos informação e comunicação, pois, para a população em geral, ora são tratados como sinônimos, ora apresentam suas particularidades semânticas. Importante ressaltar que essas particularidades de sentido implicam a nosso ver potenciais pedagógicos diferenciados. Quando considerados como sinônimos esses termos tem o mesmo significado e, por consequência, resguardam o mesmo potencial educativo. Já, em nosso estudo, os trataremos como diferentes quanto ao significado e, portanto, ao potencial educativo. Vamos à explicação.

Informar, a nosso ver é uma ação de via única emissão-recepção em que a mensagem chega ao receptor, é interpretada, adquire consciente ou inconscientemente um significado, torna-se conhecimento, mas não retorna. Pode, porém, se disseminar a outros receptores, transformando assim, o primeiro receptor agora em emissor, e assim por diante. Já, o ato de comunicar é uma via de mão dupla em que a mensagem parte do emissor, chega ao receptor, pode também se disseminar ao(s) pólo(s) seguinte(s), mas com o diferencial de que necessariamente retorna ao emissor dando a este condições de continuar a troca de mensagens.

No primeiro caso (o de informar), a mensagem pode ser transmitida ao(s) pólo(s) seguinte(s), de forma literal quanto ao sentido consensual ou interpretada, apenas uma vez, já que, como dissemos, ela não retorna. Já no segundo caso (o de comunicar-se), a mensagem adquire um movimento de ida e volta entre dois ou mais pólos quantas vezes seja necessário para que a mesma sofra além de uma interpretação inicial, outra(s) reinterpretação(ões) e ressignificação(ões) tendo condições de se tornar o que chamamos de conhecimento transformado.

Ou seja, quando há um retorno da mensagem ao emissor original, este passa a ter condições de reformular suas idéias a partir do impacto gerado pela resposta do receptor. Este impacto possibilita a transformação do conhecimento e a “movimentação” da mensagem gera o processo de concepção individual a partir do diálogo entre dois ou mais pólos. No processo comunicativo essa mensagem “se

movimenta” mais e nos dois sentidos (ida e volta) entre os interlocutores (ao contrário do processo informativo) tomando interpretações/significações mais elaboradas e profundas, o que acreditamos promover uma concepção mais amadurecida do assunto em pauta. Por isso dissemos que o ato comunicante resguarda maior potencial pedagógico do que o ato informativo.

As tecnologias da informação e comunicação podem exercer as duas funções como o próprio nome diz, mas, é a função comunicar-se que em nosso entendimento confere um salto qualitativo na educação, pois como explicamos dá um tratamento diferente e uma nova configuração à mensagem, a de conhecimento transformado, que consideramos bem mais relevante do ponto de vista pedagógico. Freire (1983) ratifica essa idéia ao demonstrar a relação íntima existente entre interlocução dialógica e educação:

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado (p. 46). (...) O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo (p. 45).

Acreditamos, portanto, que as melhores oportunidades para o trabalho em Educação Ambiental estão, não em redes de informação e conhecimento como afirmou Melo (2001), mas em redes de comunicação e conhecimento transformado que consideramos mais eficazes, seja na educação formal, não formal ou informal que segundo explica Gohn (2006) são modalidades educativas que têm as suas particularidades:

Segundo a autora a educação formal é aquela trabalhada nas escolas com conteúdos previamente planejados, organização curricular, regras, hierarquias e divisão dos sujeitos por faixa etária. Já a educação informal é aquela obtida da socialização dos indivíduos com o repasse de suas culturas herdadas sem a organização e sistematização dos conhecimentos. E a educação não formal, finalmente, é um meio termo entre as duas primeiras (GOHN, 2006):

(...) a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (p. 28) (...)

poderá desenvolver, como resultados, uma série de processos tais como: consciência e organização de como agir em grupos coletivos; a construção e reconstrução de concepção (ões) de mundo e sobre o mundo; contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacitação para entrar no mercado de trabalho); quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de auto-ajuda denominam, simplificada, como a auto-estima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de auto-valorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca (p. 30-31).

Independente da modalidade educativa, é o uso que se faz da tecnologia e não a tecnologia em si que indica se a prática pedagógica se desenvolve em torno de processos informativos ou comunicativos. Com relação a isso, podemos observar que desde a criação das tic's mais conhecidas (como o rádio, o jornal impresso, a televisão e o computador) até hoje, grande parte das iniciativas educacionais fazendo uso dessas tecnologias se baseou no modelo tradicional emissão-recepção típico de processos informativos.

Na educação formal, por exemplo, os professores que trabalham com tic's tendem em sua maioria a utilizá-las repetindo a aula expositiva. Os alunos não se apropriam dessas tecnologias para produzir o conteúdo. Na educação não-formal, acontece da mesma forma, os educandos (ouvintes/leitores/telespectadores) continuam sendo receptores passivos fora do ambiente em que as mensagens são produzidas.

A inserção dessas tecnologias baseada em processos comunicativos no contexto pedagógico, além de ser recente, sofre uma série de dificuldades que na educação formal, por exemplo, tem origens históricas, pois o modelo de ensino informativo dessas instituições é secular e, de uma forma geral, explica a morosidade na adoção de práticas inovadoras.

No levantamento bibliográfico de sua pesquisa, Farias (2010) examinou 219 trabalhos sobre rádio, sendo 164 dissertações e 55 teses apresentadas por 48 programas de Pós-Graduação do Brasil, no período de 2002 a 2006.

Dos 219 projetos, apenas 50 pesquisaram a relação do rádio com a educação. O número ainda decresce mais quando verificamos a conexão com o tema da juventude: apenas 9,58% do total (21 projetos) pesquisavam a relação entre rádio, educação e juventude (...) 85% das teses e dissertações foram realizadas no espaço da escola (ou seja, 18 trabalhos) (p. 32-33).

Em seu trabalho, o autor não faz referência a nenhum estudo envolvendo simultaneamente Educação Ambiental, rádio e juventude que compõe a tríade temática de nossa pesquisa. Pressupomos que estejam incluídos entre os vinte e um projetos citados (9,58%), mas, ainda assim, é um número bastante baixo para o período examinado. Quando se fala em educação tecnológica fora do contexto formal, por meio de processos comunicativos e voltado para as questões ambientais tem-se ainda menos iniciativas. Volpato (2010) afirma que

(...) projetos de Educação Ambiental através de meios de comunicação (...) que discutam a Educação Ambiental não-formal e informal, aparentemente, são pouco estudados o que justificaria nossa dificuldade em encontrar pesquisas que privilegiem estes aspectos (p. 2).

Pelas conceituações de educação formal, não formal e informal estudadas a partir de Gohn (2006) percebe-se nitidamente não apenas as diferenças que as caracterizam mas também o tom de preferência da autora pela segunda modalidade quando cita seus diversos potenciais. Depreende-se que a educação informal e não formal, por exemplo, proporcionam maior liberdade para inovações que a educação formal, visto que não estão presas a grades curriculares rígidas e com conteúdos previamente sistematizados. Ainda assim, pela descrição da autora, a educação informal encontra-se de alguma forma presa ao passado, às concepções e práticas herdadas e, além disso, é destituída de organização.

Compreendemos a importância histórica da cultura social e da organização de conteúdos como base para a formação de novos conhecimentos, mas Gohn (2006) nos aponta que na educação não formal os conhecimentos prévios não tendem a ser fins em si mesmos mas pontos de partida para a reconstrução de concepções e ressignificação de práticas adotadas.

Já a organização dos conteúdos deve ser pautada não pela rigidez, mas pela flexibilidade característica de processos democráticos e dialógicos. Esses aspectos vem de encontro ao objeto de estudo deste trabalho (relação entre práticas educacionais e concepções de meio ambiente) e aos ideais dos sujeitos pesquisados (promoção da igualdade de direitos, do respeito às diferenças, ao meio ambiente, à auto-estima, etc).

1.3 RÁDIO COMUNITÁRIA: COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA E PARA O MEIO AMBIENTE

Embora muitas tecnologias da informação e comunicação atendam a iniciativas de Educação Ambiental não formal, a tecnologia rádio, em especial, a rádio comunitária, promove segundo nossa visão maiores níveis de acesso democrático à sociedade por ser dentre as TIC's mais populares aquela que é a mais difundida, de menor custo e de mais fácil manuseio. Em concordância com Consani (2007), o rádio é uma tecnologia educativa por conta de três grupos de características próprias:

1) intrínsecas: liberdade imaginativa; atinge grandes parcelas da população; tem uma cobertura virtualmente global; simplicidade de produção; baixo custo e agilidade; 2) extrínsecas: seletividade de informações; valorização da oralidade; adaptabilidade a outras mídias; apresentação mais concisa dos fatos e identificação pessoal; e 3) potenciais: vocação educativa através da exposição oral; musicalidade e prestação de serviços de utilidade pública (p. 19).

Por essas qualidades tem melhores condições de atender às necessidades imediatas da comunidade. Segundo Kaplún (1994), é cada vez mais reconhecido o papel do rádio em promover a

(...) transmissão de valores, a promoção humana, o desenvolvimento integral do homem e das comunidades, em que se propõe a elevar o nível de consciência, estimular a reflexão e converter cada homem em agente ativo da transformação em seu meio natural, econômico e social (p. 22).

Arcoverde et al (2008) explica que desde a sua aparição em nosso país a rádio tem contribuído para a educação humana: “Rádio e Ciência, no Brasil, ligaram-se já desde a criação do veículo, em 1923, haja vista a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ter como objetivo levar educação e cultura ao povo brasileiro” (p. 8).

A Rádio Sociedade Rio de Janeiro foi inaugurada em 23 de abril de 1923 pelos professores Henrique Morize e Roquete Pinto, iniciando a educação radiofônica no Brasil, com a intenção de instruir as populações distantes dos grandes centros urbanos. “A proposta primava pela transmissão de músicas eruditas, leituras de obras literárias famosas, além de conferências e exposições” (GONTIJO, 2004 apud FARIAS, 2010 p. 39).

Não era nada parecida com a rádio que logo se faria no Brasil. Ao contrário, com o seu programa de “educação em massa”, a Rádio Sociedade parecia, a princípio, uma extensão da Academia de Ciências. Os acadêmicos faziam tudo: produziam, escreviam e apresentavam os programas. Roquette dava o exemplo, acordava todos os dias às 5 da manhã, lia os matutinos, circulava com seu lápis de duas cores tudo que lhe parecia interessante e, duas horas depois, estava diante do microfone apresentando o “Jornal da Manhã”. Lia as notícias, com destaque para o noticiário internacional, comentava-as para os ouvintes. Outros levavam discos das suas coleções de clássicos e óperas, colocavam-nos a tocar e falavam dos compositores, músicos e cantores. Ninguém era pago, era tudo por amor. E havia os que se apresentavam nos programas, recitando poesia, cantando ou tocando piano – entre os quais o próprio Roquette. [...] Os acadêmicos também davam palestras e cursos pelo microfone, de acordo com as suas especialidades: português, biologia, história, francês, geografia e até silvicultura (CASTRO, 1996, p. 6).

Após uma década, Roquete Pinto se juntou a Anísio Teixeira para lançar a Escola Municipal do Distrito Federal, que tinha como objetivo o desenvolvimento de cursos regulares pelo rádio.

Os alunos inscritos recebiam em casa o material didático e eram avaliados pelos trabalhos realizados na apostila que eram remetidos pelo correio ou entregues na sede da emissora. As dúvidas eram solucionadas em contato direto por telefone, cartas ou visita aos estúdios da emissora. (MOREIRA, 1991 apud FARIAS, 2010 p. 39).

Segundo Edgard Roquete-Pinto costumava dizer, “o rádio é a escola dos que não têm escola. É o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à

escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças, o consolador dos enfermos e o guia dos sãos (...)” (CASTRO, 1996, p. 12).

Especificamente sobre a rádio comunitária, Volpato (2010) afirma que as suas contribuições educacionais estão vinculadas à construção da cidadania dos sujeitos:

A participação na comunicação comunitária contribui para uma formação cidadã porque cria processos educativos que ampliam a consciência das pessoas e promove o desenvolvimento de habilidades, além de fazê-las experimentar novas experiências e conhecer outras realidades (p. 11).

No entanto, concordamos com a autora quando ela aponta que processos mais efetivos de educação e cidadania ocorrem a partir de níveis ampliados de participação proporcionados, não pela recepção passiva de mensagens através dos meios, mas através do fazer comunicação pelo uso destes meios, porque permite:

(...) nascer nos envolvidos um sentimento de compromisso, responsabilidade, de pertença a uma comunidade, de caráter cooperativo o que, sem dúvida, mobiliza com maior eficiência que pela simples veiculação de conteúdo (p. 10)

(...) Salienta-se que as pessoas, ao exercerem as funções de um veículo de comunicação, além de desenvolverem diversas capacidades como ampliar seus conhecimentos técnicos, aprender a falar em público, etc, ampliam a consciência do direito de ter direito (p. 3).

Peruzzo (1998) explica que o nível de participação varia de acordo com o tipo de rádio comunitária por isso as classifica em cinco tipos: “1) as eminentemente comunitárias; 2) as que estão sob controle de algumas pessoas; 3) as comerciais; 4) as de cunho político-eleitoral; 5) as de cunho religioso” (p. 9).

Sabemos que as rádios comunitárias exercem na maioria dos casos funções ligadas a vários desses aspectos, mas segundo a autora as eminentemente comunitárias tem as seguintes características: São produto da comunidade, feitas por ela de forma participativa, proporciona acesso democrático de produção radiofônica a todos; não tem fins lucrativos; valoriza a cultura local e o desenvolvimento da cidadania em sua programação.

É importante ressaltar que a rádio comunitária é bastante confundida com a denominada “rádio pirata”. Embora ambas sejam emissoras de baixa potência, para Pires e Miceli (1996 apud PERUZZO, 1998):

(...) a diferença entre rádio comunitária e uma pirata está em seu objetivo, ou seja, a comunitária não visa lucro, e sim a prestação de serviço. Já as piratas são emissoras que comercializam espaços em sua programação sem a participação dos moradores, considerando apenas o lado financeiro (p. 9-10).

Por não visar lucro, grande parte das rádios eminentemente comunitárias não tem ganhos expressivos quando comparadas às rádios comerciais e sobrevivem também de donativos da própria comunidade, como seus ouvintes e gestores. Arcoverde et al (2008) explica que essa dificuldade financeira aparece praticamente com o surgimento da rádio no Brasil na década de vinte (mesmo que ainda não fossem eminentemente comunitárias ou mesmo comunitárias) já que naquela época se chegou a um momento no qual as primeiras rádios já não conseguiam manter-se no ar sem incentivos de capitais monetários: (...) “No entanto, a sobrevivência das rádios se daria tomando o caminho da comercialização” (p. 8).

Entre outras dificuldades as rádios eminentemente comunitárias sofrem muitas vezes com burocracia para autorização de funcionamento, limitações de amplitude e modulação de frequência (podem trabalhar com FM, mas não com AM) em razão da própria legislação, perseguição política de suas lideranças, etc (VOLPATO, 2010).

Apesar dessas dificuldades, Volpato (2010) conclui em seu artigo que a participação social na produção de rádio comunitária propicia a formação de uma série de processos ambientalmente responsáveis (tanto em nível de concepção como de prática) para os sujeitos atuantes:

Observa-se que a proposta de promover a participação popular em mídias comunitárias com objetivos educativo-ambientais viabiliza, além da apreensão de conceitos e ideias, a sensibilização e a mobilização das pessoas sobre a importância e a necessidade de se preservar os ecossistemas e desenvolver hábitos ecologicamente saudáveis como a reciclagem do lixo, a utilização de produtos biodegradáveis, etc (p. 11-12).

Diferentemente do aprendizado adquirido quando da recepção de conteúdos de Educação Ambiental, a participação nos projetos de produção de mensagens midiáticas promove uma interiorização dos conteúdos discutidos e observados. Ou seja, a participação promove aprendizados mais eficazes do que a simples recepção de conteúdos (p. 12).

A preocupação em buscar-se cada vez mais essa liberdade comunicacional (fazer comunicação) é explicada principalmente pelo fato de que o rádio de longo alcance, assim como a maioria das tic's populares de grande porte encontram-se nas mãos de determinados grupos por todo o planeta e sua utilização se dá de acordo com interesses específicos que nem sempre coadunam com o da maioria da população e da causa ambiental como um todo. Portanto, como explica Volpato (2010):

O ato de fazer comunicação tem ainda uma função contrahegemônica, ou seja, caminhar em direção à construção de uma nova ordem comunicacional ligada às manifestações sócio culturais da comunidade e não aos interesses mercadológicos e, ainda, que rompe com a relação dominador/dominado, emissor/receptor (p.11).

Pudemos perceber no discurso dos autores citados que há uma forte relação entre o nível de participação na produção da comunicação, o tipo de rádio comunitária e a qualidade da educação alcançada. Encontramos certa dificuldade em encaixar as rádios de Glória do Goitá e Pombos dentro da classificação de Peruzzo (1998), pois as rádios desses municípios englobam pelo menos uma característica de cada um dos cinco tipos de classificação citados, não apresentando, assim, uma classificação definitiva. Optamos então por chamá-las simplesmente de comunitárias.

Volpato (2010) foca sua crítica principalmente na recepção passiva de mensagens que mantém as relações de domínio dos grandes meios para com os ouvintes. Afirma ainda que a produção participativa de rádio comunitária gera as diversas competências sociocognitivas acima citadas, ultrapassando as possibilidades educativas de ouvinte que apenas recebe passivamente as mensagens.

Embora partilhemos essas crenças ressaltamos a importância crucial em confirmá-las, por exemplo, através de estudos científicos de caso, comparativos, descritivos, etc, o que não foi constatado no artigo da autora. O nosso trabalho, por outro lado, não procura comparar as competências que emergem de jovens que produzem programas de rádio com as competências que sobressaem de seus ouvintes, mas saber se as práticas radiofônicas de grupos juvenis diferentes se relacionam com a concepção de meio ambiente. Queremos saber, assim, o que emerge dos próprios grupos estudados.

Estamos pressupondo então que mesmo sendo formados pela mesma instituição esses grupos devem apresentar particularidades quanto às suas práticas radiofônicas e às concepções de meio ambiente observadas, inicialmente pelo simples fato de se constituírem de pessoas diferentes com disposições imprevisíveis e condições diferenciadas de contexto.

De fato, a produção radiofônica comunitária de programas ambientais já é uma prática de Educação Ambiental. É também uma força contrahegemônica em tempos de domínio midiático como afirma Volpato (2010). Mas ainda que venhamos a atestar a presença de práticas radiofônicas plenamente educacionais que facilitem a promoção da concepção de meio ambiente, isto não garante por si só uma Educação Ambiental plena enquanto essas práticas não extrapolarem o ambiente da rádio alcançando a família, a escola, o bairro, o município etc em forma de discurso e de atitudes.

1.4 O DISCURSO DA MÍDIA DE MASSA: CONTRIBUIÇÃO À CIDADANIA AMBIENTAL OU À PERPETUAÇÃO DA PROBLEMÁTICA AMBIENTAL?

A mídia segundo Hernandez (2006 apud ARCOVERDE et al 2008):

(...) abrange um universo de instituições, organizações e estabelecimentos voltados para a produção e difusão de informações para públicos diversos, sendo assim, uma ciência multidisciplinar, movido pela cultura dos meios. Abrange veículos impressos (revistas, boletins, jornais, cartazes, folhetos etc.), audiovisuais (outdoors, televisão em canais abertos e em diversas modalidades pagas, filmes, vídeo, rádio etc.), mídia computadorizada (on-line), dentre outros (p. 4).

Consideraremos, a título de diferenciação, como grande mídia ou mídia de massa aquela que trabalha com alta frequência e tem longo alcance, já que, a mídia comunitária também poderia estar inclusa na definição de mídia proposta por Hernandes (2006).

A grande mídia em nossa concepção é altamente contraditória, pois mesmo quando tenta desenvolver processos de Educação Ambiental bombardeia o cidadão com a publicidade que só faz aumentar o consumo inconsciente, realimentando o ciclo de produção de bens que explora os recursos ambientais.

Como parte integrante do atual sistema político e econômico hegemônico, o trabalho da imprensa, de modo geral, não é suficiente para conscientizar ambientalmente as pessoas. Sua clara dependência em relação à publicidade e, logicamente, às grandes empresas, freqüentemente, responsáveis por graves danos ambientais, além de abordagens levianas e, por vezes, errôneas de tais questões, limitam a atuação, particularmente, da Grande Mídia (ANDREONI; REIS, 2008, p. 8).

A mídia de massa reforça ainda, como aponta Noal (2000) a linearização dos hábitos de consumo e, por consequência, das culturas locais.

(...) o mundo “infiltra-se” nas pessoas, de forma lenta e imperceptível, por meio da cultura de massa, dos meios de comunicação, da publicidade mediada pelas técnicas eletrônicas que desterritorializam as idéias, as pessoas e também as coisas, modificando e padronizando o consumo e as atitudes (p. 72).

Entretanto, embora os atuais padrões de produção e consumo, reforçados pela mídia hegemônica, “estejam nas raízes da crise ambiental se configurando como socialmente injustos e ecologicamente insustentáveis”, defini-los como causa única dessa crise, parece ser um equívoco, pois ela se deve a “um conjunto de variáveis interconexas que se dão em bases sociais, econômicas, culturais e políticas, estruturalmente desiguais, que conformam a sociedade capitalista” (ZACARIAS, 2009, p. 136).

Ainda assim, acompanha-se de fato através da grande mídia um amontoado de mensagens auditivas e/ou visuais contraditórias e distorcidas: as catástrofes

ambientais são expostas de forma sensacionalista, superficial e não relacionadas ao modelo de produção social.

A mídia, que desempenha fundamental papel na era da informação, não tem proporcionado o devido espaço à problemática, situando-a isoladamente, em uma narrativa que tende a expressar-se como dramática, romântica e apolítica. Além disso, incorre no equívoco de trazer para o indivíduo e para o plano comportamental a responsabilidade pela crise ecológica. A apresentação dos desastres ambientais parece dificultar aos espectadores o estabelecimento de nexos entre o fato e a dinâmica social (LOUREIRO, 2000, p. 25).

Segundo Quintas (2009, p. 45-46), a abordagem de que a superação da crise ambiental deverá ser alcançada pelo somatório de boas condutas individuais para com o meio, resultando na sustentabilidade, “evidencia uma leitura acrítica e ingênua sobre a problemática ambiental e aponta para uma prática pedagógica prescritiva e reprodutiva”, pois, entre outros argumentos, a assunção de práticas de proteção ambiental consequentes numa sociedade massificada e complexa como a nossa, pode estar além da possibilidade da maioria das pessoas.

Ainda de acordo com Quintas (2009, p. 46-47), a concepção de Educação Ambiental deveria basear-se pela transformação social a partir da “compreensão e busca da superação das causas estruturais da crise ambiental, sempre partindo de situações concretas, por meio da ação coletiva e organizada”. Nessa perspectiva, “o processo educativo deveria pautar-se por uma postura dialógica, problematizadora, comprometida e emancipatória” em que o indivíduo se transforma transformando a sociedade.

A cidadania “entendida como um processo cultural permanente de formação e capacitação dos humanos para o exercício qualificado da soberania” (SILVA, 2010) surge justamente desse processo educativo emancipatório. Mas não nos referimos como lembra Loureiro (2000) àquela “concepção clássica de cidadania” que é “cumulativa e passiva, não atendendo à demanda de inclusão na sociedade global e de construção de uma responsabilidade ativa” (p. 29) além de estar “pautada exclusivamente nas eleições” dificultando “que a sociedade civil participe mais ativamente na definição de mecanismos que assegurem a qualidade ambiental” (p. 34). É preciso sim, substituí-la pela cidadania ambiental que segundo Silva (2010) tem seu sentido amplificado com a Educação Ambiental:

Com a Educação Ambiental surge uma transcendência deste conceito de cidadania, no qual ao território político objeto da soberania é agregado conceitos difusos tais como ecossistemas, espécies naturais, bacias hidrográficas, unidades de conservação, cidades, qualidade de vida, pobreza, violência, poluição, diferentes níveis de realidade, complexidades, entre outros e ao exercício individual de direitos e deveres é somado a ação civil pública, exercida de forma representativa, participativa e qualificada, em prol do que é melhor para todos. A esta nova forma de participação cidadã, chamamos de cidadania ambiental (online).

Essa compreensão global e interconectada do que é a cidadania ambiental ainda permanece distante do discurso midiático de massa. O programa que se restringe a noticiar o desastre ambiental é intercalado pela propaganda empresarial que deturpa o significado de desenvolvimento sustentável e reduz os conceitos de Educação Ambiental e responsabilidade socioambiental ao plantio de mudas e à reciclagem de lixo, por exemplo. Isso acontece porque conforme explica Marrul Filho (2003 apud QUINTAS, 2009):

(...) os atores sociais se movem, em seus discursos e práticas, buscando legitimá-los, ou sendo por outros deslegitimados de modo a prevalecerem aqueles(as) [discursos e práticas] que vão construir autoridade par falar em sustentabilidade e, assim, discriminar, em seu nome, aquelas práticas que são sustentáveis ou não (p. 51).

Esse fato é bastante preocupante, visto que a mídia de massa se configura como grande formadora de opinião, ainda que, em muitos casos, de caráter superficial, como colocam Andreoni e Reis (2008).

(...) é notável o fato de que reportagens e outros textos que abordam temas ambientais utilizam termos freqüentemente impróprios no que se refere ao contexto e até à semântica, visto que jargões e certos vocábulos científicos, bastante utilizados nesse campo, historicamente, sempre foram mal compreendidos (...) são recorrentemente usados de forma aleatória, o que gera confusão no leitor/espectador/ouvinte, não contribuindo para que o mesmo reflita criticamente sobre o fato noticiado (p. 7).

Segundo Dutra (2005 apud MIGUEL, 2008, p. 13), “a falta de conceitualização específica nos termos centrais da questão ambiental pretende “uma linguagem

universal, ou ao menos consumível pelo maior número possível de telespectadores/ouvintes/leitores”. Miguel (2008, p. 14) acrescenta que embora a temática ambiental esteja cada vez mais presente nos veículos midiáticos, “ela ainda não é abordada de maneira adequada, contextualizada, englobando a complexidade do tema. Reproduz sim o fundo arcaico do colonialismo, idéias positivistas, antropocêntricas, e por vezes, cientificistas”.

De acordo com Tavares e Meireles (2008), a comunicação social assume o caráter de instrumento de mobilização social de acordo com a maneira que as mensagens chegam ao receptor, relacionando-se ao modo como elas são absorvidas e convertidas em decisões. Ainda segundo Pichelli et al (2006),

(...) não basta somente utilizar os grandes meios de comunicação de massa para conseguir uma efetiva transformação no cotidiano das pessoas. Percebe-se um erro muito grande quando a comunicação é vista como um fim em si mesma (...) O uso de diferentes técnicas de comunicação dirigida e integrada alicerçadas ao planejamento constituem em fatores preponderantes quando se pretende buscar o equilíbrio entre o que é de interesse de quem informa e de quem a recebe. Simplório seria acreditarmos que a comunicação se resume a divulgar e produzir materiais. Há necessidade de planejá-los a cada público de acordo com a sua realidade e necessidade (p. 7).

De acordo com Andreoni e Reis (2008, p. 4-5), a comunicação ambiental tem duas faces: a teórica e a prática. Em seu viés teórico deve ser compreendida como

(...) um campo de conhecimento acadêmico específico, que propõe a análise das mensagens da mídia (textos, imagens, etc.) relativas ao meio-ambiente e seus efeitos na sociedade. Esse estudo, para ser realizado de forma satisfatória, deve relacionar tais mensagens aos aspectos políticos, econômicos e culturais que são intrínsecos aos textos da mídia, e que conferem os diferentes tons que mensagens sobre um mesmo assunto podem apresentar; isto é, esses aspectos são responsáveis, em alguma medida, pela forma como uma notícia ou documentário abordam determinado assunto.

Já em sua forma prática,

(...) a comunicação ambiental abre espaço para o desenvolvimento de uma técnica de comunicação especializada em assuntos ambientais, cuja aplicação (...) poderá tornar claras à população em geral informações relativas ao meio ambiente, que estão inseridas

num contexto complexo, caracterizado pela interdisciplinaridade e pelo uso de termos científicos específicos (...) a relevância da comunicação ambiental é justificada, entre outros aspectos, pela necessidade de se utilizar termos, expressões e vocábulos, sejam os mesmos científicos ou não, mais adequados ao contexto ambiental - global e local - e eficazes no sentido de produzirem uma reação ou sentimento na massa que conduza à ação, à manifestação, à transformação.

A respeito da relação entre comunicação, conhecimento e ação, Quintas (2009, p. 60) defende que “a essência da educação no processo de gestão ambiental está em tomar o ato de conhecer como inseparável do ato de agir, e vice versa, na perspectiva do protagonismo dos sujeitos da ação educativa”. A importância do cidadão mobilizar-se para a gestão do ambiente deve-se ao fato que ela nunca é feita de forma neutra pelo poder público e na maioria das vezes acaba por atender aos interesses mercantilistas de uma minoria.

O estado ao assumir determinada postura diante de um problema ambiental, esta de fato definindo quem ficará, na sociedade e no país, com os custos, e quem ficará com os benefícios advindos da ação antrópica sobre o meio, seja ele físico, natural ou construído (QUINTAS E GUALDA, 1995 apud QUINTAS, 2009, p. 53).

Nesse sentido, Santos (2006) chama atenção para existência de forças dinâmicas e com interesses diversos na sociedade:

O equilíbrio entre Estado e Mercado é obtido por pressão do princípio da comunidade enquanto campo e lógica das lutas sociais de classe que estiveram na base das conquistas dos direitos sociais. A comunidade assenta na obrigação política horizontal entre indivíduos ou grupos sociais e na solidariedade que dela decorre, uma solidariedade participativa e concreta, isto é, socialmente contextualizada (p. 244).

Entretanto, segundo Layrargues (2009) a própria comunidade ambiental que “representa a força social sustentabilista, aquela que em termos gerais procura mudar a relação entre o ser humano e a natureza e trabalha para que a crise ambiental seja revertida” (...)

(...) deseja diferentes tipos de mudança, uns querem que sejam profundas e radicais, contemplando o âmbito ético e paradigmático,

outros se contentam que sejam apenas superficiais, reformando os sistemas sociais, para que a mudança ambiental seja efetuada mantendo intactos os mecanismos de reprodução social, sem qualquer alteração das relações de poder, e o fato é que estes interesses se confundem com os das forças desenvolvimentistas (...) (p. 16).

O discurso que atribui à Educação Ambiental papel crítico, transformador e emancipatório sugere que a primeira opção seja a mais coerente na busca por uma sociedade menos justa e desigual ambientalmente, mesmo considerando “a sociedade como lugar de conflitos e a existência deles como inerente à dinâmica social” (QUINTAS, 2009, p. 48).

Percebemos uma diversidade de opiniões nos autores citados que em alguns momentos pode passar ao leitor a impressão de que suas idéias divergem sobre a responsabilidade da grande mídia e dos diversos setores sociais frente à crise ambiental. Preferimos compreender as diferentes opiniões como um reflexo natural da complexidade dos ecossistemas propriamente ditos e dos sistemas sociais humanos. Se a problemática ambiental é complexa, o discurso e o tipo de visão exigidos para solucioná-la não poderiam ter características diferentes.

De fato a grande mídia esta despreparada para instruir ambientalmente a população por pelo menos dois fatores: a falta de profissionais capacitados sobre as questões ambientais trabalhando nesses meios e o confronto de interesses entre a causa ambiental e o sistema capitalista que regula e sustenta as corporações midiáticas. Vimos anteriormente autores que defendiam a falta de cientificidade do discurso midiático superficialista enquanto outros afirmaram a importância da linguagem acessível, em Educação Ambiental.

Somos da opinião que conceitos complexos podem ser trabalhados dentro do discurso da grande mídia. A reconfiguração da linguagem culta à popular já é uma atividade corriqueira do profissional comunicador, independente da tecnologia empregada. Conceitos ambientais que costumam ser confundidos podem perfeitamente ser trabalhados sem a erudição que segrega e privilegia uma minoria intelectual em detrimento da maior parte da sociedade. Esperamos, aliás, confirmar essa ideia neste trabalho a partir da análise do conteúdo dos programas radiofônicos de Educação Ambiental.

Acreditamos por outro lado que a mídia comunitária ou de massa é apenas parte de um conjunto social de instituições públicas e privadas, governamentais e

não governamentais, de coletividades e indivíduos que tem cada qual a sua parcela de responsabilidade. O cidadão que tem direitos também deveres a cumprir. A própria legislação ambiental fornece essa orientação:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988, art. 225).

As atitudes individuais são, portanto, essenciais no nosso ponto de vista, mas precisam ser comportamentos críticos de sujeitos que refletem e entendem o que fazem, porque fazem e o objetivo que querem alcançar. Fora desse pensamento teremos apenas condutas reprodutivistas como colocou Quintas (2009). A cidadania ambiental se efetiva a partir da consciência dessa realidade.

As próprias instituições, responsáveis em maior ou menor escala pelo modelo civilizatório de exploração de recursos naturais, produção e consumo de bens, são dirigidas por indivíduos que estão sofrendo as consequências da crise ambiental que não escolhe classe social, guardando logicamente as devidas proporções em relação aos prejuízos causados aos pobres e aos ricos.

A iniciativa da ONG que formou os jovens sujeitos dessa pesquisa é um exemplo de movimento social que apóia, como explica Quintas (2009), caminhos alternativos de cidadania ambiental; incentiva a postura dialógica, problematizadora, comprometida e emancipatória; e promove o desenvolvimento do sujeito político que interfere na distribuição dos custos e benefícios das atividades antrópicas.

A ONG GIRAL (Grupo de informática, Comunicação e Ação Local) visa também as mudanças profundas de cunho ético e paradigmático que segundo Layrargues (2009) assegurarão a transformação social significativa e não reprodutora de modelos civilizatórios insustentáveis. Somos da opinião que a entidade representa um exemplo de força dinâmica que contribui para o equilíbrio entre os princípios do Estado, do Mercado e da Comunidade, dando continuidade ao histórico de conquistas de direitos alcançados por pressão social, como explicado anteriormente por Santos (2006).

Finalmente, acreditamos que todas essas conquistas citadas perpassam os ideais da ONG e que a sua metodologia formativa seja baseada em princípios pró-

ativos aonde os sujeitos não se limitem ao discurso da mídia, mas dominem os meios tecnológicos e tomem a responsabilidade para si por compreenderem a defasagem de um sistema que já não dá conta de sua difícil realidade. A procura dos jovens pelo poder de se comunicar com a comunidade, as suas práticas radiofônicas e a repercussão destas em suas concepções de meio ambiente são os passos iniciais para mudanças mais profundas em seus municípios.

1.5 EDUCOMUNICAÇÃO: ORIGEM E CARACTERÍSTICAS

De acordo com a linha de pensamento desenvolvida até agora e a qual concordamos, o espectador, enquanto receptor passivo de pólos de emissões hegemônicas, se torna refém de conceitualizações perpetuadoras de uma visão incipiente e fragmentada da problemática ambiental. Quando procura se engajar em causas ambientais limita-se a reproduzir o discurso normalizante da grande mídia ou cai no ativismo ambiental da prática pela prática sem a devida conscientização crítica.

Há, ainda assim, muitos autores como Andreoni e Reis (2008) e Pichelli (2006), citados no item anterior, que crêem ser possível promover uma conscientização educativa e transformadora em prol da causa ambiental através dos meios, e segundo o modelo emissor-receptor, desde que haja o tratamento adequado do conteúdo da mensagem e da sua adequação ao público alvo. Essa característica chama atenção, pois há uma relação entre comunicação e educação que já vem sendo discutida há muitos anos entre alguns estudiosos.

A esse respeito, defende-se cada vez mais o ponto de vista de que uma educação emancipatória e transformadora da realidade só é verdadeiramente alcançada quando mediada por processos comunicativos em oposição ao modelo tradicional de ensino, pautado pela mera transmissão de informações por via única educador-aprendiz. Nesse sentido, o modelo emissão – recepção característico dos grandes meios não possibilitaria uma comunicação entre os pólos vivos, mas apenas a transmissão de informações através das tic's.

O reforço desse pensamento no Brasil se deve em grande parte às idéias de Paulo Freire (1825-1997) que:

reviu as teorias da comunicação vigentes até a década de 70 e lançou as bases para uma nova pedagogia. Ele reafirmou a “educação para os meios” como atividade inerente aos programas de alfabetização e de educação popular. Ainda na década de 60, fundamentou o ensino-aprendizagem em ambientes interativos utilizando o rádio em programas de alfabetização à distância através do Movimento de Educação de Base (MEB) (FARIAS, 2010 p. 22).

Segundo Freire (2002, apud BRASIL/MMA, 2005a p. 10) não era possível “chegar à plenitude na comunicação sem uma consciência educativa nem alcançar uma educação globalizante sem a instrumentalização comunicativa, sendo as duas coisas mutuamente complementares”. Ainda segundo o autor, “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1988, p. 69).

Nessa perspectiva, (BRASIL/MMA 2005a) concorda ao afirmar que

(...) o pensamento pedagógico brasileiro já avançou razoavelmente em compreender que não se pode ter a pretensão ou ilusão de que devamos ou poderemos “conscientizar” o outro, ou seja, impor consciência. A consciência é uma resultante da compreensão, que não tem tempo marcado para acontecer, nem garantia para nivelamento ou equanimidade (p. 15).

Paulo Freire, inclusive, vai mais além e diferencia os significados de consciência, tomada de consciência e conscientização. Para ele esta última é uma evolução em relação às duas primeiras em que só se pode chegar através do desvelamento da realidade concreta pelo homem que se socializa com os outros homens e com o mundo através do trabalho e descobre o caráter reflexivo, temporal e transformador dessa relação (FREIRE, 1983)

O homem não é apenas o que é, mas também o que foi; daí que *esteja sendo*, o que é próprio da existência humana. Daí que seja este um processo que se dá no tempo mesmo dos homens enquanto a vida do animal e do vegetal se dá num tempo que não lhes pertence, desde que lhes falta a consciência reflexiva de seu estar ao mundo (p. 41).

Uma de suas preocupações básicas (da educação) (...) deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos

homens enquanto agem, enquanto trabalham. Assim como a tomada de consciência não se dá nos homens isolados, mas enquanto travam entre si e o mundo relações de transformação, assim também somente aí pode a conscientização instaurar-se. A tomada de consciência, como uma operação própria do homem, resulta, (...) de sua defrontação com o mundo, com a realidade concreta, que se lhe torna presente como uma objetivação (p. 53).

Se a tomada de consciência, ultrapassando a mera apreensão da presença do fato, o coloca, de forma crítica, num sistema de relações, dentro da totalidade em que se deu, é que, superando-se a si mesma, aprofundando-se, se tornou conscientização. (p. 54).

Assim como Paulo Freire, Célestin Freinet (1896-1966) também é apontado como fundador da perspectiva que interrelaciona de forma intrínseca comunicação e educação, especialmente por defender o uso da comunicação como forma de expressão de crianças e adolescentes.

Jesús Martín Barbero tem sido, também, bastante lembrado pelas suas reflexões sobre a relação entre comunicação e cultura e as teorias das mediações assim como o comunicador argentino Mário Kaplún (1924-1998), “pioneiro, na América Latina, no campo dos estudos que relacionam a comunicação com os processos educativos, que ao fundir os termos educação e comunicação” (SOARES, 2010a, p. 2), “cria o primeiro passo para oficializar o novo campo da educomunicação, ainda que, para ele, essa expressão designasse apenas a prática da leitura crítica dos meios de comunicação” (SOARES, 2004 apud BRASIL/MMA, 2005a, p. 12).

De acordo com Kaplún (1998 apud FARIAS, 2010), no livro “Una pedagogía de la comunicación” a comunicação educativa deveria começar partindo da pré-alimentação:

Mais do que *feedback* ou retro-alimentação, o processo deve iniciar na busca que devemos fazer aos destinatários das mensagens para escutá-los. Assim, as mensagens podem efetivamente representá-los e refletir suas necessidades. Essa concepção rompe com o modelo clássico “emissor-mensagem-receptor”. De acordo com o autor, o primeiro passo consiste em colocar o destinatário não somente no final do esquema, mas principalmente no princípio: originando as mensagens, inspirando-as, como fonte de pré-alimentação (p. 26).

Mas foi o professor brasileiro Ismar de Oliveira Soares que contribuiu para a ampliação do sentido do termo educomunicação ao coordenar a pesquisa sobre a

relação Comunicação/Educação, entre 1997 e 1998, junto ao Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE), e que contou com o apoio de pesquisadores da UNIFACS-BA (SOARES, 2010a). A partir desse momento, visualizaram-se de forma mais clara as linhas de pesquisa vigentes nessa nova área de estudo, as quais passaram a ser (SOARES, 1999, p. 65):

1. “Educação para a Comunicação”, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os emissores e receptores, assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos sobre os meios.
2. “Mediação Tecnológica na Educação”, preocupa-se com os múltiplos usos das antigas e modernas tecnologias na educação. O foco é na pergunta: “a comunidade educativa, como um todo, pode ter acesso a elas como expressão comunicativa?”
3. “Expressão comunicativa através das Artes” é todo o esforço de produção cultural, como meio de auto-expressão de pessoas e grupos.
4. “Gestão Comunicativa” designa toda ação voltada para o planejamento, execução e avaliação de atividades de intervenção social no espaço da inter-relação Comunicação/Cultura/Educação.
5. “Reflexão epistemológica sobre a inter-relação Comunicação / Educação” corresponde aos estudos sobre a natureza desse fenômeno.

Nesta pesquisa latinoamericana realizada pela ECA/USP foram utilizados instrumentos clássicos de investigação, como questionário exploratório junto a uma amostragem significativa (400 questionários com resposta de 178 cientistas de 12 países da América Latina), entrevistas diretas com 25 especialistas, workshops, seminários e congressos, para coleta de dados *a posteriori*. Os resultados, segundo Monteiro e Feldman (1999, p. 116), também apresentaram o delineamento do perfil dos profissionais que trabalhavam nas áreas de relação, estando estes distribuídos em quatro gerações.

1º) Formada por fundadores do campo, com nomes como Paulo Freire (Brasil), Mario Kaplún (Uruguai), Jesus Martín-Barbero (Colômbia), Daniel Prietto (Argentina), Francisco Gutiérrez (Costa Rica), entre outros.

2º) Composta pelos especialistas entre seus 35 e 55 anos, que hoje coordenam projetos de pesquisa e de intervenção em todos os países, destacando-se nomes como Maria Teresa Quiróz (Peru);

Washington Uranga, Jorge Huergo e Marita Mata (Argentina); Pablo Ramos (Cuba); Guillermo Orozco (México); José Luiz Olivari (Chile); Cristina Balestra (Uruguai); Ronald Greve (Bolívia); Rolando Calle (Equador); José Martinez de Toda (Venezuela); Sérgio Gomes, Bete Carmona, Fernando Rossetti, Marlene Blois e outros (Brasil).

3º) Constituída por jovens profissionais, entre 25 e 35 anos, que coordenam projetos de educomunicação em TVs e rádios educativas, escolas, centros culturais, secretarias e departamentos governamentais, como Eduardo Monteiro, Márcia Feldman e outros pesquisadores do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP).

4º) A quarta geração é formada por jovens vocacionados para o novo campo e que atuam em projetos colaborativos. São os jovens que estão na graduação ou recém egressos das Faculdades de Educação ou Comunicação, ou de outras áreas das Ciências Sociais.

Os idealizadores da ONG que promoveu a formação em radiocomunicação para os jovens participantes de nossa pesquisa se enquadrariam na 3ª geração descrita. Já os jovens não se encaixam nesta classificação, por não serem especialistas, profissionais ou estudantes de graduação, mas recém egressos do ensino médio. Nesta perspectiva, o nosso estudo deverá contribuir para o acréscimo de uma quinta geração, composta por jovens com menos de vinte e cinco anos de idade que estudaram em escolas públicas e participam de projetos de entidades sociais, cujos objetivos também inclui a profissionalização dos formandos, tornando-os autônomos para multiplicarem as suas práticas.

Uma outra pesquisa realizada nos Estados Unidos, entre 1999 e 2000, pela *Marquette University*, localizada na cidade de Milwaukee, no estado do Wisconsin, também corroborou a idéia de que o surgimento de um novo campo na interface comunicação / educação vem se firmando. Neste estudo foi observado que a área em emergência abrange fundamentalmente dois tópicos ou subáreas (FARIAS, 2010):

as “mediações tecnológicas nos espaços educativos”, apontando para a necessidade de preparar os educadores para o uso adequado dos novos recursos, tanto no ensino-aprendizagem, quanto na incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais (information literacy); e a “educação frente aos meios de comunicação”, direcionada ao impacto do sistema de meios sobre crianças e adolescentes (media literacy) (p. 20).

Ainda assim, usaremos como referência a classificação de Soares (1999) por ser mais abrangente. Dentre as linhas de pesquisa mais acima, diagnosticadas pelo autor, podemos notar que a linha 4. explicita a área de pesquisa que estuda a gestão comunicativa e a criação de ecossistemas comunicativos. A esse respeito, ressaltamos que a educomunicação não necessariamente precisa envolver tecnologias da informação e comunicação propriamente ditas, como televisão, rádio, computador, impresso. Mas poderíamos perfeitamente estar utilizando outras tecnologias como o lápis, o papel, a própria linguagem, etc. O importante é que haja de fato a criação desses ecossistemas onde sejam trabalhadas as interfaces comunicação/Educação/Cultura.

O nosso estudo se enquadra na linha de pesquisa 2. pois procura refletir sobre como os procedimentos e usos da rádio comunitária se relacionam com a educação dos jovens comunicadores ao nível das concepções de meio ambiente que são desenvolvidas nesse processo. Mas também estaremos lidando de certa forma com a formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios (linha de pesquisa 1.) pois embora os jovens desempenhem o papel de emissores dentro da rádio comunitária acreditamos, por exemplo, que quando há pesquisas e discussões em torno do conteúdo, eles constroem visões particulares e questionadoras acerca das temáticas ambientais veiculadas pela grande mídia.

As linhas de pesquisa evidenciadas pelo professor Ismar Soares demonstram que a inserção das tic's no contexto pedagógico, ou vice versa, evolui à medida que estudos realizados nas mais diversas localidades vêm tentando demonstrar o papel desses artefatos tecnológicos no estabelecimento de ecossistemas educativos nos mais diversos espaços. A ampliação do significado do termo "Educomunicação" trouxe, portanto, à tona não apenas a necessidade de se encarar as tecnologias da informação e comunicação (tic's) através de uma postura crítica, mas também a possibilidade de sua apropriação e uso por pessoas comuns, por meios dialógicos e para fins educativos.

De forma análoga, a educomunicação socioambiental também não deve ser encarada como transferência de informações de cunho ambiental, mas como saber construído de forma comunicativa aonde interagem educador, educando, tecnologia e objeto de conhecimento, com vistas ao desenvolvimento de uma conscientização ecológica crítica, bioética e potencialmente transformadora da realidade.

No transcorrer deste item, mais uma vez nos deparamos com uma discussão entre autores sobre a eficácia de dois modelos pedagógicos: o informativo, pautado pela emissão-recepção de mensagens, dominante na educação formal e nos meios midiáticos; e o de produção comunicativa de mensagens através do apoderamento tecnológico, ainda em emergência.

Defendemos nesse trabalho, o segundo modelo como promotor aos sujeitos de transformações íntimas e potencialmente exteriorizantes. Não afirmamos que um ou outro não seja eficaz, mas que o segundo, quando utilizado de forma educ comunicativa repercute em desenvolvimento de competências sociocognitivas, entre as quais, o processo de concepção de meio ambiente. Não analisaremos assim, práticas cotidianas ecologicamente corretas que nascem de concepções desenvolvidas no ambiente da rádio comunitária, mas concepções de meio ambiente que se desenvolvem a partir de práticas radiofônicas.

1.6 ALGUNS REFERENCIAIS HISTÓRICOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA A CONSTRUÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL

Embora as origens da Educomunicação, abordadas no item anterior, também se constituam como referenciais históricos da Educomunicação Socioambiental, resolvemos tratá-los em separado apenas para fins didáticos. Se uma série de antecedentes e instrumentos legais não levam em conta os potenciais educativos diferentes associados aos atos de informar e se comunicar, há certamente um esforço, por parte deles, em nortear as políticas públicas para o trabalho da Educação Ambiental, formal, não formal ou informal, mediada por processos informativos ou comunicativos, mediáticos ou não, no intuito de sensibilizar, diminuir as desigualdades sociais, promover o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida.

A Agenda 21 global, por exemplo, em seu Capítulo 36 (Promoção do ensino, da Conscientização e do Treinamento), chama a atenção para a pouca consciência sobre a inter-relação existente entre todas as atividades humanas e o meio ambiente, associando isso à insuficiência ou inexatidão da informação ambiental. Ressalta assim, a importância de estimular os países e as organizações regionais,

quando apropriado, a proporcionar serviços de informação pública sobre meio ambiente e desenvolvimento a fim de aumentar a consciência do público em geral (CNUMAD, 1997).

Um outro documento que contém capítulo com pauta política para os meios de comunicação é o Relatório do Fórum das ONG's Brasileiras preparatório para a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, evento paralelo à Rio-92 e que apresenta os seguintes itens (BRASIL/MMA, 2005a):

- Promover através da legislação e de iniciativas locais, a democratização dos meios de comunicação;
- Incentivar através de órgãos governamentais ou não, a disseminação de meios de comunicação locais e comunitários;
- Desenvolver programas de formação e treinamento de profissionais da mídia na área do desenvolvimento socioambiental, tanto no âmbito sindical, quanto nas universidades;
- Estabelecer com organismos internacionais, sistemas de cooperação e apoio a meios alternativos, criando um fundo comum destinado à comunidade, como parte dos tratados internacionais pós-Rio 92 (p. 15).

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, publicado durante a Rio-92, também enfatiza o potencial dos meios de comunicação em contribuir para o processo de Educação Ambiental.

A Educação Ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade. A comunicação é um direito inalienável e os meios de comunicação de massa devem ser transformados em um canal privilegiado de educação, não somente disseminando informações em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores (BRASIL/MMA, 2005b, p. 59).

Já, a Carta da Terra é o resultado de uma série de debates interculturais sobre objetivos comuns e valores compartilhados, realizados em todo o mundo por mais de uma década e coloca a responsabilidade de “integrar, na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessários para um modo de vida sustentável” e “intensificar o papel dos meios de

comunicação de massa no sentido de aumentar a sensibilização para os desafios ecológicos e sociais” (CARTA DA TERRA, 2010 p. 6)¹.

A Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade (1997), realizada em Tessalônica, “reafirmou, sobre o processo coletivo de aprendizado na Educação Ambiental que a participação paritária” e “o diálogo contínuo é requerido entre governos, autoridades locais, comunidade educacional e científica, empresas, consumidores, ONG’s, mídias e outros, em vista da revisão dos padrões de produção e consumo, rumo a sustentabilidade”, de onde se depreende um papel central articulador das ações comunicativas mediáticas e não mediáticas (BRASIL/MMA, 2005a, p.15-16).

A UNESCO corrobora a perspectiva da aproximação entre comunicação e mídia na conscientização pública para o desenvolvimento sustentável, através da publicação do documento Educação para um Futuro Sustentável: uma visão transdisciplinar para uma ação compartilhada (UNESCO/IBAMA/SEMA, 1999).

No Brasil, a importância da mídia para a Educação Ambiental é reconhecida, também, pela Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). Essa lei diz que todos têm direito à Educação Ambiental, cabendo aos meios de comunicação “colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação” (BRASIL, 1999).

Já a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL/MEC, 1996) abriu leque para a introdução da educação para a comunicação nos currículos. Os Parâmetros Curriculares para o ensino fundamental apontaram a necessidade de uma aproximação ao mundo da comunicação, já as normas para a reforma do ensino médio estabelecem que quase um terço dos conteúdos precisam ser construídos levando em conta a presença das tecnologias e dos meios de comunicação na educação social (SOARES, 2002).

Não é possível também, em pleno século 21, abrir mão dos recursos oferecidos pela tecnologia da informação e da comunicação e da capacitação dos professores para a utilização plena desses recursos. Nas últimas décadas, o custo financeiro desses equipamentos tem decrescido na mesma proporção da sua crescente relevância para a formação de alunos e professores, de forma que é inadiável nosso

¹ Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc

esforço em mudar atitudes refratárias a seu uso, uma vez que estão amplamente disseminados na vida social em geral (BRASIL/MEC, 1999, p. 142).

Outro instrumento legal que também procura aproximar educação e comunicação, especificamente, num viés ambiental, é o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), o qual, explicita em sua linha de ação “Comunicação para a Educação Ambiental” a importância do estímulo e apoio:

à veiculação de informações de caráter educativo sobre meio ambiente, em linguagem acessível a todos, por intermédio dos meios de comunicação em geral; ao desencadeamento de processos de sensibilização da sociedade para os problemas ambientais por intermédio da articulação entre os meios de comunicação e à criação de canais de acesso às informações ambientais que possam ser utilizadas na produção de programação, veiculação de notícias, em debates e outras formas de comunicação social (BRASIL/MMA, 2005b, p. 48).

Em busca de sistematizar essa linha de ação do ProNEA e ao mesmo tempo atender a uma demanda por uma política de comunicação ambiental no âmbito do Ministério do Meio Ambiente, ocorre em 2003 a plenária da I Conferência Nacional de Meio Ambiente em Brasília, onde foi aprovada:

(...) uma moção que solicitou a construção participativa de uma política nacional de comunicação ambiental. Em dezembro do mesmo ano, ocorreu o 4º Seminário de Comunicação e Meio Ambiente no Brasil, realizado em Brasília, que teve como público alvo o próprio governo. O evento abordou os seguintes aspectos: parceria entre público e privado, campanhas educacionais; relação mídia-meio ambiente e sociedade; democratização da informação ambiental e marketing ambiental (BRASIL/MMA, 2005a, p. 16).

E, em 2004, durante a I Oficina de Comunicação e Educação Ambiental, em Brasília, surgem os últimos elementos para a construção de um programa de comunicação ambiental na perspectiva da Educomunicação (BRASIL/MMA, 2005a). Dessa forma, nasce em 2005 o Programa de Educomunicação Socioambiental² tendo como alicerces teóricos as ideias de grandes estudiosos da comunicação e da

² Disponível em http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf

educação, especialmente latino-americanos, como Jesus Martín Barbero, Mario Kaplún, Martin Buber e Paulo Freire.

O amadurecimento da proposta influencia a realização de um projeto em 2007 no Rio de Janeiro, que resultou da parceria entre as Secretarias de Estado do Ambiente (SEA), de Educação (SEEDUC), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e da entidade social Viva Rio, sendo financiado pelo Fundo Estadual de Conservação e Desenvolvimento Urbano (FECAM). Inicialmente conhecido como Radio@Escola.Com, o projeto “Nas Ondas do Ambiente” atendeu 183 instituições da rede pública do Rio de Janeiro, contempladas com equipamentos de rádio do Ministério da Educação, através do Programa de Ensino Médio (PROMED) (SEA, 2010).

Até 2008, o projeto passou por 48 Unidades Escolares (UEs), somente na capital, totalizando 360 participantes (professores, estudantes e comunicadores comunitários) de oficinas de técnicas radiofônicas e temas socioambientais. Os alunos que concluíram 70% das aulas de rádio, além da certificação, receberam um CD individual com todo o material radiofônico produzido durante os quatro encontros (total de 32 horas). Desde o início do programa quase mil escolas foram contempladas com o curso, sendo dois mil formandos no total, entre alunos e professores (SEA, 2010)³.

Embora os diversos documentos citados até agora tenham buscado relacionar informação ou comunicação com educação e/ou Educação Ambiental nenhum deles explica e defende tão claramente quanto o Programa de Educomunicação Socioambiental a perspectiva de uma Educação Ambiental associada a processos práticos dialógicos mediados pelas tic's para o desenvolvimento efetivo da consciência crítica e da cidadania dos sujeitos em interação.

Vimos que ora os antecedentes citados defenderam a transmissão de informações ambientais para aumentar o nível de consciência e a sensibilização, ora ressaltaram a importância da democratização dos meios para a comunicação ambiental igualitária. Percebemos ainda nesses referenciais a não diferenciação entre os atos de informar e comunicar. Nossa postura acerca dessas questões já foi pronunciada anteriormente.

³ Informações disponíveis no site do projeto: <http://www.ambiente.rj.gov.br/pages/sup_edu_amb/edu_ambiental_projetos/eduamb_proj_ondas1.html> Acessado em 30 de Dezembro de 2010.

Cabe-nos apenas chamar a atenção para o fato de que a concepção pedagógica quanto à recepção passiva de mensagens midiáticas pelo telespectador/ouvinte/leitor tem algumas vezes respaldo histórico legal que reflete nas práticas das diversas modalidades educativas observadas atualmente. O Programa Federal de Educomunicação Socioambiental, assunto do próximo item, representa uma força contrária de construção de instrumentos de apoio governamental aos novos paradigmas sociais emergentes em educação.

1.7 PROGRAMA FEDERAL DE EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: O RECONHECIMENTO GOVERNAMENTAL DA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA A SERVIÇO DO MEIO AMBIENTE

O Programa Federal de Educomunicação Socioambiental traz em sua revisão bibliográfica uma série de eventos internacionais e nacionais promovidos na perspectiva da educomunicação em prol do meio ambiente, tanto pelo poder público como pela sociedade civil, embora muitas dessas iniciativas ainda não houvessem sido denominadas de educomunicação.

Segundo esse documento (BRASIL/MMA, 2005a), por exemplo,

O VI Simpósio Iberoamericano de Comunicação e Educação Ambiental, ocorrido no Chile em 2003, sugeriu a formação de grupos de trabalho no tema para o desenvolvimento de políticas nacionais. No, mesmo ano, no Fórum Social Mundial, ocorrido na Índia, foi realizado um painel sobre “estratégias de enfrentamento da mídia”, destacando especialmente a onipresença de valores não-sustentáveis, especialmente na publicidade (p. 16).

Conforme o documento federal, no âmbito da sociedade civil, é destacado o papel das Organizações Não Governamentais apoiadas pela iniciativa privada:

Em fevereiro de 2004 o Instituto ECOAR para a Cidadania realizou na Praia Grande em São Paulo, uma série de atividades no escopo do programa “De Olho no Ambiente”, promovido pela Petrobrás. Estas ações foram nomeadas pelo Instituto ECOAR como de Educomunicação, o qual a entidade já vinha trabalhando há alguns anos (p. 16).

As iniciativas de instituições educativas também são lembradas onde é demonstrado o interesse das universidades em incluir em seu currículos a dimensão educ comunicativa ambiental:

(...) temos um exemplo na Universidade Estácio de Sá, do Rio de Janeiro, na especialização sobre gestão de informações ambientais, e a disciplina de jornalismo ambiental, recém-criada no curso de Jornalismo da UFRGS. A Educomunicação também é o eixo principal de um recém criado curso de pós-graduação em Gestão de Processos Comunicacionais nas Organizações, nas Faculdades Associadas de Cotia (FAAC) e Faculdades Montessori (FAMEC), no estado de São Paulo (p. 16).

A Educomunicação, enquanto política pública, tem, segundo o item de fundamentação que consta nesse Programa, dois importantes antecedentes no Brasil:

(...) a experiência na prefeitura de São Paulo, durante a gestão de Marta Suplicy, do programa EducomRádio, que atingiu as escolas públicas municipais de ensino fundamental, e a experiência do Educom Centro-Oeste, que se inicia com 20 escolas no Mato Grosso, 20 no Mato Grosso do Sul e 20 em Goiás (p. 17).

Já, como iniciativas políticas promovidas em outras localidades tem-se os exemplos dos Estados do Mato Grosso, Pernambuco e Rio Grande do Norte:

O Mato Grosso criou, em fevereiro de 2003, a primeira Agência Estadual de Notícias Ambientais, tendo como público os veículos de comunicação. O Estado de Pernambuco incluiu, na Agenda Comum de Educação Ambiental, a linha de ação “comunicação e artes”; o Programa de Educação Ambiental do Rio Grande do Norte (2000), contém cinco sub-programas, e um deles é o de “informação, comunicação e mídia” (...) Em Agendas 21 locais em todo o Brasil, incluindo também Planos de DLIS (Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável) – estratégia de elaboração de agendas locais implementada no governo federal entre 1999 e 2002 – constam inúmeras referências a ações de comunicação socioambiental voltadas para o desenvolvimento sustentável (p.17).

Ainda segundo o Programa Federal de Educomunicação Socioambiental, diversos organismos, coordenações, cursos e redes também apoiaram práticas

educomunicativas mediadas por tic's como a televisão, o rádio e computador no Brasil:

Já em 2001 havia uma publicação da série “PCN em Ação – Educação Ambiental na Escola”, o “Guia de Orientação para Trabalhar com Vídeos”. A CGEA desenvolve uma parceria com a Rádio Senado para produção do programa “Educação Ambiental no AR”; e com a TVE, juntamente com a Secretaria de Educação à Distância, e apoiada pelo MMA e PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), realizou os “Cursos de Formação Ambiental à Distância”; participou de uma série inteira, em 2003, do programa “Salto para o Futuro”, da TVE e, ainda, produziu para a TVE, com o apoio do MMA, o programa “Educação Ambiental na TV”. A Secretaria de Educação à Distância do MEC gerencia a RIVED – Rede Internacional Virtual de Educação à Distância, onde conteúdos para formação de ensino fundamental e médio são produzidos por parceiros da sociedade e rede de ensino, em especial universidades, por todo o Brasil (p. 17).

Como se pôde notar, as práticas educomunicativas descritas pelo Programa Federal de Educomunicação Socioambiental englobam sempre a preocupação com o meio ambiente, assim como, necessariamente, com o fator social.

Quanto a isso, Rodrigues e Colesanti (2008) explicam que

(...) a admissão da necessidade de se considerar a dimensão social dessas questões (ambientais) conduziu ao uso da designação socioambiental, que além de destacar a sociedade como elemento constituinte da questão ambiental (...) tem seu uso preferido em detrimento ao conceito ambiental, principalmente por pesquisadores e organizações governamentais e não-governamentais. Tal preferência talvez seja fruto da expressão ambiente ainda aparecer eivada por uma origem profundamente naturalista, sendo, portanto, insuficiente, para abarcar a problemática ambiental atual, resultante da interação sociedade-natureza (p. 55).

As contribuições do professor Ismar Soares também são utilizadas como fundamentação do Programa de Educomunicação Socioambiental. Trajber (2005) chega a anunciar que há uma forte associação entre os estudos educomunicativos desse autor e a Educação Ambiental:

Mas o que pouca gente sabe é que os conteúdos da Educação Ambiental fazem parte das origens brasileiras desse novo campo de pesquisa acadêmica e intervenção social que promove práticas democráticas e transformadoras de comunicação. Isso foi contado

pelo professor Ismar de Oliveira Soares do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), um dos iniciadores dessa verdadeira revolução, dizendo que suas primeiras preocupações sobre a prática geraram projetos com a intencionalidade de educar ambientalmente (...) Nesse sentido, a Educação Ambiental tem quase que legitimidade para atuar nesse campo emergente de disputas por não se constituir nem no âmbito da educação tradicional, nem no da comunicação, tornando-se um campo de convergência, não só dessas duas áreas - comunicação e educação – ao envolver a interdisciplinaridade e transdisciplinaridade (p. 152).

A respeito disso, Soares (2010b) toma emprestado das ciências naturais o termo “ecossistema” para explicar o tipo ideal de relação que deveria ser desenvolvido em um processo educativo mediado pelas tic’s:

Tomando a idéia proveniente do esforço que vem sendo feito, hoje em dia, para manter uma relação equilibrada entre o homem e a natureza, a Educomunicação entende ser necessário a criação de "ecossistemas comunicativos" nos espaços educativos, que cuide da saúde e do bom fluxo das relações entre as pessoas e os grupos humanos, bem como do acesso de todos ao uso adequado das tecnologias da informação (p.1).

Segundo Tavares e Meireles (2008, p. 5), “a compreensão ecossistêmica da Educomunicação torna-se também um facilitador para o entendimento da educomunicação ambiental, dadas as igualmente complexas interações das questões socioambientais e todo o seu dinamismo”. Inclusive, analogamente, “a teia das tecnologias pode se confundir com a teia da vida, pois em ambas, a estrutura de complexidade e de hiperligações estão presentes” (GOUVÊA, 2010, p. 4).

De acordo com a nossa perspectiva o novo campo da Educomunicação Socioambiental não representa apenas mais uma terminologia que representa os esforços desprendidos com o objetivo de resolver a problemática ambiental. A princípio, também não pretende ser uma nova forma de transmitir Educação Ambiental, mas de fazer Educação Ambiental, e isto significa que os maiores beneficiados são aqueles envolvidos em práticas dialógicas, participativas e tecnologicamente mediadas que podemos considerar como educacionais.

Nesse sentido a educomunicação é a ciência do aprender fazendo, interagindo, se comunicando. Em tempos tão difíceis como esses, onde há necessidade de mudanças de valores e de medidas práticas urgentes com relação

ao meio, a Educação Ambiental, conceitual e pragmaticamente transformada em Educomunicação Socioambiental pelos elementos essenciais da Educomunicação é um caminho mais seguro para a conquista da qualidade de vida. Conforme propõe Lima (1999), baseado em renomados estudiosos, direta ou indiretamente envolvidos no tema, a eficácia da educação dirigida ao ambiente depende desta se configurar como:

- a) democrática - que respeita e se desenvolve segundo o interesse da maioria dos cidadãos;
- b) participativa - que estimula a participação social dos cidadãos no planejamento, execução e avaliação das respostas formuladas para atender aos problemas vividos pela comunidade;
- c) crítica - que exercita a capacidade de questionar e avaliar a realidade socioambiental, desenvolvendo a autonomia para refletir e decidir os próprios rumos;
- d) transformadora - que busca a politização e mudança das relações sociais, dos valores e práticas contrárias ao bem-estar público;
- e) dialógica - fundada no diálogo entre todos os participantes do processo educativo e da sociedade circundante;
- f) multidimensional - que pauta sua compreensão dos fatos na integração dos diversos aspectos da realidade;
- g) ética - que persiga o resgate ou construção de uma nova ética que priorize a defesa da vida, da solidariedade e da sustentabilidade socioambiental (p. 12).

Essas características chamam a atenção para a semelhança de ideais entre a Educação Ambiental e a Educomunicação, o que é compreendido na fala mais acima de Trajber (2005) quando associa as relações de origem da primeira área com a segunda. Por isso, para a formulação de nossa hipótese nos utilizamos destas características descritas por Lima (1999) somados aos objetivos específicos da educomunicação que trataremos no próximo item e às nossas expectativas particulares. Esperamos encontrar em nosso trabalho o desenvolvimento dessas competências entre os sujeitos da pesquisa, quando elas estiverem relacionadas às práticas radiofônicas educacionais. Desta forma, entendemos que isso facilitará o processo de concepções de meio ambiente pelos sujeitos.

É importante ressaltar que assim como dissemos que historicamente, a educomunicação socioambiental tem sido praticada antes mesmo de receber essa denominação, poderemos diagnosticar entre os sujeitos dessa pesquisa o desconhecimento desses termos sem que deixe de existir o procedimento

educomunicativo de produção de rádio comunitária. Também não poderíamos deixar de verificar se os ambientes das rádios comunitárias de Glória do Goitá e Pombos se aproximam da idéia de “ecossistemas comunicativos”, explicado acima por Soares (2010b).

Por fim, se o Programa Federal de Educomunicação Socioambiental representa como dissemos no título deste item o reconhecimento do poder público governamental à Educomunicação Socioambiental, esse apoio, por enquanto, se dá mais no campo das ideias, visto que, desde a publicação desse documento no site do Ministério do Meio Ambiente em 2005, o Programa ainda não foi implantado em nível federativo. A maior parte das iniciativas no Brasil são esparsas e realizam-se por iniciativas de governos estaduais, municipais e ONG’s apoiadas por recursos privados, como é o caso da instituição que formou os sujeitos dessa pesquisa.

1.8 A BUSCA PELO ENTENDIMENTO DA RELAÇÃO ENTRE PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA E CONCEPÇÃO DE MEIO AMBIENTE

Conforme a lei que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9795/99), a Educação Ambiental é entendida, no seu artigo 1º, como “os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (BRASIL, 1999). Já, segundo a resolução CONAMA 306/2002, “meio ambiente é o conjunto de condições, leis, influências e interações de ordem física, química, biológica, social, cultural e urbanística, que permite, abriga e rege a vida em todas as suas formas” (CONAMA, 2002, p. 760).

Como exemplo de conceitos de Educação Ambiental e meio ambiente propostos em literatura científica, citamos primeiramente o de Medina (2001). Para a autora, a Educação Ambiental é vista como um processo que:

(...) consiste em propiciar às pessoas uma compreensão crítica e global do ambiente, para elucidar valores e desenvolver atitudes que lhes permitam adotar uma posição consciente e participativa a respeito das questões relacionadas com a conservação e a adequada utilização dos recursos naturais, para a melhoria da

qualidade de vida e a eliminação da pobreza extrema e do consumismo desenfreado. A Educação Ambiental visa à construção de relações sociais, econômicas e culturais capazes de respeitar e incorporar as diferenças (minorias étnicas, populações tradicionais, a perspectiva da mulher) e a liberdade para decidir caminhos alternativos de desenvolvimento sustentável, respeitando os limites dos ecossistemas, substrato de nossa própria possibilidade de sobrevivência como espécie (p. 17-18).

Para Davino e Davino (1996) o conceito de meio ambiente,

(...) abrange todos os bens naturais, artificiais e culturais, de valor juridicamente protegido, tais como o ar, o solo, o subsolo, as águas, as belezas naturais, a fauna, a flora, as belezas artificiais, o patrimônio histórico, artístico, paisagístico, arqueológico e arquitetônico. O meio ambiente é tudo o que cerca o ser humano e é capaz de influenciar sua existência (p. 42).

As conceitualizações utilizadas por indivíduos ou grupos humanos refletem as suas próprias concepções. Vejamos o significado do termo concepção segundo o dicionário Michaelis:

Concepção, con.cep.ção, sf (lat conceptione) **1 Ato de conceber ou ser concebido. 2 Geração.** 3 Faculdade de compreender as coisas; percepção. 4 Fantasia, imaginação. 5 Criação ou obra do espírito. 6 Imagem de uma coisa na mente. C. de papel, Sociol: idéia que a pessoa formula da sua própria atuação e *status* nos grupos sociais a que pertence. C. do mundo: imagem subjetiva do mundo, **concebida por um indivíduo ou grupo, de acordo com determinado ponto de vista** (Grifo nosso) (online).

Consideraremos neste estudo que a concepção tem um caráter ativo intrínseco, ou seja, de uma ação, de um ato de gerar um sentido para algo, como para uma palavra, por exemplo. Para se ter uma ideia de como é altamente diversificado o tipo de concepção de meio ambiente utilizada, Sauv  (2005) conseguiu identificar através de seus estudos sobre o tema, quinze correntes de Educa o Ambiental, a saber:

- 1) Naturalista: MA (Meio Ambiente) como natureza; objetivo da EA (Educa o Ambiental) – reconstituir uma liga o com a natureza;

- 2) Conservacionista/Recursista: MA como recurso; objetivo da EA: seguir procedimento de conservação e de gestão;
- 3) Resolutiva: MA como problema; objetivo da EA – diagnóstico e resolução dos problemas;
- 4) Sistêmica: MA como sistema; objetivo da EA – desenvolver pensamento sistêmico;
- 5) Científica: MA como objeto de estudos; objetivo da EA – obter conhecimento nas ciências ambientais;
- 6) Humanística: MA como meio de vida; objetivo da EA – desenvolver um sentimento de pertença ao conhecer seu meio de vida e se conhecer melhor;
- 7) Moral/ética: MA como objeto de valores; objetivo da EA – desenvolver um sistema ético, ecocivismo;
- 8) Holística: MA como total, todo o ser; objetivo da EA – desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente;
- 9) Biorregionalista: MA como lugar de pertença, projeto comunitário; objetivo da EA – ativar competências em ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional;
- 10) Prática: MA como cadinho de ação/reflexa; objetivo da EA – aprender em, para e pela ação/reflexão;
- 11) Crítica: MA como objeto de transformação, lugar de emancipação; objetivo da EA - desconstruir as realidades socioeducativas visando modificar o que causa o problema;
- 12) Feminista: MA como objeto de solicitude; objetivo da EA – integrar os valores feministas à relação com o meio ambiente;
- 13) Etnográfica: MA como território, lugar de identidade Natureza/cultura; objetivo da EA – estreitar elo entre natureza e cultura, valorizando a segunda, elucidar a cosmologia;
- 14) Ecoeducação: MA como pólo de interação para formação pessoal, cadinho de identidade; objetivo da EA – experimentar o meio ambiente para experimentar-se e formar-se em e pelo meio ambiente, construindo uma relação melhor com o mundo;
- 15) Desenvolvimento sustentável: MA como recurso o desenvolvimento econômico, recurso compartilhado; objetivo da EA – promover o desenvolvimento econômico respeitoso dos aspectos sociais e do meio ambiente, contribuindo para com ele (p. 40-42).

O trabalho de Sauv  (2005)   de grande importância visto que ao saber a concep o de meio ambiente adotada por determinada pessoa ou institui o temos condi es de deduzir o tipo de Educa o Ambiental desenvolvida por uma ou outra, e, vice versa, ou seja, do tipo de prática se deduzir a concep o. Entretanto, normalmente   observada a ado o de mais de uma concep o. A esse respeito, Sauv  (1997 apud MAFALDO, 2010) aponta para o fato dessas concep es poderem ser analisadas:

(...) tanto numa perspectiva sincrônica quanto anacrônica, pois elas coexistem e podem ser identificadas nos diferentes discursos e práticas atuais, mas também são resultados da evolução da história. Entretanto, o ideal seria um enfoque pedagógico integrado, ou que, pelo menos, a compreensão dos processos educativos considerasse uma dessas visões complementares do ambiente, de uma forma cumulativa, através de uma cuidadosa orquestra de intervenção (...) a restrição das propostas a uma dessas concepções de ambiente, limita o objetivo principal da EA porque a falta de compreensão do ambiente de maneira global desemboca num entendimento igualmente parcial da rede de interrelação pessoa-sociedade-natureza (que é o centro da EA) (p.11).

A nossa tendência é achar que o mais correto é desenvolver práticas que abranjam todas ou a maioria das concepções de meio ambiente apontadas por Sauv , pois se demonstraria haver uma compreensão complexa e global do ambiente que viria a facilitar a resolu o das diversas problemáticas pertinentes a essas questões. No entanto,   preciso levar em considera o que podem existir mais concep es que aquelas citadas por Sauv , podendo inclusive aparecer em nosso trabalho.

De toda maneira, cabe atentar para a importância do tipo de concep o dos sujeitos envolvidos em atividades ambientais, pois como já dissemos, suas concep es refletirão em suas práticas e vice-versa. Estamos pressupondo neste trabalho que a prática radiofônica, quando pautada pelos objetivos específicos da Educomunica o evidenciados abaixo, implica em um diferencial nas concep es de meio ambiente de jovens comunicadores. Pretendemos entender que diferencial   este e como ele se relaciona com a prática educacional de produzir rádio comunitária.

Os objetivos específicos da educomunica o são: promover o acesso democrático   produ o e   difusão de informa o; facilitar a percep o crítica da maneira como o mundo   editado nos meios; facilitar o ensino/aprendizado através do uso criativo dos meios de comunica o (não do ponto de vista instrumentalista, mas partindo da percep o de suas peculiaridades e da importância de democratizar o acesso a eles); e, por fim, promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade em questão (SOARES, 2004 apud BRASIL/MMA, 2005a, p. 12).

Acreditamos que a forma educacional de fazer rádio comunitária se destaca exatamente por propiciar aos jovens comunicadores condi es de estarem

produzindo mensagens de forma comunicativa. Explicamos no item 1.2 a diferença quanto aos processos de informar e de comunicar e o motivo de considerarmos a comunicação como fornecedora de maior potencial pedagógico.

Ainda que nossa análise das consequências da prática radiofônica se restrinja ao nível das concepções de meio ambiente será possível analisar o conteúdo dos discursos dos sujeitos tomando conhecimento, por exemplo, do momento e da forma como se dá a reinterpretação e ressignificação dos temas trabalhados pelos jovens. Acreditamos que esses processos constituem um dos diferenciais da educomunicação e que, portanto, são deveras importante para uma Educação Ambiental de qualidade.

Outros elementos a serem verificados são os que aparecem em nossa hipótese: a ideia de que o uso educutivo da rádio comunitária favorece a concepção de meio ambiente de jovens responsáveis pela realização de programas de Educação Ambiental, ao proporcionar um conjunto de processos democráticos, participativos, críticos, transformadores, dialógicos, multidimensionais e éticos, demandando a mediação de um educador, o uso coletivo e criativo de tecnologias, a pesquisa, a leitura, a discussão e a adaptação colaborativa dos conteúdos trabalhados à linguagem radiofônica.

No entanto, até o momento são apenas afirmativas que precisam ser testadas e as motivações para isso não são poucas: em primeiro lugar, há uma insatisfação generalizada com o ensino tradicional tipo emissão-recepção de informações por uma gama de deficiências e limitações já discutidas há muitos anos por diversos autores, como Paulo Freire, por exemplo; o discurso pedagógico avançou bastante com as contribuições de grandes estudiosos da educação e comunicação mas há dificuldades em praticá-lo em qualquer modalidade de ensino (sabe-se o que quer mas não se sabe como fazer) e a Educomunicação aparece fortemente como alternativa mais representativa de uma educação idealizada.

Poderíamos acrescentar que há poucos estudos sobre análise e resultados de práticas educutivas e menos ainda sobre práticas de educomunicação socioambiental. São esses estudos que irão verificar as hipóteses, aperfeiçoar, validar ou até mesmo refutar as teorias. Há grande preocupação da nossa parte a esse respeito, pois muitos estudos concluem que processos educutivos tem

resultados pedagógicos positivos, mas não descrevem a fundo como se dão esses processos e como se relacionam com os resultados obtidos.

2 METODOLOGIA

2.1 CAMPO DE PESQUISA

O campo de pesquisa constitui-se de dois programas produzidos dentro de rádios comunitárias dos municípios pernambucanos de Glória de Goitá e Pombos por jovens formados pela Organização Não Governamental GIRAL (Grupo de Informática, Comunicação e Ação Local). Os programas abordam temas variados a cada semana e não se restringem, portanto, a temáticas especificamente ambientais.

A Rádio Comunitária do Município de Glória do Goitá é a Goitacáz FM, 98,5 que tem seis anos de existência. Sua subsistência se deve em maior parte ao apoio da prefeitura e à renda proveniente de propagandas feitas para o comércio local, apresentando atualmente condições muito boas de infraestrutura. Já no Município de Pombos a Rádio Comunitária local é a Brasil FM, 98,5 que também existe há seis anos e subsiste praticamente da renda advinda de propagandas para o comércio local. Apresenta atualmente condições muito modestas de infraestrutura. O sinal de cada rádio tem abrangência circunscrita aos limites geográficos de seus municípios.

Os jovens informaram através de entrevistas que as rádios dos dois municípios desempenham importante papel para a divulgação da cultura local, o que é pouco evidenciado pelos outros meios de comunicação de maior abrangência por se tratarem de municípios interioranos. A rádio é também o principal instrumento de propaganda eleitoral política, promovendo discussões acaloradas típicas de municípios do interior do Brasil.

O aquecimento da economia local também se deve, em parte, às propagandas comerciais veiculadas pela rádio. Tivemos, assim, por meio de entrevistas e observação no local (repercussão das notícias veiculadas através de telefonemas e comentários nas ruas) uma forte impressão de que a rádio comunitária desses municípios está mais presente na vida das pessoas do que em relação ao que acontece nas grandes cidades.

A ONG GIRAL, que trabalha em parceria com essas rádios, foi fundada juridicamente em 2007, mas já existe há nove anos e forma jovens de quatro municípios pernambucanos pertencentes à bacia do Rio Goitá: Pombos, Lagoa de

Itaenga, Feira Nova e Glória do Goitá (onde está sediada). Os municípios estão localizados na Zona da Mata Norte e Sul e Agreste Setentrional, respectivamente, a aproximadamente sessenta e cinco quilômetros do Recife.

A ONG tem como principal financiadora a W. K. Kellogg Foundation donde obtém recursos para a realização das formações e firmação de parceria com as rádios comunitárias locais. O GIRAL tem como missão utilizar as tecnologias da informação e comunicação para despertar e potencializar os saberes da juventude ao proporcionar o acesso à comunicação sobre os mais variados temas, como saúde, gênero, cultura, raça, direitos humanos e meio ambiente (GIRAL, 2010).

O GIRAL desenvolve e apóia quatro projetos (Agente de Desenvolvimento da Comunicação, Seu Zé, Ponto de Cultura e Informática e Cidadania) em parceria com diversas instituições privadas, governamentais e não governamentais. Os jovens sujeitos dessa pesquisa participaram do primeiro projeto citado. A entidade formou nos últimos dois anos a partir do surgimento do Conjunto Integrado de Projetos (CIP) noventa Agentes de Desenvolvimento da Comunicação (ADC's) através de oficinas de rádio, vídeo, computador e jornal. A inserção dos jovens no projeto de comunicação e inclusão digital da ONG GIRAL ocorre em decorrência de propaganda via rádio e divulgação boca-a-boca.

O ADC's recebem essa denominação porque além de receberem a formação são incentivados a multiplicar o aprendizado nas escolas de seu município e para a população de uma forma geral. Um exemplo é o evento chamado Rádio na rua em que os jovens levam equipamentos de som para o clube municipal e se apresentam na frente da população como se estivessem na rádio comunitária, ocorrendo, inclusive, a encenação de sociodramas e a participação de entrevistados.

De dezenas de jovens inscritos no projeto da ONG apenas cerca de quarenta, ou seja, mais ou menos dez de cada município de abrangência do projeto, são selecionados para participar da formação anual que é ministrada em 480h. Além dos cursos de produção audiovisual, radiofônica, elaboração de jornais e informática os jovens passam por oficinas de desenvolvimento pessoal e social. Assim, no decorrer do ano, eles optam pela tecnologia que pretendem trabalhar.

As oficinas de rádio, que proporcionaram a formação inicial dos sujeitos desta pesquisa, acontecem durante o período de um mês e meio com carga horária semanal de oito horas. Neste curso, os jovens assistem a aulas teóricas sobre

rádiorcomunicação e a prática se restringe a improvisações que simulam o ambiente da rádio comunitária.

Após essa primeira etapa da formação, os jovens são encaminhados para as rádios comunitárias de seus municípios para, efetivamente, produzir e veicular programas com temáticas variadas, podendo ou não, de acordo com a vontade do grupo, ter o acompanhamento de um educador. É neste segundo momento da formação, o da produção e veiculação do programa radiofônico comunitário, que se concentra a nossa pesquisa de campo e que tem como objeto de estudo analisar a relação entre prática educomunicativa pelo uso da rádio comunitária e concepção de meio ambiente de jovens comunicadores.

2.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa são jovens comunicadores, todos com média de vinte anos de idade, que já terminaram o ensino médio, passaram pela formação da ONG GIRAL e realizam atualmente programas nas rádios comunitárias dos municípios de Glória do Goitá e Pombos. A nossa opção por estudar os programas produzidos nesses dois municípios se deve ao fato de que são os que mais trabalham a temática da Educação Ambiental, segundo informações da ONG.

O grupo de Glória do Goitá é composto por quatro jovens (dois rapazes e duas garotas) responsáveis pelo Programa denominado No Batente que já existe há um ano e meio e é veiculado pela Rádio Comunitária Goitacáz FM, 98,5 aos sábados, das 8:00 às 9:00 horas da manhã. O programa No Batente é dirigido, pelos seus conteúdos, especialmente ao público jovem. O grupo que o produz prefere não ser acompanhado por nenhum educador por já ter passado por outras formações e se sentirem seguros para fazer o programa.

O grupo estudado do Município de Pombos é constituído por oito jovens (todas garotas) que se dividiram em dois grupos de quatro para revezar semanalmente a realização do programa por motivos logísticos e de falta de espaço na rádio comunitária. O programa se chama De Propósito e já existe há um ano e meio sendo veiculado pela Rádio Comunitária Brasil FM, 98,5 aos sábados das 10:00 às 11:30 horas da manhã. O programa também é destinado ao público jovem.

O grupo que o produz é acompanhado e orientado por um educador da ONG GIRAL.

As entrevistas revelaram que a motivação dos jovens para participar da formação da ONG GIRAL são variadas: por curiosidade; desejo de trabalhar profissionalmente com uma tecnologia em particular; para acompanhar os amigos; dar continuidade a experiências anteriores vivenciadas em outras ONG's; pela oportunidade de fazer programas com temáticas juvenis; desejo de perder a timidez; interesse por uma pedagogia diferente da empregada na escola e com maior interação entre professor e aluno; vontade de conhecer melhor a cultura do município que não é muito trabalhada na escola e *status* perante a sociedade.

2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados referente ao processo de reunião-produção-veiculação dos programas pelos jovens, foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2009 doze viagens a campo, sendo oito viagens aos sábados (dia da veiculação dos programas dos dois municípios) e quatro viagens, duas na quarta e duas na quinta-feira (dias da reunião para a produção dos programas de Glória e Pombos respectivamente). Foram acompanhadas presencialmente, portanto, duas reuniões de produção e oito veiculações de programas para cada município onde fizemos:

1. A observação no local, baseada em Vianna (2003), do processo de reunião-produção-veiculação;
2. A gravação de entrevistas com os jovens responsáveis pelo processo de reunião-produção-veiculação, utilizando gravador digital;
3. As anotações sobre o processo de reunião-produção-veiculação com o auxílio de prancheta e caneta;
4. A solicitação dos roteiros produzidos nas reuniões de produção para posterior análise;

5. A gravação do conteúdo veiculado em cada programa através de gravador mp3 com função de gravação de programação de rádio.

As orientações tomadas em Vianna (2003) foram importantes para a fidedignidade dos dados coletados. Alguns procedimentos mais gerais foram: tomar o cuidado de apoiar e relacionar as observações em / com fundamentos teóricos da literatura científica a fim de coletar dados significativos; utilizar a totalidade dos sentidos de percepção para reconhecer e registrar eventos fatuais; anotar o máximo de dados possível, mesmo aqueles que pareceram não ser importantes em um primeiro momento e fazer inferências; além de desenvolver idéias analíticas a partir das informações centrais.

Segundo a classificação de Flick (1999 *apud* Vianna, 2003), a nossa observação foi: aberta, porque foi do conhecimento dos observados; não participante, porque não pretendemos ser parte ativa para a produção dos dados; não sistemática, porque não foi padronizada, mas responsiva e flexível às circunstâncias e processos; naturalista, porque foram feitas *in natura* e não sob condições controladas.

2.4 ANÁLISE DE DADOS

A análise foi realizada a partir de cinco bases de dados: a observação, as entrevistas (apêndice), as reuniões de produção dos programas, o áudio e os roteiros dos programas. O áudio dos programas foi utilizado como base de dados quando o roteiro produzido nas reuniões não continha o conteúdo veiculado, mas apenas algumas orientações sobre a ordem dos quadros, como foi o caso do Programa De Propósito. Devido a isso, houve a necessidade de transcrever o áudio desses programas.

As doze viagens à campo (8 veiculações e 4 reuniões) serviram para realizar a observação e descrição dos procedimentos de cada grupo. A análise das práticas radiofônicas foi feita à luz dos objetivos da Educomunicação segundo Soares, 2004 (*apud* BRASIL/MMA, 2005a, p. 12). A seguir, fizemos concomitantemente, a identificação das concepções de meio ambiente e as correlações entre essas concepções e a práticas radiofônicas de cada grupo.

As características da educação dirigida ao ambiente, organizadas por Lima (1999), foram como vimos no item 1.7 deste trabalho, utilizadas para a formatação da hipótese e foram analisadas já nas conclusões do trabalho. A utilização do estudo do autor como referência se deve ao minucioso trabalho que reúne os elementos essenciais e intrínsecos à prática da Educação Ambiental, com base nos estudos de outros autores renomados da área.

Para classificar as concepções de meio ambiente dos sujeitos tomamos como referência as categorias descritas por Sauv  (2005) que constam no item 1.8 da fundamenta o deste trabalho. As categorias correspondentes às concep es identificadas foram descritas de forma resumida. Utilizamos a classifica o do autor porque   a mais abrangente dentro da literatura de referência, feita, inclusive a partir de bancos de dados de trabalhos europeus e americanos.

Para identificar as concep es de meio ambiente dos jovens foi feita análise de conteúdo, baseada em Moraes (2010) e Franco (2008), dos roteiros (ou áudios transcritos) dos programas de temática ambiental e das respostas às entrevistas (roteiros em Apêndices). Dos oito programas acompanhados, quatro deles, dois de cada município, abordaram a temática ambiental.

Segundo Moraes (2010), a análise de conteúdo, mais que uma simples técnica de análise de dados,   uma metodologia de pesquisa utilizada para:

(...) descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descri es sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão dos seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (p. 9).

De acordo com o autor (p.15), o processo de análise de conteúdo deve ser constituído de cinco etapas:

1. prepara o das informa es;
2. unitariza o ou transforma o do conteúdo em unidades;
3. categoriza o ou classifica o das unidades em categorias;
4. descri o e
5. interpreta o.

Como no nosso estudo as categorias são apriorísticas, ou seja, já existiam e foram tiradas da literatura, em tese, só precisaríamos agrupar os dados nas categorias de Sauv  que foram apresentadas resumidas no subitem 1.8 da fundamenta o por conterem explica es extensas que extrapolam o seu uso neste trabalho. Como a descri o do autor para cada categoria também   muito genérica, preferimos criar subcategorias para explicitar melhor a rela o dos conteúdos emergidos da leitura dos roteiros e entrevistas (e classificados em subcategorias) com as categorias de Sauv . Dessa forma, as cinco etapas acima foram seguidas, mas no que tange às subcategorias.

Analisamos tanto os conteúdos manifestos como os latentes. Estes últimos são aqueles que extrapolam os conteúdos manifestos das mensagens, estando associados a outros elementos ocultos, mas inferidos, por exemplo, do contexto de vida dos sujeitos (FRANCO, 2008).

De acordo com Moraes (2010, p. 16), “a unidade de análise   o elemento de conteúdo a ser submetido posteriormente   classifica o”. Podem ser as unidades de diferentes tipos, como temas, palavras, frases, personagens, itens ou mesmo documentos inteiros (MORAES, 2010; FRANCO, 2008). Utilizamos em nosso estudo como unidades de análise ou unidades de registro fragmentos de textos dos roteiros que ora se trataram de parágrafos, ora de palavras, frases ou expressões.

O quadro abaixo consiste em um modelo de como organizamos os dados. Há duas concep es de meio ambiente que aparecem nele, ambas relacionadas   fala do sujeito. A concep o que aparece na sétima coluna da esquerda para a direita   de autoria de Sauv  e explica de forma sint tica o objetivo (ou significado) da educa o ambiental implícito na fala. Neste caso, a fala obtida neste estudo foi simplesmente agrupada em uma categoria já existente na literatura (*a priori*). Já, a concep o que aparece na quarta coluna   de nossa autoria e deixa ainda mais explicitado o significado da fala, necessitando da cria o de uma subcategoria mais específica, também de nossa autoria. Neste caso, a subcategoria foi criada por dedu o da fala analisada e com apoio na literatura ambiental (*a posteriori*).

Extrato da fala (Jovens)	Subcategoria (Educação Ambiental)	Significação	Concepção de meio ambiente	Categoria (Educação Ambiental)	Objetivos da EA	Concepção de meio ambiente
É ... e as causas da extinção são as mais diversas como destruição do ambiente, na maioria das vezes causada pelo homem, falta de alimento, fatores genéticos, dificuldade de reprodução, modificações em seu ambiente. (Jovem 1)	Informativa	Promove EA através da disseminação de mensagens ambientais	Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais	Científica	Adquirir conhecimentos em ciências ambientais. Desenvolver habilidades relativas à experiência científica.	Objeto de estudos

Quadro 1: modelo de organização dos dados deduzidos e apriorísticos nas subcategorias e categorias de Educação Ambiental.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ANÁLISE DO PROCESSO DE REALIZAÇÃO DOS PROGRAMAS

Dentro do primeiro objetivo específico deste trabalho, analisar o processo de realização dos programas, precisaremos descrever e elucidar se os procedimentos de cada grupo aproximam-se ou não dos preceitos educacionais para numa próxima etapa identificarmos suas concepções de meio ambiente e analisarmos a relação entre práticas e concepções. A discussão propriamente dita só se fará a partir do subitem 3.2.

A partir das observações e entrevistas de campo e tomando como referencial a citação abaixo, constante no item 1.8 deste trabalho, faremos nossa análise apoiados no que Soares (2004 apud BRASIL/MMA, 2005a, p. 12) designou como sendo os objetivos específicos da Educomunicação:

1. Promover o acesso democrático à produção e à difusão de informação;
2. Facilitar a percepção crítica da maneira como o mundo é editado nos meios;
3. Facilitar o ensino/aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação;
4. Promover a expressão comunicativa dos membros da comunidade em questão.

3.1.1 PROGRAMA NO BATENTE – RÁDIO GOITACÁZ FM 98,5 - GLÓRIA DO GOITÁ

A REUNIÃO DE PRODUÇÃO DO PROGRAMA

O grupo do Programa No Batente é constituído por quatro jovens que têm funções fixas e pré-determinadas: há dois locutores, uma garota e um rapaz, uma redatora e um rapaz responsável pela mesa de som. Por já terem passado por outras formações e se sentirem seguros, desde o surgimento do programa os jovens preferiram não ter o acompanhamento de um educador. Há uma reunião que acontece na quarta feira cuja função é apenas a de decidir coletivamente a pauta que será trabalhada no dia da veiculação do programa (sábado).

Depois da oficina agente teve a idéia de criar o programa de rádio. Como a formação foi muito longa e deu muito trabalho resolvemos colocar o nome do programa de No batente. (Jovem 1)

Não há um trabalho conjunto semanal para as tarefas de pesquisa, seleção de fontes, edição, escolha do formato e elaboração do roteiro do programa. Tudo isso é considerado como tarefa da redatora e o restante do grupo fica no aguardo para que cada um possa exercer sua função em seguida. Na reunião de escolha da pauta, portanto, não há aprofundamento da discussão do tema em si e o principal critério para escolha do assunto é observar aquele que é mais abordado pela mídia no momento. Na sexta feira a redatora entrega o roteiro do programa já pronto aos locutores que treinam sua leitura para a veiculação no dia seguinte.

O foco do nosso Programa é mais sobre jovens e atualidades, mas como o tema meio ambiente ta muito na mídia agente também procura falar sobre essas questões. Quando aparece algo novo que ta aparecendo muito na televisão, na internet, agente fala também, mas normalmente junto com outros temas como tecnologias, gírias, comunicação, e com os quadros que já fazem parte do programa. (Jovem 2)

A redatora utiliza como fonte de pesquisa a internet, jornais, revistas e livros de bibliotecas ou da ONG GIRAL. Existe o cuidado em selecionar as fontes mais confiáveis para evitar informações falsas ou desatualizadas. Em caso de dúvidas ela requisita o auxílio do GIRAL. A edição é feita com o intuito de selecionar as informações e adaptá-las à linguagem popular.

(...) tem que tomar cuidado também porque nem tudo que ta na internet presta. A internet é um meio de comunicação que tem verdades e mentiras e informações absurdas. (Jovem 1)

Observamos que o formato do programa contém quatro blocos e apresenta os seguintes quadros: Mensagem de Reflexão - é lida uma mensagem de valor moral, Datas Especiais - lembra datas comemorativas da semana ou do mês, Tema – aborda o tema do dia, Mundo Jovem – apresenta informações de interesse da juventude, Música do Momento - toca a música que está fazendo sucesso no momento e Fique por Dentro – apresenta informações úteis e curiosidades. No

Roteiro do Programa No Batente é planejado o tempo destinado à locução e à execução das músicas. O conteúdo veiculado consiste exatamente no que está no roteiro produzido.

Segundo informações obtidas nas entrevistas todos os integrantes colaboraram inicialmente com as ideias que originaram os atuais quadros do programa, mas seus conteúdos são elaborados semanalmente apenas pela redatora. A formatação do roteiro é feita utilizando o computador e um software para o processamento do texto que é impresso em seguida e entregue aos locutores.

Você sente falta de mais uma pessoa para fazer a pesquisa ou acha que dá conta?

- Totalmente não, mas acho que o fato de já estar acostumada e saber onde procurar fica mais fácil. Uma amiga que já participou do programa chegou a me ajudar algumas vezes na pesquisa, mas ela se perdeu um pouco porque a área dela é da cinegrafia e ela teve dificuldades de colocar no papel de uma forma que os ouvintes pudessem entender. Já eu, como me especializei na redação tenho mais facilidade. (Jovem 1).

Trecho de entrevista.

A VEICULAÇÃO DO PROGRAMA

No Programa No Batente, pudemos perceber que a participação interativa ocorre em três momentos: nos intervalos musicais durante a veiculação do programa, onde locutores e o responsável pela mesa de som discutem as músicas que irão ao ar e a ordem que serão tocadas; na comunicação entre locutores e público ouvinte e através do diálogo ao vivo entre locutores. Algumas vezes os locutores comentam fora do ar o roteiro:

- A mensagem de reflexão de hoje foi muito grande! (Jovem 2)

- Não culpe a mim, culpe a redatora! (Jovem 3)

Diálogo entre os locutores após leitura do Quadro Mensagem de Reflexão.

Cabe, no entanto, salientar que a interação com os ouvintes se resume, durante os programas, aos telefonemas, com pedidos de música e participação em

promoções realizadas pela rádio e, após os programas, pela parabenização e sugestão de conteúdos pelo público através de contato pessoal.

Eu gosto de andar pela cidade e vejo muita gente ouvindo e comentando, dando os parabéns e também sabemos da audiência através das ligações que agente recebe. O pessoal liga, pede música, participa. (Jovem 2)

Observamos ainda que o diálogo ao vivo entre os locutores têm na maioria das vezes frases pré-estabelecidas pela redatora, pouco ou nenhum improvisado e há medo de erro de leitura causando uma comunicação sem troca de olhares, o que contribui para a formação de um clima artificial dentro do programa. A função, portanto, dos locutores se restringe em grande parte do tempo a reproduzir o conteúdo do roteiro que eles tem em mãos.

Quando eu to lendo ao vivo no programa eu tenho medo de errar então às vezes nem presto atenção no que tô falando. (Jovem 3)

Há uma série de técnicas com diversas finalidades nos programas de rádio e o Programa No Batente utiliza algumas delas. O Bg (Background), por exemplo, é um fragmento de música que introduz a abertura do programa ou é utilizado em tom mais baixo durante a locução. O Bg ou fundo musical é importante para identificar o programa dentro da programação diária da rádio. Normalmente, essa música é escolhida de acordo com as características do programa, como o perfil daqueles que os produzem e de seus ouvintes.

A vinheta é uma mensagem de curta duração que tem o propósito de anunciar algo. As vinhetas do Programa No Batente, segundo informações obtidas na entrevista, são produzidas por pessoas externas ao programa e pelos próprios jovens. Observamos que elas são utilizadas de duas maneiras: para anunciar o próprio programa enquanto as músicas estão tocando, assim, um ouvinte que acabou de ligar o rádio fica sabendo que aquela música está tocando no Programa No Batente; e para a veiculação de mensagens educativas em vários momentos da programação.

Apesar de não ter recebido formação específica em técnica de som pelo GIRAL, o jovem responsável por essa função aprendeu a usar a mesa de som

sozinho, observando o técnico da própria rádio. A função do responsável pela mesa de som no programa inclui ainda o atendimento aos telefonemas dos ouvintes.

No começo agente teve problemas com isso, por normas só quem podia usar os equipamentos seria o técnico oficial da rádio, mas os meninos falaram com a direção da rádio, pediram para o coordenador do GIRAL falar que o programa seguiria melhor se um integrante do grupo ficasse na técnica e acabaram aprovando.
(Jovem 4)

A escolha das músicas do programa é feita na hora com exceção daquelas que já são usadas como músicas de fundo nos quadros. Não existe uma preocupação em escolher músicas com conteúdo relacionado ao tema que está sendo trabalhado (as músicas escolhidas são as mais populares) e essa escolha às vezes é tensa quando o técnico não consegue achar a música no computador ou não entende o que o locutor está pedindo, gerando confusão.

Às vezes agente não sabe o nome de uma música e coloca no arquivo do computador como música boa, música legal, ou música ruim. Por causa disso uma vez em outro programa, o locutor anunciou uma música assim: e agora com vocês: música boa de Caetano Veloso, mas não era esse o nome da música (risos).
(Jovem 4)

O fundo musical do Programa No Batente é uma canção eletrônica americana muito tocada em boates. Um dos quadros do programa, intitulado Mensagens de reflexão, também tem uma música romântica americana de fundo. Não se observou, portanto, maiores preocupações em priorizar a cultura musical local, mas sim em tocar as músicas que estão na moda.

Percebemos uma forte preocupação para que a condução do programa fosse tranquila, de modo a não ocorrer imprevistos como pôr alguma música errada no ar ou não fornecer a hora exata ao ouvinte. Segundo os jovens, detalhes que parecem ser pequenos se juntam para formar a credibilidade do programa. Ainda assim, pelo que foi possível observar, nem todos os erros são percebidos pelos locutores e aqueles que são, ora se opta por seguir a diante, ora se prefere comentar e se desculpar com o ouvinte.

A técnica é algo muito importante para o programa, pois quem ta na mesa de som não pode vacilar nenhum minuto. Se ele errar pode estragar o programa, mas, por exemplo, se o erro for uma música errada, eu acho melhor fingir que nada aconteceu. (Jovem 2)

Uma ouvinte ligou 3 vezes querendo ouvir a música Aleluia de Roberto Carlos, mas os meninos não encontraram e colocaram uma outra qualquer do mesmo cantor, e ela ligou para reclamar! (Jovem 1)

Pudemos observar que algumas vezes o erro acontece pelo cansaço ou até mesmo insuficiência no pré-treino de dicção de palavras pelos locutores e pela falta de aquecimento vocal. Algumas palavras mais difíceis saem gaguejadas, com pronúncia tônica na sílaba errada ou simplesmente não saem, com completo travamento de pronúncia.

Às vezes tem alguma palavra difícil no roteiro. Para não errar nessas horas é bom fazer um aquecimento vocal e ler o texto uma hora antes, se bem que agente esqueceu hoje. O aquecimento vocal são exercícios para voz, como mexer a boca, falar algumas silabas, tem isso no Google. Outra coisa boa é comer maçã que limpa as cordas vocais e não também não se deve tomar leite. (Jovem 3)

Vícios de linguagem também foram observados e representam muitas vezes nervosismo e insegurança com o conteúdo, onde o vazio provocado pelo pouco conhecimento é substituído na fala pela repetição constante de determinado termo (ex: o uso no final das frases da expressão: não é?).

Uma característica também interessante é a mudança de entonação de voz pelo locutor masculino, uma tentativa de dar um diferencial ao programa no sentido de fornecer uma voz agradável ao ouvido do público. Representa conscientemente a tentativa de se aproximar ao máximo da entonação vocal dos locutores mais populares por se pensar que a sonoridade de sua voz não é adequada ou que é distante da locução tradicional ouvida nos grandes meios.

Porque você muda sua voz deixando-a mais grave?

- Não é querendo me gabar, mas o pessoal gosta muito da minha voz. Comentam bastante. Eu ficava treinando na frente do espelho. Eu até já fui chamado pra fazer outro programa aqui na rádio mas não aceitei porque era só sobre esportes e eu não gosto muito desse tema. Eu também tava com pouco tempo na época. (Jovem 2)

(Trecho de entrevista com o locutor do grupo)

Todos os jovens relataram em entrevistas que perderam bastante a timidez depois que começaram a fazer o programa e que isso foi útil em seus cotidianos. No entanto, percebeu-se que tanto o técnico como os locutores são os mais beneficiados visto que essas funções propiciam, no caso do Programa No Batente, maiores oportunidades de comunicação por conta do contato entre eles e com os ouvintes (tanto durante como após os programas). Por outro lado eles estudam menos os conteúdos do programa por não participarem da pesquisa.

Quem tá na pesquisa aprende mais porque agente recebe o roteiro na sexta e estuda para apresentar no sábado então é pouco tempo em relação à semana toda que a redatora teve para ler. Agente só tem um recorte de tudo que ela leu então acho que ela aprende mais que o resto do grupo. (Jovem 3)

Já a redatora se comunica com o grupo de forma mais pronunciada apenas no momento da escolha da pauta e, com o público, apenas nas ruas, após o programa. A comunicação discursiva em torno do tema escolhido não existe no Programa No Batente, pois, como já foi dito, a produção do roteiro é de responsabilidade apenas da redatora.

Se fosse para falar acho que eu não ia conseguir me expressar tão bem como na escrita apesar de estar menos tímida que antes da formação. Antes eu acho que nem estaria te respondendo nada, por exemplo, mas ainda assim me sinto mais a vontade como redatora. (Jovem 1)

Essa participação restrita em termos de discussão de conteúdos se dá por dois motivos: o consenso no grupo de que é melhor cada um se ater àquilo que tem mais habilidade e o fato dos jovens acharem normal cada um ter sua especialidade, pois, no final das contas, isso não impede o alcance do que pelo que observamos parece ser considerado como o objetivo mais importante: a veiculação do programa.

CONCLUSÕES SOBRE O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO PROGRAMA NO BATENTE

Quando analisado em seu modo de ser produzido e veiculado percebemos que o Programa No Batente possui particularidades que nos permitem afirmar a distância de seus procedimentos em relação ao que se teoriza em Educomunicação. A promoção do acesso democrático à produção e difusão da informação (objetivo específico 1 da Educomunicação) se restringe à prática da ONG para com os jovens deste grupo no momento em que são admitidos na formação do GIRAL.

Acreditamos, por outro lado, que se a ONG proporcionasse uma formação em técnica de som aos jovens as chances de imposição de dificuldades ao uso da mesa por parte da rádio comunitária, conforme descrito acima, diminuiria, não afetando o processo democrático de acesso aos meios. Neste aspecto, o autodidatismo do jovem que aprendeu a utilizar a mesa observando o técnico da rádio constitui um ponto forte para o grupo.

Já as práticas radiofônicas dos jovens são pouco democráticas, no que diz respeito à circulação dos conhecimentos relativos aos conteúdos da Educação Ambiental por não haver a discussão do tema entre os integrantes. Não há ainda a democratização dos conhecimentos respectivos às práticas radiofônicas dentro do programa já que cada sujeito se atém à sua função e por isso só aprende a prática que exerce.

A facilitação da percepção crítica da maneira como o mundo é editado nos meios (objetivo específico 2 da Educomunicação) é uma competência que se dá no momento da edição do roteiro. Como só a redatora é responsável pela função, apenas ela tem potencial para desenvolver o senso crítico de como os grandes meios têm o poder de manipular as mensagens.

O facilitamento do ensino/aprendizado através do uso criativo dos meios de comunicação (objetivo específico 3 da Educomunicação) não foi observado no programa. Embora nosso objeto de estudo esteja focado em questões iniciais de ensino aprendizagem de conteúdos específicos, ou seja, em concepções de meio ambiente que vão se construindo, e cujo teor será analisado mais adiante, no que toca ao ensino/aprendizagem individual e coletivo de procedimentos radiofônicos, os jovens se limitaram a reproduzir a forma tradicional dos grandes meios.

Como alguns exemplos observados, citamos a tentativa por parte do jovem locutor de imitar a forma de falar dos locutores famosos da grande mídia, o fato de os erros serem vistos não de uma forma natural mas responsáveis por *“estragar o*

programa” (Jovem 4) afetando sua credibilidade e quando os quadros seguem uma orientação pré-estabelecida e sem inovações pedagógicas na relação entre os jovens. As músicas, por exemplo, não são escolhidas e utilizadas com base no tema do programa desperdiçando a oportunidade de trabalho criativo dos conteúdos.

Acrescentaríamos ainda outros exemplos: a técnica de entrevistas, mesmo não sendo nova, proporcionaria uma forma de comunicação dentro do programa, mas não foi utilizada; a utilização de enquetes (perguntas) não foi observada, mas permitiria analisar a opinião do público sobre o tema meio ambiente e propiciar uma interação pelo telefone; a criatividade não foi trabalhada nem mesmo na seleção dos temas, visto que ocorreu seguindo o nível de publicização em outros meios; e embora o grupo tenha afirmado que produz algumas vinhetas, não observamos sua produção e utilização para trabalhar os temas ambientais nos programas acompanhados.

Podemos, por fim, afirmar que a promoção da expressão comunicativa dos membros (objetivo específico 4 da Educomunicação) é segundo a nossa compreensão e explicação do que significa a comunicação (item 1.2), incipiente e algumas vezes inexistente. Os conteúdos específicos de Educação Ambiental não são comunicados, mas transmitidos da redatora para os locutores através do roteiro escrito. Não há circulação de mensagens e conhecimentos ambientais dentro do grupo. O diálogo entre os locutores não é autêntico, natural, mas pré-formulado pela jovem redatora.

Desta forma, não ocorrem a reinterpretação e a resignificação de sentidos característicos de processos de concepção. Apenas algumas informações necessárias à formatação do programa, como escolha do tema e das músicas, são discutidas. A atenuação da timidez citada pelos jovens nas entrevistas poderia ser mais acentuada e generalizada se o grupo tomasse a comunicação como base do processo radiofônico. Da mesma forma, a diminuição dos vícios de linguagem seria uma consequência desse ato comunicativo ao possibilitar mais treino vocabular, segurança nos conteúdos e, por conseguinte, na locução.

Embora haja, segundo relatos dos jovens, comunicação com o público ouvinte nas ruas, esse aspecto extrapola o entendimento de nosso objeto de estudo. Mais adiante, verificaremos as consequências deste modo de produzir e veicular rádio

comunitária nas concepções dos integrantes do Programa No Batente. Mas antes disso, faremos a análise dos procedimentos do grupo de Pombos.

3.1.2 PROGRAMA DE PROPÓSITO – RÁDIO BRASIL FM 98,5 - POMBOS

A REUNIÃO DE PRODUÇÃO DO PROGRAMA

O Programa De Propósito é realizado por oito jovens que se dividem em dois grupos menores de quatro integrantes. Esses grupos se revezam semanalmente para a realização dos programas porque o ambiente da rádio é muito pequeno. Percebemos inicialmente que a participação da juventude local no projeto da ONG fica limitada por questões de espaço físico, o que influencia na seleção dos candidatos à formação. A fala do educador de Pombos retrata que os critérios utilizados na escolha dos participantes também se relacionam com outro motivo:

No começo o único critério era limitar a quantidade de pessoas por questões logísticas. Depois fomos percebendo que os que eram mais velhos eram atraídos pelo mercado de trabalho e os muito jovens eram muito dispersos e acabavam abandonando os programas. Então agente vem procurando achar um meio termo nesta questão da idade (Educador).

Como se pode observar, o acesso já não é plenamente democrático. Isso se deve a limitações estruturais da Rádio Comunitária Brasil FM e à preocupação com a continuidade dos programas. Esse cuidado visa evitar a perda dos recursos financeiros e do tempo investido na formação. No entanto, ficou constatado em várias conversas que a democracia é um valor bastante trabalhado dentro da formação e inerente aos princípios e objetivos do GIRAL.

(...) mostrar para os jovens que eles tem um espaço garantido dentro do programa que é de fato de interesse de toda a comunidade, mas é produzido por jovens e principalmente para jovens, embora agente já tenha atingido um publico maior. Então o objetivo é proporcionar a democratização da rádio comunitária dando o exemplo que outros jovens também podem fazer programas. (Educador do grupo de Pombos).

É importante salientar que a rádio comunitária proporciona acesso à população para divulgação de informações de interesse público independente de qualquer tipo de formação radiofônica, o que nestes casos não se faz necessário.

A primeira etapa da realização do Programa De Propósito é a produção do roteiro, que acontece às quintas feiras em uma reunião na Biblioteca Municipal ou em uma das escolas públicas do município. Esse encontro tem duração média de 2 horas e conta com a participação do educador e de quatro jovens, responsáveis pela veiculação do programa da semana. Todos os procedimentos são discutidos e decididos em grupo.

A escolha do tema se relaciona, em primeira análise, com o próprio slogan do programa: *Programa De Propósito – o programa com o propósito para você*. Os jovens ouvintes são o público alvo do programa e por esse motivo existe a expectativa de atendê-los em suas curiosidades, interesses e necessidades que se afinam com as daqueles que fazem o programa. Observamos, dessa forma, que o ouvinte se sente contemplado e motivado a participar ao vivo.

Agente fica muito feliz porque as pessoas geralmente ligam para os programas de rádio só para pedir música, não ficam muito ligadas no assunto que ta sendo trabalhado já aqui as pessoas ligam e falam: olha eu estou gostando do programa, vocês estão mandando bem, vocês estão falando um assunto muito interessante. (Jovem 1)

A escolha do tema demanda de cada componente do grupo a sua participação. Dessa maneira, valoriza-se o trabalho em equipe, a democracia na exposição das ideias, a auto-estima pela oportunidade de ser escutado e a expressão comunicativa.

Agente discute qual vai ser o tema em conjunto né. Por exemplo, se alguém sugere um tema e nós não gostamos ele vai ter que nos convencer ou mudamos pra outro. (Jovem 2)

Os jovens se dividem e pesquisam o tema em livros, jornais e revistas da biblioteca pública, da escola ou no computador da *lan house*. Apresentam entre si os conteúdos achados e discutem-se as informações mais relevantes para os quadros do programa. A capacidade de síntese e a percepção do poder conferido pela edição de só informar o que é de interesse é, assim, trabalhado por todos nesse

processo. Há sempre a preocupação com a defasagem dos livros e a veracidade das informações disponíveis na internet que são revisadas antes do programa ir ao ar, tanto pelo educador como por outras pessoas do município conhecedoras do tema em questão.

Tem uma rede de instituições que nos auxiliam, por exemplo, se o tema for cultura tem a Geração Futuro, se for meio ambiente tem a Sociedade Nordestina de Ecologia, se for sobre inclusão digital tem o GIRAL que tem bastante material, claro que sempre com o auxílio da internet e livros. (Educador)

Tem que tomar cuidado também porque nem tudo que ta na internet presta. A internet é um meio de comunicação que tem verdades e mentiras com informações absurdas. (Jovem 3).

As músicas tocadas no programa também são cuidadosamente escolhidas nesta etapa. Sempre que possível possuem relação com o tema trabalhado. Já a música de fundo (Bg) do programa é uma canção da banda Legião Urbana que trata de juventude. As músicas que tocam ao vivo são previamente selecionadas na reunião, mas é deixado um espaço na programação para os pedidos dos ouvintes. Procura-se optar por músicas de conteúdo relacionado ao tema tratado e aquelas que valorizem a cultural regional local, mas que não sejam consideradas de mau gosto. Este cuidado com a escolha das músicas é bastante interessante, pois permite não apenas descontrair o programa como também reforçar o tema em pauta sensibilizando o público.

Pois é, agente conseguiu mudar a visão das pessoas aqui em Pombos que rádio FM é só música porque eles ficavam se perguntando como é que num programa de uma hora poderia ter só umas cinco músicas? Agente bota as músicas que tem haver com o tema apesar que de fato agente também coloca os pedidos dos ouvintes que é um direito deles, mas sempre priorizando músicas que tenham haver com o tema. (Jovem 4)

É porque também tem gente que abusa. Uma vez um bêbado ligou pra pedir música porque queria tomar cachaça ouvindo um brega. (Jovem 6)

O sociodrama é uma técnica utilizada pelo grupo do Programa De Propósito que consiste na dramatização de situações de relevância social envolvendo diálogos entre personagens que podem ser ou não figuras humanas. É uma forma indireta,

porém diferente e significativa de transmitir estórias com conteúdos morais e valorativos implícitos sobre determinada questão. O diálogo entre os personagens também é pensado e desenvolvido pelos jovens nas reuniões.

- Que peça abordar? Se for fazer um sociodrama pode ser entre peixes dizendo que a água está poluída e um amigo morreu... ou... (Jovem 2)

- Será que não vai ficar infantil? Ah! É bom que as crianças também entendem... ou então dá pra falar sobre dois rios, ou um rio que está morrendo... (Jovem 3)

- Ah! mas eu gostei mais dos peixinhos... mas peixe em rio poluído não tem. Peixe morto não fala... (Jovem 4)

- Será que não tem peixe que pula de um rio para outro? (risos) um rio deságua no outro, sei lá? Se for dois rios? O apelo dos rios...será que não dá pra unir as duas coisas? (Jovem 2)

- Dá ... o peixe pode ser o repórter que percorre os rios. (Jovem 3)

- Mas se o rio tá poluído o peixe não vive. (Jovem 2)

- Pode ser uma garça que voa por dois rios e fala com o peixe (pronto! Decidido!) o que mais? (Jovem 4)

- Mas tem Garça aqui em Pombos? Os peixes fazem parte da cadeia alimentar da garça. Não seria contraditório estarem conversando? (Jovem 2)

- Mas na hora do sufoco eles tem que se unir! (Jovem 3)

Uma outra técnica, a entrevista, além de contribuir bastante para o enriquecimento do programa funciona perfeitamente para preencher algum espaço quando não se dispõe de muito tempo para a formatação dos quadros. A falta de tempo costuma acontecer porque os jovens têm outras responsabilidades paralelas dentro da formação da ONG, como a produção de vídeos e blogs.

O entrevistado participa por telefone ou pessoalmente e é sempre alguém experiente e de renome local no assunto tratado. O grupo discute sobre a melhor opção de entrevistado, a forma de entrar em contato e o tempo de entrevista. O educador chama atenção para a importância de não combinar perguntas com o entrevistado de modo a ficar mais espontâneo. Acrescenta que as perguntas não podem ser vagas. Prepara o grupo para o imprevisto de o entrevistado faltar e, no caso, a necessidade de pensar em uma solução alternativa para substituir o quadro.

As perguntas são formuladas, segundo a fala do educador, pensando-se nas “dores do povo”. Isto é, as questões mais polêmicas e que geram descontentamento da população. Quando o assunto é meio ambiente além do aspecto social, a visão biológica também é contemplada na entrevista:

- A entrevista pode ser com um professor que eu conheço que participou por muitos anos do Projeto Reflorestágua e também faz cordel de improviso! (Jovem 1)
- Uns 30 minutos de entrevista ta bom? Quais as perguntas da entrevista? (Jovem 5)
- Tipo, sobre a água o que você tem a dizer? (Jovem 6)
- Isso não! Assim parece um delegado falando! (Jovem 7)
- Então tipo...pessoas que bebem pouca água correm risco de ficar doentes? (Jovem 8)
- Boa pergunta! (Jovem 1)
- Agente tem que fazer ele falar também sobre o excesso de cloro na água de Pombos. (Jovem 5)

Enquanto os jovens discutem o educador se afasta em alguns momentos para estimular a autonomia. Foi observado que quando o tempo de afastamento se prolonga um pouco mais há uma tendência à dispersão para outros assuntos do cotidiano e por isso o educador não demora a retornar. Nesta etapa, entretanto, as discussões se direcionam mais à produção do roteiro do que ao aprofundamento do tema meio ambiente. No entanto, o educador sempre lembra aos jovens que não se esqueçam de fazer a ligação do assunto com a realidade local.

Embora os jovens disponham de uma cartilha obtida na formação do GIRAL, que contém a ordem de organização de quadros e pautas em programas de rádio, observamos que eles nem sempre a seguem à risca. Já o tempo de cada quadro é previsto e somado para não extrapolar o horário do programa. O roteiro é feito à mão e só no dia seguinte é digitado por um dos integrantes que imprime e distribui aos demais.

A bibliografia fonte é levada na íntegra para ser lida, comentada e discutida ao vivo no programa. A adaptação do assunto a uma linguagem mais acessível acontecem quase sempre já na etapa de veiculação do programa. O roteiro do

programa contém, assim, apenas um planejamento geral sobre a ordem e a duração dos quadros e das músicas que vão ao ar, com espaço para os pedidos dos ouvintes.

- E o título? Água fonte de vida? (Jovem 5)
- Não... isso já ta batido! (Jovem 7)
- Deixa importância da água mesmo. (Jovem 6)
- Coloca um quadro com as ecodicas da cartilha. (Jovem 8)
- É, as informações tão bem simples de entender. Só é ler mesmo. (Jovem 7)
- Agente pode botar as campanhas de água no intervalo. (Jovem 5)
- E o sociodrama como ficou? (Jovem 1)
- Legal, mas ainda falta acabar! (Jovem 5)
- Agora vamos somar o tempo que temos. (Jovem 1)
- 20 minutos de música, mais 5 minutos de sociodrama, mais 30 minutos de entrevista, mais conversa de locutores e pode colocar um ouvinte no ar! (Jovem 6)

Acertados os últimos detalhes, a reunião termina com lembretes sobre outras atividades pertinentes à formação da ONG e com o pedido do educador para que os jovens sejam pontuais, de modo a não atrasar o início do programa no sábado de manhã. Os jovens aparentam estar tranquilos e confiantes.

A VEICULAÇÃO DO PROGRAMA

Ansiedade, nervosismo, excitação, preocupação, euforia são sentimentos que caracterizam o clima no estúdio da rádio comunitária de Pombos nas manhãs de sábado. Nem tudo sai como planejado no Programa De Propósito. O convidado se atrasa, um dos jovens adoece, um dos microfones não funciona, alguém esquece o roteiro ou algum material bibliográfico. Mas é também por isso tudo que o Programa De Propósito dá certo, pois a improvisação se torna uma ótima oportunidade de

aprendizado. Aprende-se a dominar o medo, a colocar para fora os conhecimentos prévios e a cultura local que se pensava não saber.

A discussão e a adaptação dos textos pesquisados são expressados ao vivo durante o programa através da locução, em forma de diálogos ou pela transmissão de mensagens. Observamos que a partir da interlocução vão se construindo ideias e raciocínios relacionados ao tema que são demandados pelo improviso característico de práticas dialógicas. O diálogo entre locutores é em quase todos os momentos improvisado e baseado nas leituras feitas na reunião de produção e nos conhecimentos e experiências pessoais de cada um.

- (...) focando desmatamento e queimadas que são grandes males do século, destruindo inúmeros e inúmeros habitats de animais, até contribuindo com o aquecimento global! (Jovem 1)

- É, e isso acontece por causa das necessidades do homem em obter matéria prima, pensando apenas no benefício imediato que isso lhes trará. As áreas enormes de mata são derrubadas para a construção de condomínios residenciais, industriais e rodovias. (Jovem 2)

- Isso ocorre e não é de hoje né, hoje é que a gente tem um alerta maior, talvez tenha um entendimento mais claro sobre isso (...) a gente sabe que precisa realmente que o progresso possa tomar algumas dessas áreas, mas com um certo controle devido ao desordenamento. (Jovem 1)

A informalidade intencional é característica marcante do Programa De Propósito. Os jovens produtores relataram que o ouvinte é atraído pela linguagem comum e pelas temáticas, mas tivemos uma forte impressão que são os risos, as brincadeiras, os erros ao vivo que mais o aproximam, que o fazem ligar, dar sua opinião, sentir-se em casa, imaginar o que está por trás do seu aparelho, dialogar com ele, sentir-se capaz de participar. Quando estamos presenciando a veiculação do programa nos damos conta que não se trata de nada parecido com os programas tradicionais, mas um verdadeiro laboratório de ensino/aprendizagem de prática radiofônica coletiva e ao vivo. A informalidade contribui para a popularidade do programa na medida em que o torna próximo mais da realidade dos jovens ouvintes tanto pelos seus conteúdos como pela forma descontraída de realizá-lo.

Mostrar para os jovens que eles tem um espaço garantido dentro do programa que é de fato de interesse de toda a comunidade, mas é

produzido por jovens e principalmente para jovens, embora agente já tenha atingido um público maior. Então o objetivo é proporcionar a democratização da rádio comunitária dando o exemplo que outros jovens também podem fazer programas. (Educador)

A função de cada integrante no Programa De Propósito não é fixa, mas muda de acordo com a necessidade e o amadurecimento para execução das tarefas. Leva-se em conta, então, a existência de uma escala de tempo para o exercício de cada função. A mudança de função depende apenas da evolução de cada integrante e obedece normalmente à seguinte ordem natural: 1) Participação na reunião de produção do roteiro; 2) Atendimento aos telefonemas durante o programa; 3) Pequenas participações ao vivo em um dos quadros do programa; 4) Locução permanente.

Observamos aí uma característica importante: o respeito às limitações temporárias e ritmos de cada um. Há um trabalho de grupo que enxerga as individualidades e conseqüentes particularidades de aprendizagem. Não se trata de uma formação massiva. As habilidades de cada um são desenvolvidas em etapas. Aquele que já avançou em determinada função passa a ser instrumento para fazer os outros progredirem mais rapidamente. Esforço coletivo se soma à vontade, ao treino e à disciplina individual. Para o educador, todos são diferentes em individualidade, mas iguais em capacidade.

Dentre as funções exercidas, observamos que o atendimento aos telefonemas tem como objetivo a anotação de recados, como serviços de utilidade pública, sugestões, elogios e pedidos de músicas. As pequenas participações ao vivo são feitas para ir proporcionando ao jovem segurança na locução. A última etapa é a locução permanente que consiste em conduzir a maior parte do programa e é considerada a mais difícil, necessitando de mais experiência.

O educador também participa da locução por dois motivos: para que o programa tenha também uma voz masculina já que o grupo é formado apenas por garotas e para estimular a expressão comunicativa, o diálogo e a segurança da jovem que faz a parceria na locução. Em uma próxima fase, o educador coloca outra integrante na locução e repete o mesmo exercício. Assim, quando sente segurança nas duas, as coloca para conduzirem o programa juntas. A alternância de tarefas entre os participantes do Programa De Propósito faz com que estes se deparem constantemente com novos desafios e, portanto novas sensações e emoções.

Observamos, no entanto, que a mesa de som é operada por uma técnica da própria rádio. Por receio dos dirigentes da rádio em relação ao alto custo da tecnologia seu uso não é permitido aos jovens.

Observamos que as entrevistas contribuem muito do ponto de vista do aprendizado, pois os entrevistados são “caixas de surpresa” promovendo novos conhecimentos, dúvidas, reflexões, reinterpretações e ressignificações de ideias e sentidos. A expressão no rosto dos jovens e os diálogos denunciam que se aprende mais nos programas em que há entrevistados ou quando as pessoas ligam ou comentam na semana seguinte, pois há partilha de conhecimentos, perguntas insatisfeitas, informações que não eram consideradas e conclusões que vem à tona. A interpretação e a ressignificação dos conteúdos trabalhados acontecem antes, durante e após os programas, nas conversas entre locutor-locutor, locutores-ouvintes, locutor-entrevistado, entrevistado-ouvinte.

O aprendizado acontece desde o momento em que estão pesquisando até o retorno do público que até complementa as informações quando agente passa nas ruas e agente fica muito contente quando acontece isso. (Educador)

A entrevista demonstrou ser um momento, portanto, potencialmente mais rico em relação ao amadurecimento de conhecimentos. A depender do entrevistado e do assunto as emoções desencadeadas nos jovens comunicadores e no público têm diferentes amplitudes. Segundo relato dos jovens produtores do programa, temas polêmicos como sexualidade e drogas recebem menos ligações, mas vários comentários nas ruas, pois o município é pequeno, todos se conhecem e muitas pessoas têm medo de se expor, preferindo comentar pessoalmente com os jovens depois do programa. Algumas perguntas não formuladas na reunião surgem naturalmente nas entrevistas.

Durante o programa o educador fica sempre atento e media todo o processo: chama a atenção para os erros, para falar mais alto e devagar, para fazer mais comentários sobre as informações de modo que o programa não “fique frio e seco” (Educador). Orienta os jovens a associar o assunto à realidade local; a atender os telefonemas com mais ânimo, para não se esquecer de informar a hora, para lembrar-se de agradecer os apoiadores, para tomar mais cuidado com material pesquisado da internet quanto ao tamanho da fonte, ao espaçamento entre linhas e

a pontuação do texto de modo a não atrapalhar a leitura ao vivo, etc; para evitar os vícios de linguagem e falar alto e devagar, ou seja, coisas que só se aprende fazendo.

Pode parecer estranho e até mentira, mas tem uma senhora da zona rural que sempre liga pra rádio quando agente não informa a hora. Ela disse que é para não perder o horário de tomar o remédio. A rádio tem a função social e esse é um dos motivos. Por isso que agente procura não esquecer de dizer a hora. (Educador)

As orientações do educador se dão nos intervalos musicais, mas também quando o programa está no ar, durante a locução. É interessante ressaltar o caráter visual das instruções nesse momento. Comunicações através de linguagens visuais para que o público ouvinte não perceba. Verdadeiras conversas por meio de gestos e expressões que à primeira vista só eles entendem. O ambiente de estúdio exige não apenas o uso da voz, mas o trabalho do “corpo que fala” à sua maneira: as mãos na cabeça representando a gafe no comentário, o “olhar espantado” com a música errada colocada no ar, o estalar de dedos querendo atenção, o abraço apertado em um programa sobre amizade e o choro contido no depoimento emocionante de um ex-viciado em crack, durante entrevista em um programa sobre drogas.

Observamos que o sociodrama é um ponto alto do programa do ponto de vista da aprendizagem, pois *“contar uma estorinha mexe mais com as pessoas, conscientiza mais”* (Jovem 5). Nestas estórias não há limites para a imaginação criativa. O mundo é o que os jovens querem que seja, mais bonito e menos poluído, por exemplo. Se for preciso dar voz ao macaco, fazer o peixe reclamar, isto é feito e a mensagem é passada. O surreal tem compromisso com o social. A timidez se dissipa no ar e a repercussão do público ouvinte adquire maior frequência e intensidade seja pelos telefonemas ou nos encontros na rua.

Na maior parte do tempo o Programa De Propósito é constituído por leituras, comentários, discussões e entrevistas. As músicas escolhidas pelo grupo são colocadas para descontrair um pouco ou mesmo solidificar e ampliar a discussão quando abordam a temática trabalhada em suas letras. Nos chamou muito a atenção a sensibilidade e atenção do público pois, algumas vezes, os próprios ouvintes pedem músicas relacionadas ao tema do dia. Algumas vezes, as músicas escolhidas

para tocar no programa não estão disponíveis no computador da rádio e então o grupo discute outras opções.

- Vamos agora com a música Sal da Terra né, que é de Roupa Nova, além de ser o artista favorito é uma música que deixa uma bela mensagem de reflexão sobre o tema de meio ambiente sobretudo. E com a participação de quem? (Jovem 1)

- Com a participação da belíssima Ivete Sangalo, mas especialmente porque é de Roupa Nova! (Jovem 3)

- Então vamos com essa música, reflitam na letra dela, ela tem muito a lhe dizer e daqui a pouco a gente volta com muito mais pra vocês! (Jovem 1)

- Onde tá a relação das músicas? (Jovem 1)

- Aqui: Planeta Água de Guilherme Arantes que tem na voz de Zezé de Camargo, Vamos Preservar a Natureza de Ivanildo de Pombos e Xote Ecológico de Luiz Gonzaga (Jovem 2)

- Também tem que ter outras músicas, mas aí a gente deixa o povo pedir, mas cuidado pra não atender ao telefone já perguntando da musica, falar sobre a temática também. (Jovem 1)

A maior parte das vinhetas utilizadas no Programa De Propósito foi elaborada por um profissional do município vizinho e servem para anunciar o programa e veicular mensagens educativas. A participação interativa permeia todas as etapas de realização do Programa De Propósito, entre os próprios integrantes, e destes com o público ouvinte. Durante o programa a participação com os ouvintes se dá por telefone e após o mesmo, acontece pessoalmente nas ruas.

Teve uma vez que encontrei uma colega minha na rua e ela começou a comentar sobre um programa que agente fez sobre meio ambiente e que eu tava esquecida porque já fazia um tempão que tinha ido ao ar. Mas aí ela foi falando e eu fui lembrando do assunto. (Jovem 8)

Para quem está iniciando a locução permanente o número e a diversidade de comentários aumenta à medida que a timidez diminui, mas também depende da segurança no tema. O educador algumas vezes brinca ao vivo com a timidez da parceira de locução. O clima do programa é informal e descontraído, conduzido por

conversas com bastante troca de olhares, o que representa desprendimento do texto.

Ainda assim, pequenos erros foram observados, como colocar uma música errada no ar ou falar alguma gafe, por exemplo. No entanto, quando notados, a relação que se tem com a maioria dos erros é de naturalidade e chega-se mesmo a brincar com eles no ar, por haver uma concepção de que fazem parte do processo de aprendizagem. A leitura de algumas palavras mais difíceis é feita com dificuldade por limitações originadas da própria educação escolar. Entretanto, as palavras difíceis por conta da pronúncia não são evitadas, já, aquelas de difícil entendimento são substituídas ou traduzidas ao vivo.

Alguns vícios de linguagem também foram percebidos (o uso constante da expressão “com certeza”), mas parecem, neste caso, mais ligados à desatenção com a fala “limpa” do que com algum tipo de insegurança. Os locutores permanentes não demonstram a preocupação em mudar a entonação da voz durante o programa. Já, nas dramatizações, ela se faz necessária nos diálogos para diferenciar os personagens da estória.

A atenuação da timidez se processa em todos os integrantes do Programa De Propósito, pois as discussões tem a participação geral. No entanto, entre os locutores, a expressão comunicativa se desenvolve de forma mais pronunciada e, algumas vezes, com rapidez impressionante: foi claramente visível a evolução, em particular, de uma das locutoras iniciantes de um programa para o seguinte. Todos, porém, acabam sendo beneficiados, já que cada um tem a oportunidade de estar na locução em algum momento. A evolução de um integrante e a consequente parabenização pelo educador estimulam visivelmente os outros jovens a obter os mesmos resultados, estabelecendo, assim, um desenvolvimento coletivo desencadeado por evoluções individuais.

Porque você decidiu passar pela formação? (Fragmento de entrevista)

- Eu sempre fui muito tímida. Na escola, na hora da apresentação eu temia tanto e hoje eu ainda sou um pouco tímida, mas nem tanto. (Jovem 8)

- Meu problema também é que na hora de apresentar algum trabalho eu tinha muita dificuldade. Eu ficava muito tímida e hoje eu melhorei muito. (Jovem 7)

- Eu entrei porque eu era muito tímida. Tinha dificuldade de conversar com as pessoas, apresentar trabalho, tinha pânico mesmo, tinha medo de microfone e achei que era uma ótima oportunidade. (Jovem 2)

- O GIRAL proporciona um tipo de pedagogia que a escola normal não tem, de o professor interagir mesmo com o aluno, e eu tava sentindo falta disso e fiquei sabendo da formação por Jairo. (Jovem 3)

O método de alternância de funções no grupo do Programa De Propósito promove entre os jovens a formação de uma compreensão de que a habilidade individual é obtida independentemente de um dom hereditário que um ou outro integrante já possua. O exercício disciplinado, constante e organizado contribui para a evolução individual e coletiva. Isto, conseqüentemente, aumenta a qualidade final do Programa De Propósito, mas a mediação assídua do educador e a relação de naturalidade para com os erros estabelece uma forte impressão de que o objetivo mais importante não é o programa veiculado em si (o fim), mas os processos educativos inerentes a prática radiofônica do grupo (os meios).

CONCLUSÕES SOBRE O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO PROGRAMA DE PROPÓSITO

Pela análise do processo de produção e veiculação radiofônica do grupo do Programa De Propósito percebemos que suas particularidades o diferenciam substancialmente do grupo do Programa No Batente. Tomando como base os mesmos objetivos específicos da educomunicação citados anteriormente podemos afirmar que, no geral, estes foram contemplados no conjunto de práticas do Grupo de Pombos.

Dizemos que as práticas do grupo atendem de forma genérica aos princípios educacionais porque não temos a pretensão de caracterizá-las como exemplos perfeitos de conduta educacional, principalmente, por ser uma área em emergência e, portanto, aberta à construção de propósitos e ideais. Mas não podemos, por outro lado, negar a existência de indícios que melhor asseguram a semelhança entre os atuais propósitos da educomunicação e os procedimentos utilizados pelo grupo de Pombos.

A promoção do acesso democrático à produção e à difusão da informação (objetivo específico 1 da Educomunicação) sendo característica inerente do GIRAL foi assimilada pelo grupo em seus procedimentos. A comunicação permeando todo o processo radiofônico possibilitou a democratização dos conhecimentos técnicos próprios da produção e veiculação e acerca dos conhecimentos específicos de meio ambiente.

O método do educador da ONG ampliou significativamente o contato de cada integrante com as diversas funções dentro do programa e suas responsabilidades correlatas. A exceção é o acesso ao manejo da mesa de som que ainda é dificultado pelos dirigentes da rádio comunitária. Mas pelo que observamos o bom relacionamento do grupo com a técnica da mesa de som facilita bastante o andamento do programa. Incluir a técnica de som da rádio no programa, incentivando sua participação através também de comentários foi um meio que o grupo achou para manter o alto nível de comunicação interativa dentro do programa De Propósito.

De toda forma o ideal seria que os jovens se apropriassem também desta tecnologia propiciando, assim, uma formação integral para atuar na rádio. Acreditamos que uma capacitação prévia dos jovens para o uso desta tecnologia na primeira etapa da formação do GIRAL passaria confiança ao presidente da rádio, mas seria necessária a aquisição da mesa de som pela instituição formadora.

A facilitação da percepção crítica da maneira como o mundo é editado nos meios (objetivo específico 2 da Educomunicação) foi trabalhado por todos os jovens visto que a edição do roteiro é feita de forma conjunta e participativa. A seleção, o resumo e a adaptação dos conteúdos pesquisados à linguagem popular fazem parte desse processo que foi realizado sempre de forma cooperativa.

O ensino-aprendizado foi facilitado através do uso criativo dos meios de comunicação (objetivo específico 3 da Educomunicação) na medida em que o grupo decidiu por conta própria e não por influência da mídia o tema trabalhado e procurou variar sua abordagem através das técnicas do sociodrama, da entrevista e pelo cuidado para que as músicas fossem pertinentes ao assunto do programa. A facilitação da concepção de meio ambiente como parte do processo de ensino-aprendizado será abordada quando analisarmos o conteúdo dos programas.

A utilização de enquetes não aconteceu pelo tempo já estar preenchido nos programas acompanhados, mas chegou a ser cogitada nas reuniões, dando a entender que compõem o conjunto de técnicas utilizadas pelo grupo. Seria interessante que as vinhetas do programa fossem produzidas pelo grupo, mas, ainda assim, foram lembradas e utilizadas para reforçar o tema. Podemos afirmar que o Programa De Propósito é criativo na própria maneira de ser por conta do método de alternância de funções dentro do grupo e por priorizar a comunicação informal ao vivo. Características estas que estão longe de serem comuns na grande mídia.

Podemos afirmar que a promoção da expressão comunicativa dos membros da comunidade em questão (objetivo específico 4 da Educomunicação) não apenas ocorre no Programa De Propósito mas é base das relações estabelecidas pelo grupo. A comunicação permeia todo o processo e é estimulada constantemente pelo educador.

A expressão comunicativa se dá de forma natural tanto em relação aos procedimentos radiofônicos como no que diz respeito aos conteúdos ambientais, portanto, a reinterpretação e ressignificação de sentidos acontecem constantemente. A comunicação chega a se transmutar em demanda das circunstâncias: a expressão corporal requerida no momento da veiculação ao vivo.

Todos os integrantes experimentam as diversas formas de se comunicar: pelo telefone e nas ruas com os ouvintes, com o educador e entre eles nas reuniões e na locução. Cabe, no entanto, ressaltar que é perfeitamente previsível que se a discussão dos conteúdos ambientais iniciasse já na reunião de produção do roteiro os jovens chegariam menos tímidos e mais seguros com a dicção das palavras e com o discurso em si. A análise pormenorizada da abordagem dos temas ambientais nos programas pelos jovens será realizada no próximo item.

Embora possamos chamar o educador da ONG de educador, não nos precipitaremos em afirmar que o programa é educador. Entendemos que existem elementos que o aproximam da educação quando tomamos como referencial os objetivos específicos encontrados na literatura e dos quais estamos nos utilizando. Mas estamos pressupondo que esses elementos serão mais do que suficientes para demonstrar as concepções de meio ambiente diferenciadas que surgem em relação às dos jovens do Programa No Batente.

No próximo item analisaremos a relação entre as concepções de meio ambiente e as práticas radiofônicas de cada grupo. Para isso, será necessário identificar as concepções de meio ambiente nos dois programas radiofônicos e nas entrevistas com cada grupo através da análise de conteúdo.

3.2 IDENTIFICAÇÃO DAS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE DOS GRUPOS DE GLÓRIA DO GOITÁ E POMBOS E SUA RELAÇÃO COM AS PRÁTICAS RADIOFÔNICAS

AS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE DO GRUPO DE GLÓRIA DO GOITÁ

Analisamos dois programas cujas temáticas foram Animais em extinção e Educação Ambiental, além do conteúdo das entrevistas com o grupo. Pudemos agrupar os dados nas categorias ou correntes de Educação Ambiental da classificação de Sauv  (2005). Para explicitar melhor a rela o do cont do dos roteiros e das entrevistas às categorias da autora criamos por dedu o desses dados subcategorias de Educa o Ambiental.

Apresentamos abaixo alguns exemplos de trechos de falas (unidades de registro), as categorias de Educa o Ambiental de Sauv  (2005), seus objetivos sintetizados e as concep es de meio ambiente relacionadas. Logo em seguida estão as subcategorias de Educa o Ambiental criadas a partir das falas, suas significa es e as concep es de meio ambiente implícitas.

AS CONCEP ES PRESENTES NO PROGRAMA NO BATENTE

Unidades de registro:

E Para os que não sabem, extin o   o desaparecimento irreversível de espécies e acontece quando o último animal de uma determinada espécie morre. (Jovem 1)

E Tomando conhecimento dessas informa es, poderemos contribuir para que a natureza seja menos agredida e, assim, ajudar a preservar as espécies. (Jovem 1)

(...) e o mínimo que podemos fazer é tentar ajudar a preservar, tomarmos consciência e conscientizarmos outras pessoas também.
(Jovem 2)

Categoria (Educação Ambiental): Científica

Objetivos da Educação Ambiental: Adquirir conhecimentos em ciências ambientais dando ênfase ao processo científico a fim de compreender melhor as realidades e problemáticas ambientais e suas relações de causa e efeito. A perspectiva é a de compreender melhor para orientar melhor a ação.

Concepção de meio ambiente: Objeto de estudos

Subcategoria: Informativa

Significação: Promove Educação Ambiental através da disseminação de mensagens.

Concepção de meio ambiente: Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais.

Comentários:

As unidades de registro exemplificadas demonstram de forma geral o caráter essencialmente informativo dos discursos. Na primeira unidade de registro podemos perceber o teor informativo do discurso que é apenas um exemplo de muitos outros trechos do roteiro que se caracterizam por apresentar tipos específicos de informação, como conceito, dados estatísticos, listagem, etc. Nos dois últimos trechos, vemos a idéia explícita da necessidade do conhecimento para a proteção da natureza. É importante para a nossa análise ressaltar o aparecimento de duas palavras: Preservar e conscientizar.

A palavra preservação tem significado diferente da palavra conservação. Preservar tem o sentido de proteção integral, ou seja, isolamento de um espécime ou ambiente do homem. Já o termo conservação implica em um uso sustentado de determinado espécime ou ambiente. Se partimos do pressuposto de que os jovens conhecem essa diferença a preferência pelo uso do termo preservar aponta para o senso de urgência para a problemática ambiental e a falta de esperança de que ainda possa haver uma relação sustentável entre a sociedade humana e a natureza propriamente dita.

O uso da expressão “*e conscientizarmos outras pessoas também.*” indica que o jovem 2 acredita ser perfeitamente possível conscientizar o outro pelo ato

informativo. Esta idéia entra em choque com a teoria educacional que preconiza a comunicação como mola propulsora de processos de conscientização originados do próprio indivíduo e não de outrem.

A relação principal de proximidade entre a categoria Científica de Sauv e e a subcategoria Informativa derivada da análise do roteiro   o caráter científico predominante do conteúdo informativo do programa e a inten o de educar pela dissemina o de mensagens.

Unidades de registro:

(...) por ai vemos muitas pessoas que de forma ilegal adquirem todos os tipos de animais que vão de aves, mamíferos, r pteis, invertebrados e outros. (Jovem 1)

Precisamos de incentivo, nos unirmos com um propósito de acabar ou diminuir em números expressivos esses quadros de extin o e sei que podemos.   s  acreditar e fazer por onde! (Jovem 2)

De uma maneira ou de outra temos a certeza que o grande culpado disso acontecer somos nós próprios, os seres humanos (...) (Jovem 2)

Categoria (Educa o Ambiental): Crítica social

Objetivos da Educa o Ambiental: Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa os problemas. Implica na liberta o das aliena es e no questionamento das correntes dominantes. Pode se desenvolver através de um processo crítico em três tempos: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstru o. A pedagogia de projetos também   vista como alternativa a determinada problemática ambiental local que   analisada com o apoio de textos relacionados, discussão coletiva e elabora o de projeto comunitário.

Concep o de meio ambiente: Objeto de transforma o. Lugar de emancipa o

Subcategoria: Responsabilizadora do indivíduo

Significa o: Associa a problemática ambiental e/ou sua soluço ao comportamento individual.

Concep o de meio ambiente: Uma responsabilidade do indivíduo

Comentários:

Os extratos de fala representam o primeiro nível de responsabilização socioambiental presentes no roteiro deste programa - o indivíduo – que é tomado ao mesmo tempo como referencial de culpa e solucionamento da problemática ambiental. Termos como “*seres humanos*” são empregados juntamente com “*muitas pessoas*” e “*nós*” fornecendo ora uma idéia mais genérica ora mais pessoal dessa responsabilização.

Mas o comportamento individual é o que caracteriza o discurso quando acompanhamos o contexto do programa. Embora ao longo da veiculação sejam apresentadas diversas causas da problemática ambiental, inclusive naturais (sem a participação direta do ser humano), o homem é o alvo central das críticas. A relação de proximidade que se estabelece entre a Categoria Crítica social e a Subcategoria Responsabilizadora do indivíduo é a pertinência da pessoa como primeiro componente desta sociedade que é tomada como alvo da crítica dos jovens.

Os outros dois níveis co-responsáveis pelo ambiente – o governo e a indústria não aparecem ao longo do programa, o que demonstra uma concepção limitada sobre a responsabilidade socioambiental. A superficialidade de tratamento dessa questão poderia ser contornada caso houvesse um revezamento de funções onde cada jovem desse a sua contribuição para o roteiro do programa. Entre outras tarefas o educador da ONG tende a orientar sobre o trabalho de conteúdos específicos. A sua ausência, como podemos perceber no caso desse grupo, provavelmente contribuiu para uma carência na diversificação da concepção crítica dos sujeitos.

Tomando como referência as explicações de Sauv e para essa categoria percebemos que os jovens não avançam no discurso na medida em que não contextualizam o assunto com a realidade local, o que parece estar fortemente ligado ao fato de não haver na prática radiofônica do grupo o diálogo de saberes que facilitaria a exterioriza o da cultura local de cada jovem. As fases de resistência e de reconstru o pela elabora o de projetos comunitários mencionada por Sauv e ao explicar a categoria aparece brevemente na fala do jovem 2 quando constata que   preciso a união para resolver o problema da extin o. Já, idéias e soluçoes mais objetivas estão ausentes no discurso.

Unidade de registro:

Estrelas do Mar

Era uma vez um escritor que morava em uma tranqüila praia, junto de uma colônia de pescadores. Todas as manhãs ele caminhava à beira do mar para se inspirar, e à tarde ficava em casa escrevendo. Certo dia, caminhando na praia, ele viu um vulto que parecia dançar. Ao chegar perto, ele reparou que se tratava de um jovem que recolhia estrelas-do-mar da areia para, uma por uma, jogá-las novamente de volta ao oceano. "Por que está fazendo isso?"- perguntou o escritor. "Você não vê! --explicou o jovem-- A maré está baixa e o sol está brilhando. Elas irão secar e morrer se ficarem aqui na areia". O escritor espantou-se. "Meu jovem, existem milhares de quilômetros de praias por este mundo afora, e centenas de milhares de estrelas-do-mar espalhadas pela praia. Que diferença faz? Você joga umas poucas de volta ao oceano. A maioria vai perecer de qualquer forma. O jovem pegou mais uma estrela na praia, jogou de volta ao oceano e olhou para o escritor. "Para essa aqui eu fiz a diferença.". Naquela noite o escritor não conseguiu escrever, sequer dormir. Pela manhã, voltou à praia, procurou o jovem, uniu-se a ele e, juntos, começaram a jogar estrelas-do-mar de volta ao oceano. Sejamos, portanto, mais um dos que querem fazer do mundo um lugar melhor.

Sejamos a diferença!

(Jovem 2)

Categoria (Educação Ambiental): Moral/Ética

Objetivos da Educação Ambiental: Propõe o desenvolvimento de uma competência ética, de valores ambientais, do ecocivismo ou de uma moral ambiental. Trata-se ainda de favorecer a confrontação em situações morais que levam o indivíduo a fazer suas próprias escolhas e justificá-las. O conflito moral surge do contato com a posição dos outros pelo debate e da necessidade de tomar uma decisão, uma conduta que põe em cheque o próprio sistema de referência ética e tem consequências futuras.

Concepção de meio ambiente: Objeto de valores

Subcategoria: Moralizadora

Significação: Ressalta a importância de cuidar do meio ambiente por questões religiosas/apocalípticas/Éticas/morais

Concepção de meio ambiente: Um lugar sagrado, digno de respeito

Comentários:

A unidade de registro exemplificada acima é uma estória de fundo moral que procura trabalhar de uma maneira criativa a sensibilidade do ouvinte. A cidadania ambiental surge de um processo comunicativo entre os personagens do conto tratando-se assim de um exemplo de processo educacional. Convém atentar para os detalhes sobre como o personagem escritor se conscientiza e muda sua conduta. Primeiro ele observa o exemplo do outro personagem para em seguida entrar em um confronto de valores e a conseqüente reformulação de concepção e de comportamento.

Finalmente tudo ocorre através de uma educação ao ar livre, em contato com o ambiente que se transforma no espaço de aprendizagem do personagem escritor. A educação ao ar livre é um dos inúmeros métodos trabalhados em Educação Ambiental e é um exemplo de convergência entre categorias citados por Sauv  (2005), pois também   uma atividade que está contida na categoria Naturalista.

A mensagem final da estória *“Sejamos a diferença”* propõe a internaliza o de valores ambientais  ticos. Personificar-se em seu próprio sistema de valores. Faz lembrar a célebre frase do famoso pacifista Mahatma Ghandi: *“Seja a mudança que você quer ver no mundo.”* A utiliza o dessa estória pela locutora  , em nossa opinião, o ponto alto do programa por proporcionar uma forma bastante diferente de sensibilizar o ouvinte.

Por outro lado, levando em conta o desenvolvimento das concep es de meio ambiente do grupo como um todo, um trabalho conjunto em que cada jovem representasse um papel, como o do narrador e os dos personagens seria mais interessante porque trabalharia a expressão comunicativa de cada um e daria uma maior dinâmica ao quadro. O processo criativo de concep o de meio ambiente também seria melhor trabalhado se a estória utilizada fosse construída pelos próprios jovens do grupo ao invés de ser extraída da internet como foi possível observar em nossa pesquisa de campo.

A rela o de proximidade entre a Categoria Moral/ tica e a subcategoria Moralizadora   neste caso explicada pela abordagem de conteúdo moral/ético sem referência a concep es religiosas. A cria o da subcategoria, portanto, se justifica mais em outros casos que tratam diretamente da religiosidade / espiritualidade e que serão vistos mais adiante.

AS CONCEPÇÕES PRESENTES NAS RESPOSTAS DADAS ÀS ENTREVISTAS

Unidades de registro:

É tudo, é aonde agente vive, é a natureza, é da onde o pessoal tira o seu sustento. É importante porque é da onde agente tira nossa vida, o sustento, a água, o oxigênio, é essencial. (Jovem 1)

É tudo onde agente vive. Qualquer lugar faz parte do meio ambiente e é por isso que é importante porque é aonde agente vive. (Jovem 2)

Porque se acabar agente vai sentir falta. (Jovem 3)

(...) porque é provado que se ele for destruído você vai se dar mal. (Jovem 2)

Categoria (Educação Ambiental): Holística

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo a partir do entendimento de que todos os seres estão relacionados entre si e procurar um atuar equilibrado e participativo em e com o meio ambiente. O enfoque orgânico das realidades ambientais também propõe a participar dos fenômenos da natureza modelando a intervenção humana criativamente (arte, artesanato, agricultura, etc.) para não desarmonizar o ambiente.

Concepção de meio ambiente: Total. Todo. O Ser

Subcategoria: Conectora

Significação: Ressalta a conexão e a interdependência entre os seres, a natureza e o ambiente construído.

Concepção de meio ambiente: Uma teia de relações

Comentários:

Os dois primeiros trechos exemplificados são respostas dadas para a pergunta: O que é meio ambiente? O entendimento por parte do grupo de que o ambiente é tudo e não apenas a natureza propriamente dita demonstra uma

concepção abrangente que não reduz o meio aos seus aspectos naturalísticos. Isto é constatado quando se faz menção aos aspectos abióticos (“água”, “oxigênio”) e bióticos (“a gente” – o ser humano).

As duas últimas falas tratam-se de respostas do grupo sobre a importância do meio ambiente e abordam essa conexão tênue que se relaciona com a própria qualidade de vida da humanidade no planeta. A relação próxima entre a categoria Holística e a Subcategoria Conectora se configura pela ideia da conectividade e na relação de interdependência entre o ambiente natural, o ambiente socialmente construído e os seres que neles habitam com suas edificações, seus lares, seus ambientes de trabalho, etc.

O discurso, por outro lado, não se diversifica em relação aos objetivos contidos na categoria de Sauv  sobre o desenvolvimento das múltiplas dimensões do ser, ou seja, a associa o entre a forma o de cada indivíduo e sua realidade ambiental específica. Esta   mais uma consequência da ausência do diálogo no grupo, que possibilitaria melhor a exterioriza o dos conhecimentos prévios acerca da cultura local.

Unidade de registro:

  importante pra vida humana, pra saúde. (Jovem 2)

Categoria (Educa o Ambiental): Holística

Objetivos da Educa o Ambiental: Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em intera o com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo a partir do entendimento de que todos os seres estão relacionados entre si e procurar um atuar equilibrado e participativo em e com o meio ambiente. O enfoque orgânico das realidades ambientais também propõe a participar dos fenômenos da natureza modelando a interven o humana criativamente (arte, artesanato, agricultura, etc.) para não desarmonizar o ambiente.

Concep o de meio ambiente: Total. Todo. O Ser

Subcategoria: Em prol da saúde humana.

Significa o: Relaciona a saúde do indivíduo   saúde ambiental.

Concep o de meio ambiente: Uma questão de saúde pública.

Comentários:

Há uma única unidade de registro encontrada para justificar a criação da segunda subcategoria associada à Categoria Holística. A fala é originada de questionamento sobre a importância da Educação Ambiental. Embora seja um exemplo único seu aparecimento na entrevista e a sua ausência no programa demonstra que a concepção do jovem 2 não pôde ser trabalhada no programa já que a produção do roteiro fica exclusivamente à cargo da redatora .

O fato de o jovem associar a saúde humana à importância da Educação Ambiental demonstra haver no discurso uma concepção de que a saúde do planeta, ou seja, suas condições biológicas, ecológicas, físicas, químicas, etc, interferem na saúde da população.

O enfoque orgânico é assim concebido na medida em que o corpo humano possui mecanismos de regulação homeostática ou do equilíbrio interno através de trocas com o meio externo. Este por sua vez precisa estar em condições ótimas para que haja o equilíbrio harmônico entre ele (o ambiente) e corpo físico, ou, caso contrário, a insalubridade ambiental acarretará o adoecimento do corpo humano. Justifica-se assim a relação de proximidade entre a Categoria Holística de Sauv e e a Subcategoria denominada Em prol da saúde humana que emerge do discurso.

Unidades de registro:

Acho que é importante porque estão desmatando e utilizando o meio ambiente de forma irregular. (Jovem 3)

(...) então até o objetivo do SERTA é criar meios alternativos e também criar projetos de reflorestamento (...) (Jovem 3)

Categoria (Educação Ambiental): Conservacionista / Recursista

Objetivos da Educação Ambiental: Adotar comportamentos de conservação de recursos, tanto no que concerne a sua qualidade quanto a sua quantidade. Desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental por uma preocupação com

administração do meio ambiente. Propõe ainda uma Educação para o consumo na perspectiva dos três “R”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Concepção de meio ambiente: Recurso

Subcategoria: Gestora

Significação: Ressalta a importância do planejamento ambiental e da Gestão ambiental

Concepção de meio ambiente: Um lugar a ser gerido, planejado

Comentários:

As falas representam respectivamente a preocupação com o mau uso do ambiente e a busca de solução alternativa para a exploração de recursos. Embora não haja referência direta sobre a concepção de que a natureza possa ser vista também como um recurso, ou seja, objeto de uso econômico, com finalidades comerciais, de beneficiamento, etc, a citação das expressões “forma irregular” e “meios alternativos” dá a entender neste caso que o uso sustentado é admitido, em oposição à idéia de preservação, contida no Programa veiculado e que comentamos mais acima.

Este antagonismo é explicado pela autoria diferente nas falas, o que comprova que se todos os jovens tivessem oportunidade de se expressar através da locução haveria uma maior diversidade de concepções dentro do programa No Batente. Um outro importante ponto a ressaltar é a contextualização que o jovem faz de um tema macro – a gestão ambiental – a partir de um exemplo da sua realidade local.

Essa característica não aparece em nenhum dos programas veiculados e seria uma maneira mais efetiva e significativa de trabalhar a temática e as concepções de meio ambiente do grupo por se tratar de exemplos palpáveis e com maior potencial para a fomentação de debates. A relação aproximativa entre a Categoria Conservacionista / Recursista e a Subcategoria Gestora está na concepção presente de que o meio ambiente é objeto de planejamento e gestão.

Unidades de registro:

Para conscientizar mais porque o que mais mostra ai na mídia são os problemas ambientais. Agente acha que se plantarmos pelo menos uma sementinha de conscientização nas pessoas o nosso trabalho já terá um grande valor. (Jovem 3)

(...) agente fala o que elas devem fazer, mas se na realidade no dia a dia elas fazem aquilo não dá pra saber. (Jovem 1)

Categoria (Educação Ambiental): Científica

Objetivos da Educação Ambiental: Adquirir conhecimentos em ciências ambientais dando ênfase ao processo científico a fim de compreender melhor as realidades e problemáticas ambientais e suas relações de causa e efeito. A perspectiva é a de compreender melhor para orientar melhor a ação.

Concepção de meio ambiente: Objeto de estudos

Subcategoria: Informativa

Significação: Promove Educação Ambiental através da disseminação de mensagens.

Concepção de meio ambiente: Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais.

Comentários:

Na primeira fala percebemos que o jovem 3 concebe que a conscientização passa pelo ato de informar os ouvintes. Ressaltamos a segunda parte de sua fala quando explica sobre a importância de disseminar informações ambientais e justifica esse ato pela grande divulgação na grande mídia das questões ambientais. Esta resposta ratifica nossa observação (item 3.1.1) de que o grupo tem a característica de reproduzir temas e músicas no programa, apresentando pouca criatividade. A grande mídia se configura então mais como um referencial para o grupo do que propriamente uma força hegemônica a ser combatida.

A fala do jovem 1 é enfática ao afirmar a incerteza do grupo sobre a eficácia do programa na mudança do comportamento dos ouvintes. Isto se confirma nas entrevistas, onde é dito que o *feedback* do público se dá pelos comentários que fazem nas ruas, sem referências à observação de condutas dos ouvintes. A ligação entre a Categoria Científica e a Subcategoria Informativa nestes trechos ocorrem na

relação de consequência que se faz ente ato informativo e prática ambiental consciente e, especialmente, a característica reprodutivista do grupo advinda da tomada da grande mídia como modelo informativo/científico a ser seguido.

Unidades de registro:

E puxa isso muito pro jovem, pra aqueles que tão vindo, que são o futuro. Então é educar principalmente as crianças para que utilizem de uma forma sustentável. (Jovem 3)

São pessoas que educam para que você se conscientize sobre o meio ambiente (Jovem 2)

Eu digo por mim, antes se eu chupasse uma bala eu jogava no chão. Hoje não, eu guardo no bolso e depois joga na lixeira. (Jovem 3)

Categoria (Educação Ambiental): Crítica social

Objetivos da Educação Ambiental: Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa os problemas. Implica na libertação das alienações e no questionamento das correntes dominantes. Pode se desenvolver através de um processo crítico em três tempos: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstrução. A pedagogia de projetos também é vista como alternativa a determinada problemática ambiental local que é analisada com o apoio de textos relacionados, discussão coletiva e elaboração de projeto comunitário.

Concepção de meio ambiente: Objeto de transformação. Lugar de emancipação

Subcategoria: Responsabilizadora do indivíduo

Significação: Associa a problemática ambiental e/ou sua solução ao comportamento individual.

Concepção de meio ambiente: Uma responsabilidade do indivíduo

Comentários:

O jovem 3 tece algumas considerações interessantes em suas respostas. No primeiro trecho concebe que as crianças são o principal público alvo da Educação Ambiental. De certo modo, isso é um senso comum, mas que é suportado pela ciência, especificamente a psicologia do desenvolvimento, a qual aponta a infância,

principalmente até os sete ou oito anos, como a fase ideal para a assimilação de conhecimentos.

Nos último trecho o jovem 3 usa a técnica de se colocar como referência para argumentar sobre a importância da mudança de hábitos. A expressão *“a minha parte eu tô fazendo”* é a face real e ao mesmo tempo a moral da estória do conto fictício intitulado Estrelas do mar, utilizado pelo grupo no programa sobre Animais em extinção. A expressão *“acho que se todo mundo fizesse isso agente teria um mundo melhor”* simboliza a idéia de que um somatório de boas condutas seria a solução, o que denota uma concepção pouco crítica acerca da resolução da problemática ambiental por não levar em conta, pelo menos nesta resposta, as responsabilidades de outros setores (Subcategorias industrial/modelo social/ governamental) perante essas questões.

Quando questionado sobre o que seria a Educação Ambiental o jovem 2, curiosamente, personifica o conceito de Educação Ambiental ao mencionar a expressão *“São pessoas que educam”*, o que responsabiliza em um nível mais profundo o indivíduo como agente de transformações do *status quo* em meio ambiente. Podemos inferir ainda que a necessidade da Educação Ambiental surge da própria presença do ser humano no mundo, ou seja é antropogênica.

O teor crítico presente nas falas e que ressaltamos aqui pertencem a jovens locutores e poderia ser aproveitado nos programas se a informalidade e o desprendimento do roteiro fossem contemplados na prática radiofônica do grupo. A ligação entre a Categoria Crítica e a subcategoria em tela se dá pela responsabilização no plano individual e o aparecimento das fases citadas por Sauv  : crítica, resistência e reconstrução. A resistência e a reconstrução ficam colocadas nas falas no tocante aos próprios hábitos do interlocutor.

AS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE DO GRUPO DE POMBOS

Analisamos dois programas cujas temáticas foram Desmatamento e queimadas e Água, além dos conteúdos das entrevistas feitas com o grupo. Identificamos as concepções de meio ambiente que agrupamos nas categorias ou correntes de Educação Ambiental da classificação de Sauv   (2005). Mais uma vez,

para explicitar melhor a relação do conteúdo dos programas e das entrevistas às categorias da autora criamos por dedução das falas dos sujeitos subcategorias de Educação Ambiental. A apresentação dos dados segue o mesmo modelo utilizado para grupo do Programa No Batente.

AS CONCEPÇÕES PRESENTES NO PROGRAMA DE PROPÓSITO

Unidades de registro:

Focando desmatamento e queimadas que são grandes males do século, destruindo inúmeros e inúmeros habitats de animais, até contribuindo com o aquecimento global! (Jovem 1)

(...) se você joga lixo dentro de um rio, quando vem uma enchente ele joga de novo, todinho pra sua casa de novo! Então ele também tem a hora de se defender (...) (Jovem 1)

É equilibrado com certeza, porque quantos ratos se não fossem essas cobras aí, a gente, eu acho que a gente vivia numa situação muito difícil, já tinha morrido muita gente (Jovem 3)

Categoria (Educação Ambiental): Holística

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo a partir do entendimento de que todos os seres estão relacionados entre si e procurar um atuar equilibrado e participativo em e com o meio ambiente. O enfoque orgânico das realidades ambientais também propõe a participar dos fenômenos da natureza modelando a intervenção humana criativamente (arte, artesanato, agricultura, etc.) para não desarmonizar o ambiente.

Concepção de meio ambiente: Total. Todo. O Ser

Subcategoria: Conectora

Significação: Ressalta a conexão e a interdependência entre os seres, a natureza e o ambiente construído.

Concepção de meio ambiente: Uma teia de relações

Comentários:

Temos acima, algumas formas diferentes de discurso que o grupo se utiliza e que demonstram a concepção de meio ambiente como um todo, como uma teia de relações. Na primeira unidade de registro já aparece a capacidade associativa do jovem quando faz a ligação entre micro e macroproblemáticas ambientais. Já na segunda fala está presente a ideia de que há um embate entre homem e natureza, o que poderia significar uma visão separatista em que a natureza é vista pelos jovens de forma utilitarista – aí está para servir ao homem.

Mas pelo contexto de crítica ao *status quo* permeando o programa, o que a segunda fala indica na verdade é a concepção do entendimento das leis de causa e efeito ou do encadeamento entre eventos antropogênicos e eventos naturais. A segunda fala também se enquadraria na Categoria denominada Crítica e na Subcategoria Responsabilizadora do indivíduo, configurando-se como um exemplo de convergência de proposições de categorias diferentes. Essa característica de não exclusividade mútua é apontada por Sauv  (2005) ao comentar o seu sistema de classifica o.

As três últimas falas reforçam essa ideia de interdependência com adi o de um sentido de que devemos algo pelos serviços ambientais prestados pela natureza para a manuten o do equilíbrio cósmico e da vida dos seres em geral. A cita o de animais como cobras e ratos, normalmente antipatizados pela popula o demonstra maturidade em rela o ao discurso salvacionista apenas de espécies bandeira - aqueles animais de aparência simpática ao gosto popular, como ursos panda, golfinhos, tartarugas, mico le es. De todo modo, essas espécies são assim denominadas porque campanhas que envolvem a sua preserva o beneficiam o habitat e a sobrevivência de outras espécies menos populares, sendo, portanto, importantes para elas.

Observamos a capacidade dos jovens de através do ato educacional t pico da prática radiofônica do grupo perpassarem uma série de temáticas, ora mais gerais, ora mais contextualizadas, que vão se encadeando a partir de trocas de mensagens para formar o consenso em torno da concep o holística. Em resumo, a rela o de proximidade entre a Categoria Holística e a Subcategoria Conectora aparece no discurso com a seguinte mensagem -   preciso não desarmonizar o ambiente por uma questão de sobrevivência.

Unidades de registro:

(...) é, problema ambiental é problema de todos nós, sabe porque? Porque se você não plantar uma árvore é... no seu quintal, na frente da sua casa, você não vai ter um ar saudável pra você respirar futuramente (Jovem 3)

E as doenças que estão cada dia com mais doenças novas. (Jovem 1)

Aí a natureza tem ervas medicinais que dá pra fazer lambedor, chá e você se cura é muito bom saber disso (...) mas também existe a poluição sonora viu (Jovem 3)

É também uma grande poluição! (Jovem 1)

É terrível porque dá fortes dores de cabeça, isso faz mal à saúde! Com certeza! (Jovem 3)

Categoria (Educação Ambiental): Holística

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo a partir do entendimento de que todos os seres estão relacionados entre si e procurar um atuar equilibrado e participativo em e com o meio ambiente. O enfoque orgânico das realidades ambientais também propõe a participar dos fenômenos da natureza modelando a intervenção humana criativamente (arte, artesanato, agricultura, etc.) para não desarmonizar o ambiente.

Concepção de meio ambiente: Total. Todo. O Ser

Subcategoria: Em prol da saúde humana.

Significação: Relaciona a saúde do indivíduo à saúde ambiental.

Concepção de meio ambiente: Uma questão de saúde pública.

Comentários:

O primeiro trecho de discurso atenta para a importância crucial dos organismos vegetais para o ciclo de vida. O mecanismo de trocas gasosas é abordado superficialmente, mas a fala traz implicitamente a concepção do papel da respiração de organismos produtores de oxigênio (autótrofos fotossintetizantes) para organismos heterótrofos (respiração aeróbia). As árvores são vistas como filtros naturais do ar que o ser humano respira, embora se saiba que o verdadeiro pulmão

do mundo (maiores emissores de oxigênio) sejam as algas oceânicas conhecidas como fitoplâncton.

Há, de todo modo, uma associação tanto de interdependência vital como de qualidade de vida para com os vegetais. A poluição do ar agravada pela escassez de reservas de flora é ainda apontada de forma direta, na segunda fala, como contribuinte do aparecimento de novos tipos de enfermidades, em especial, as do trato respiratório. Isso, de fato, é amplamente diagnosticado como um dos efeitos colaterais da sociedade industrial.

A natureza que alivia é a mesma que cura segundo a terceira unidade de registro. Este é um importante aspecto ressaltado no desenvolvimento da temática ambiental dentro do programa, visto que, o Brasil é um dos países com maior quantitativo de recursos vegetais de valor econômico/medicinal ainda não mensurado e explorado. Caber chamar atenção para o fato de que o elo entre os seres vivos e a natureza é tão significativo que a combinação físico-química destes dois corpos quando da ocorrência do processo medicamentoso faz restaurar o equilíbrio orgânico do corpo somático. Temos aí, portanto, um exemplo notório de visão holística profunda.

A poluição sonora é também efeito colateral da era industrial e é criticada nas últimas falas que põem em evidência o distanciamento do homem para “o escutar dos sons da natureza” e a carência deste hábito simples no processo de harmonização do ser que sofre cada vez mais com a modernidade e suas doenças associadas, como o stress, a síndrome do pânico, as cefaléias, etc.

Pudemos perceber como o a prática dialógica vai delineando o discurso em direção ao aprofundamento temático. Os sujeitos vão pouco a pouco dando suas contribuições verbalizadas e construindo um roteiro lógico: problema ambiental > saúde > doenças > medicina natural > cura. A relação de proximidade presente nos discursos entre a Categoria Holística e a Subcategoria Em prol da saúde humana se configura na consideração pelos jovens da interdependência entre homem e meio ambiente para a consolidação da qualidade de vida.

Unidades de registro:

(...) um dos maiores recursos minerais e de adubos orgânicos que existe são as folhas (...) você poderia produzir um composto orgânico, juntar, deixar se deteriorar, e depois vai servir como um riquíssimo adubo orgânico. (Jovem 1)

Bom, a eutrofização, ela é causada por processos de decomposição que fazem aumentar o conteúdo de nutrientes, aumentando a produtividade biológica, permitindo periódicas proliferações de algas que tornam a água turva e com isso podem causar deficiência de oxigênio pelo seu apodrecimento aumentando sua toxidez para os organismos que nela vivem como o peixe que aparece mortos junto à espuma tóxica. (Jovem 4)

É justamente o que fazem os peixes apodrecerem né, que fazem os peixes morrerem por causa dos poluentes que são jogados no rio, não é? (Jovem 5)

O efeito estufa é um fenômeno natural que ocorre através dos gases da atmosfera terrestre, mantém uma temperatura média da superfície da Terra com variações limitadas entre o dia e a noite. (Jovem 2)

Categoria (Educação Ambiental): Científica

Objetivos da Educação Ambiental: Adquirir conhecimentos em ciências ambientais dando ênfase ao processo científico a fim de compreender melhor as realidades e problemáticas ambientais e suas relações de causa e efeito. A perspectiva é a de compreender melhor para orientar melhor a ação.

Concepção de meio ambiente: Objeto de estudos

Subcategoria: Informativa

Significação: Promove Educação Ambiental através da disseminação de mensagens.

Concepção de meio ambiente: Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais.

Comentários:

No primeiro trecho o jovem locutor se refere à compostagem orgânica que é um processo de preparo de fertilizante natural, o húmus, a partir de resíduos orgânicos como folhas, restos de frutas e esterco animal. Trata-se de uma das técnicas da Agricultura Orgânica, a qual se encontra em expansão na indústria alimentar humana.

A concepção construída pelo jovem sobre esse processo é importante, pois, o emprego do composto orgânico como forma de diminuir o uso de insumos industrializados vem se desenvolvendo cada vez mais na indústria de produção e consumo de alimentos, entre outros motivos, por se configurar como uma alternativa à proteção dos solos e dos ambientes aquíferos do excesso de fertilizantes sintéticos, assim como forma alternativa de proteger a saúde humana. A fala do locutor exemplifica uma forma de uso prático e contextualizado do conhecimento sobre o ciclo natural da matéria orgânica no ecossistema, que é composto por produtores, consumidores e decompositores.

O jovem 4 trás uma definição da literatura a respeito do tema poluição aquífera. Chamamos atenção para o “*feedback*” positivo do jovem 5 quando reinterpreta e ressignifica a informação de cunho científico sobre a eutrofização em uma linguagem popular ou de senso comum. Temos demonstrado, portanto, nesse diálogo uma das formas pelas quais pode ocorrer o processo de concepção de meio ambiente pelo ato educacional.

Na última unidade de registro a definição de efeito estufa é bastante feliz por explicar que acima de tudo trata-se de um fenômeno natural e essencial para a manutenção do equilíbrio da vida na Terra. Essa informação é diferenciada pelo fato de que a grande mídia reduz esse fenômeno apenas ao sentido negativo e como unicamente de origem antropogênica.

Percebemos a relação de proximidade entre a Categoria Científica e a Subcategoria Informativa na intenção explícita por parte dos jovens de transmitir mensagens de tipos variados como definições prontas, reinterpretadas ou construídas no programa no intuito de promover maior nível de cultura para os ouvintes. Os trechos exemplificados tratam-se de apenas uma pequena amostra desta categoria que é a mais rica dentre todas em termos de temáticas exploradas, com apresentação de dados estatísticos, listagens, informações de utilidade pública, etc.

Unidades de registro:

(...) Campanha se faz, mas infelizmente não ta saindo do papel, fiscalização que é bom...Nada! (Jovem 3)

O que podemos fazer pra cuidar da nossa água? Exigir dos governos, investimentos em obras de saneamento público!– campanha comunitária Brasil FM, pra você viver melhor! (Apoio cultural-spot)

Exatamente, esquecem que a maioria do país em que a gente vive é constituído de pessoas pobres e quem mais dá os seus votos a eles, eles tem que dar atenção a nós que elegemos eles. (Jovem 5)

(...) se cada um pudesse contribuir da mesma forma, não da mesma forma, mas assim... ser julgado da mesma forma porque quando uma pessoa simples comete algum crime ambiental... o agricultor vai lá e faz uma pequena queimada próxima a uma mata, é mais fácil ser punido; mas quando alguém com interesses maiores, ou uma grande indústria, ou alguém que tem uma grande empresa, se vier a cometer isso, algum fazendeiro por exemplo, nem sequer é notificado e é aí aonde a gente apela para a justiça no nosso país, que possa se fazer esse tipo de observação (...) (Jovem 1)

Categoria (Educação Ambiental): Crítica social

Objetivos da Educação Ambiental: Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa os problemas. Implica na libertação das alienações e no questionamento das correntes dominantes. Pode se desenvolver através de um processo crítico em três tempos: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstrução. A pedagogia de projetos também é vista como alternativa a determinada problemática ambiental local que é analisada com o apoio de textos relacionados, discussão coletiva e elaboração de projeto comunitário.

Concepção de meio ambiente: Objeto de transformação. Lugar de emancipação

Subcategoria: Responsabilizadora do poder Governamental

Significação: Ressalta a responsabilidade socioambiental em nível governamental

Concepção de meio ambiente: Uma responsabilidade do Poder Público

Comentários:

A primeira unidade de registro tem como contexto a exploração ilegal do patrimônio genético florestal brasileiro e demonstra a primeira fase do processo de criticidade segundo a conceituação de Sauv  para esta categoria: a fase crítica. A fase de resistência aparece representada pela idéia da prática reivindicatória no *spot* do apoio cultural - “*Exigir dos governos*” e no comentário do jovem 1 - “*é aí aonde a gente apela*”. A terceira fala dá o tom de ameaça e incita para a fase de reconstrução começando pela reforma do poder público através do voto.

A fala do jovem 1 apresenta numa linguagem popular a definição de “justiça ambiental”, uma expressão que vem sendo cada vez mais utilizada nos meios acadêmicos. A esse respeito, a manobra política persiste em contornar a legislação ambiental brasileira, uma das mais avançadas do mundo, mas pouco aplicada. A forte dependência da classe política à iniciativa empresarial que banca as condições econômicas para a elegibilidade dos candidatos, forçando-os em muitos casos a negligenciar crimes ambientais que não passariam despercebidos pelo governo quando cometidos por indivíduos ou comunidades tradicionais que não dispõem das mesmas condições financeiras. Em resumo, a penalização se faz a partir da política de um peso e duas medidas.

Chamamos atenção para a utilização da técnica do *spot* pelo grupo como forma de incrementar o trabalho da temática da água no programa. A aproximação da Categoria Crítica social com a subcategoria deduzida dos discursos esta obviamente justificada pelo trabalho argumentativo crítico focado no nível da responsabilidade governamental.

Unidades de registro:

(...) as florestas que foram destruídas para ceder lugar ao crescimento e à expansão, tão necessária aos países em desenvolvimento né, infelizmente a gente sabe que precisa realmente que o progresso possa tomar algumas dessas áreas, mas com um certo controle devido ao desordenamento, ou seja, é uma coisa desordenada, se invade, se destrói, sem controle nenhum!
(Jovem 1)

É, e isso acontece por causa das necessidades do homem em obter matéria prima, pensando apenas no benefício imediato que isso lhes trará (...) as áreas enormes de mata são derrubadas para a construção de condomínios residenciais e industriais e de rodovias cruzando os quatro cantos do país. (Jovem 2)

(...) a gente acha que é normal hoje, mas não é normal, Acho que estamos num meio de uma sociedade que hoje é o “normalismo”, tudo acha normal! E não é por aí, as coisas estão acontecendo a cada dia né... (Jovem 1)

Isso é verdade! Enquanto a gente é... exporta as coisas que a gente tem de importante aqui no nosso país, compramos caro depois, esses produtos mesmo de... xampu, produto pra pele, é tudo, cosméticos feitos da natureza e a gente compra tão caro, sabendo que a gente tem essa plantinha aqui, até mesmo na nossa casa (...)
(Jovem 3)

Categoria (Educação Ambiental): Crítica social

Objetivos da Educação Ambiental: Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa os problemas. Implica na libertação das alienações e no questionamento das correntes dominantes. Pode se desenvolver através de um processo crítico em três tempos: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstrução. A pedagogia de projetos também é vista como alternativa a determinada problemática ambiental local que é analisada com o apoio de textos relacionados, discussão coletiva e elaboração de projeto comunitário.

Concepção de meio ambiente: Objeto de transformação. Lugar de emancipação

Subcategoria: Responsabilizadora do modelo social e/ou desenvolvimentista

Significação: Associa problemas ambientais ao modelo de desenvolvimento Industrial e/ou social em geral

Concepção de meio ambiente: uma responsabilidade da indústria ou do modelo de sociedade em geral

Comentários:

Temos acima dois fragmentos iniciais que demonstram a construção dialógica e interativa da concepção de meio ambiente pelos jovens que abordam a relação entre desenvolvimento urbano e geração de impactos ambientais, extrapolando para a capacidade de associação entre este modelo de desenvolvimento não preventivo e financeiramente interessado e uma problemática de larga escala temporal e espacial que é o aquecimento global. O final da primeira fala fornece indícios do dilema entre progresso e preservação, típico das discussões sobre desenvolvimento sustentável.

A esse respeito, existem segundo Layrargues (2009, p. 16) dois tipos de mudanças para o enfrentamento da crise ambiental: “profundas e radicais, contemplando o âmbito ético e paradigmático (...) e, neste caso, o desenvolvimento sustentável é visto como algo paradoxal e utópico; e aquelas que prevêm que apenas (...) “reformando os sistemas sociais, mantendo intactos os mecanismos de reprodução social” é possível superar a crise. A concepção vista no diálogo aponta para um raciocínio moderado, característico do segundo tipo de mudança, o que demonstra que o grupo crê que o desenvolvimento sustentável é uma idéia não utópica e possível de se concretizar.

A terceira fala faz referência direta à libertação das alienações e ao questionamento das correntes dominantes que caracterizam a categoria Crítica de Sauv .   destacado no último fragmento a questão da rela o entre propriedade intelectual e plantas medicinais que   bastante problemática no Brasil, em decorrência do confronto cultural entre institui es com interesses competitivos de mercado e povos detentores de conhecimento tradicional e pautados pelo modo de vida solidário. A concep o crítica se forma nesse diálogo pela constata o de como se d  a explora o da parte dos países ricos sobre o Brasil, um país de tamanha biodiversidade e tão pouca consciência sobre o potencial econômico embutido nos recursos vegetais.

Ao acompanhar o percurso dialógico (educativo) acima percebemos mais uma vez o papel do contributo de cada interlocutor na constru o lógica causa / consequência em torno do assunto trabalhado. Fica claro nos exemplos de diálogos citados que a Subcategoria Responsabilizadora do modelo social e/ou desenvolvimentista se relaciona   Categoria Crítica pelo apontamento de práticas corporativas compactuadas pela sociedade acrítica em geral, através do aceite passivo e não resistência a formas de explora o econ mica não sustentada.

Unidades de registro:

O que podemos fazer para cuidar da nossa  gua? Proteger nossas matas e recuperar as nascentes e matas ciliares! Convide a dire o, os professores da sua escola para realizarem a es que demonstrem a importância de se cuidar da  gua! Campanha comunitária Brasil FM – campanha comunitária Brasil FM, pra você viver melhor! (Apoio cultura-spot)

(...) estimule seus amigos e família a serem mais conscientes também, você pode mudar suas atitudes em sua casa, em seu trabalho e em sua vida. (Jovem 8)

 , a polui o,   assim, acho que o significado vai desde um simples ato, por exemplo, pessoas que acham que polui o   você pegar uma sacola enorme, um sac o daqueles de lixo e jogar em algum local, mas esquecem de um ato, por exemplo, que   tão inocente e que às vezes a gente nem percebe, que   chupar uma bala pequena, que o que? Não tem nem 5 cm aí joga l  no chão, isso   polui o também, você ta contribuindo tanto quanto aqueles empresários que pegam l  toneladas de lixo, ou dezenas de toneladas de lixo e jogam

num lugar que de repente, um aterro sanitário que a gente tem alguns aí, mas funcionam precariamente ainda, e é tão quanto um gestozinho simples desse! É poluidor em pequena escala, mas é poluidor também! E com o passar dos anos, é vai, já imaginou? Você joga só um papelzinho de bala? Alguma coisa assim mas com o passar dos anos, só que acumulando aquilo ali durante anos, 20, 30 anos, você se torna um grande poluidor também! (Jovem 1)

Categoria (Educação Ambiental): Crítica social

Objetivos da Educação Ambiental: Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa os problemas. Implica na libertação das alienações e no questionamento das correntes dominantes. Pode se desenvolver através de um processo crítico em três tempos: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstrução. A pedagogia de projetos também é vista como alternativa a determinada problemática ambiental local que é analisada com o apoio de textos relacionados, discussão coletiva e elaboração de projeto comunitário.

Concepção de meio ambiente: Objeto de transformação. Lugar de emancipação

Subcategoria: Responsabilizadora do indivíduo

Significação: Associa a problemática ambiental e/ou sua solução ao comportamento individual.

Concepção de meio ambiente: Uma responsabilidade do indivíduo

Comentários:

A relação aproximativa do apontamento crítico (categoria) à responsabilidade do indivíduo (subcategoria) seja quanto à causalidade dos problemas seja ao seu solucionamento é diversamente trabalhado nos programas do grupo.

Os dois *spots* juntamente com a fala do jovem 8 procuram estimular a *práxis* em Educação Ambiental, buscam extrapolar os limites do discurso, das idéias mortas que não se concretizam. O reflorestamento de matas ciliares é associado à proteção das águas demonstrando consciência sobre o papel das raízes e da cobertura das árvores para a preservação do solo de processos erosivos causados pelo impacto direto das chuvas e o assoreamento dos rios. Quando se faz referência à proposta de convite à comunidade escolar não aparece no discurso a idéia de conscientizar o outro, mas a proposição de ações que desencadeiam a autoconscientização, o que vai em encontro das idéias educacionais. O mesmo

acontece quando se propõe o estímulo à conscientização da família começando pela própria mudança de atitudes.

A fala que trata da poluição surge em uma tentativa do jovem de chegar a um conceito quando é questionado ao vivo pelo outro locutor sobre o que ele acha que é a poluição. De uma forma interessante percebemos mais um exemplo de prática educacional desencadeando o processo de concepção de meio ambiente – as idéias vão se juntando pouco a pouco e tomando um direcionamento a partir de exemplos cotidianos. Por fim o jovem encerra a fala acreditando que definiu o significado de poluição. E de fato o fez de uma forma significativa porque a conceitualização partiu do diálogo travado e tomou forma pela cultura prévia vivenciada deste jovem.

Este processo indireto e pessoal de conceitualização é mais espontâneo e pelo que observamos facilita a interação e a compreensão do restante do grupo. A definição pronta, obtida da pesquisa, tende, ao contrário, a desestimular o questionamento dos outros interlocutores porque é extraída do livro com o *status* de verdade absoluta e inquestionável.

Unidades de registro:

(...) o pessoal da zona rural que gosta de fazer as queimadas nesse período do ano, precisa estar mais atento a isso! De repente você foi criado nessa cultura, ou o seu pai, o seu avô, mas que naquela época não se tinha uma noção exata das conseqüências que isso causaria no meio ambiente e acaba voltando para nós. (Jovem 1)

(...) isso ocorre e não é de hoje né, hoje é que a gente tem um alerta maior, talvez tenha um entendimento mais claro sobre isso, mas isso ocorre desde o descobrimento do Brasil, se podemos dizer que foi descobrimento né! Porque já existia, alguém já habitava, mas já é um problema antigo que as autoridades agora que começaram a enxergar! (Jovem 1)

(...) infelizmente hoje o Rio Água azul praticamente não existe, aliás as casas invadiram o que seria o leito do rio e a gente viu que na última enchente que aconteceu nos últimos 2 ou 3 anos a água invadiu diversas casas e o pessoal ficava se perguntando como é que a água invadiu as casas, não, na verdade o povo é que invadiu o leito do rio! (Jovem 1)

Categoria (Educação Ambiental): Biorregionalista

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver competências em ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional. Inspira-se geralmente uma ética ecocêntrica e foca a Educação Ambiental no desenvolvimento de uma relação com o meio local ou regional. Esta centrada em um enfoque participativo e comunicativo com a comunidade. Reconhece o caráter inoportuno da Educação Ambiental que possui apenas considerações exógenas não relacionadas a realidade do contexto de vida comunitário e à propostas concretas.

Concepção de meio ambiente: Lugar de pertença

Projeto comunitário

Subcategoria: Contextualizadora

Significação: Ressalta a importância do meio ambiente partindo do contexto local, histórico, temporal, etc

Concepção de meio ambiente: O produto de um contexto social, o entorno próximo.

Comentários:

No primeiro trecho concebe-se a cultura como um dos aspectos correspondentes à visão de complexidade em meio ambiente, isto é, aquela que não o reduz aos seus aspectos naturais, pois considera os aspectos sociais, culturais, econômicos, éticos, etc, na análise de problemáticas ambientais. Propõe assim a mudança de hábitos que ainda estão arraigados à conduta social, mas que são incompatíveis com pensamento ambiental moderno ao negligenciarem o caráter de urgência para o enfrentamento da degradação atual.

O desflorestamento é abordado pelo seu contexto histórico na terceira fala, demonstrando da parte do jovem uma apreciável visão temporal crítica. O raciocínio não se limita no tempo, vai além, em busca da causalidade de um fenômeno localizado no intuito de construir uma argumentação mais sólida e profunda sobre o desmatamento.

O discurso presente no quarto trecho tem o mérito de não reproduzir o senso comum de que o rio ou o mar avança sobre habitações. O jovem mais uma vez analisa um problema, no caso, a inundação de casas do município, através de uma perspectiva histórica de uso desordenado do espaço urbano com edificação de

moradias em áreas protegidas (APP's). Esta problemática é comum no Brasil pela prática equivocada de planejamento urbano pautado em fronteiras políticas (Municípios, estados, etc) ao invés de fronteiras biorregionais como bacias hidrográficas, por exemplo. Temos aqui um exemplo de convergência de conteúdos que poderiam ser agrupados em outras categorias, como a de crítica ao modelo de desenvolvimento ou mesmo à Subcategoria Gestora.

Essa convergência é bastante normal quando analisamos temáticas ambientais porque a própria problemática ambiental, por ser complexa exige também soluções complexas ou diversificadas. Devido a isso, neste trabalho não temos o interesse de que as categorias sejam herméticas, pois limitaria a visão do todo distorcendo e fragmentando a realidade. A categorização é feita aqui apenas para fins didáticos de referência e relacionamento de nossa pesquisa a uma classificação literária abrangente como a de Sauv  (2005).

Percebemos que o jovem 1 se destaca em seus comentários, motivo pelo qual escolhemos preferencialmente as suas falas. Neste grupo,   o jovem que demonstra deter maior nível de cultura vivenciada e atua como "comunicador âncora", ou seja, aquele que estimula a externaliza o do debate coletivo principalmente através dos exemplos cotidianos. A rela o de proximidade entre a Categoria Biorregionalista e a subcategoria inferida dos discursos   a o trabalho de Educa o Ambiental contextualizada como pudemos notar nas falas selecionadas e em nossas considera es.

Unidades de registro:

(...) e no Apocalipse fala, quem for ler vai ver que o mundo vai acabar do jeito que começou, nas trevas, infelizmente n ! Deus deu, Deus fez o mundo, fez a natureza, mas o homem infelizmente não ta sabendo cuidar e dizem também que a gera o futura, agora que o mundo v  acabar em fogo, mas esse fogo que a Bíblia diz   o sol quente que vai queimar tudo mesmo (...) (Jovem 3)

(...) infelizmente a globaliza o está esquecendo da gera o futura n ? as crianças, os jovens... estão pensando no hoje. Tem pessoas que dizem... ah! Eu vou morrer mesmo! Mas esquecem que tem seu neto, tem seu filho, tem seus bisnetos, que a vida continua n ! Pode assim... ta em ponto final pra nós, mas pra gera o que vem, com certeza ela merece um mundo melhor, igual ou melhor ao nosso n !
 (...) (Jovem 3)

O valor da vida

Como é que se pode comprar ou vender, o céu, a água, o calor da terra?

Essa idéia me parece estranha

Se possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los?

Cada pedaço dessa terra é sagrado para meu povo

Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia da praia, a penumbra da floresta viva, cada clareira e inseto a zumbir

São sagrados na memória e experiência do meu povo

A seiva que percorre o corpo das árvores carrega consigo a lembrança do homem vermelho

Nossos costumes são diferentes dos seus (...)

(Jovem 7)

A garça e o peixe. (Jovem 1)

Narrador: Num dia ensolarado, dona Gigi uma garça muito simpática avistou um peixinho chamado Kiu, que estava muito mal, ela ficou preocupada com seu estado e desceu até ele, mas a água estava muito escura e poluída e Gigi demorou para encontrar o peixinho que ao encontrá-lo ela pegou-o no papo e levou para as águas limpas, chegando lá Gigi perguntou: (Jovem 1)

Gigi: peixinho o que aconteceu que aquele rio está tão poluído? (Jovem 6)

Narrador: Kiu respondeu quase sem voz: (Jovem 1)

Kiu: Os seres humanos ultimamente vêm poluindo os rios, sem se importarem com os seres vivos que ali habitam e esqueceram que também precisam de águas limpas. (...) (Jovem 7)

Categoria (Educação Ambiental): Moral/Ética

Objetivos da Educação Ambiental: Propõe o desenvolvimento de uma competência ética, de valores ambientais, do ecocivismo ou de uma moral ambiental. Trata-se ainda de favorecer a confrontação em situações morais que levam o indivíduo a fazer suas próprias escolhas e justificá-las. O conflito moral surge do contato com a posição dos outros pelo debate e da necessidade de tomar uma decisão, uma conduta que põe em cheque o próprio sistema de referência ética e tem consequências futuras.

Concepção de meio ambiente: Objeto de valores

Subcategoria: Moralizadora

Significação: Ressalta a importância de cuidar do meio ambiente por questões religiosas/apocalípticas/Éticas/morais

Concepção de meio ambiente: Um lugar sagrado, digno de respeito

Comentários:

A formação religiosa dá o tom do discurso na primeira unidade de registro. Inferimos da fala que a incipiente cultura moral / Cristã do homem não respeita o lugar sagrado concedido por Deus e tem como punição o fogo eterno, associado de forma interessante ao aquecimento global. O programa De propósito é tão informal e parcial que dá aos jovens a liberdade de expressão para professarem suas religiões como se estivessem no ambiente de casa, da escola, etc. A naturalidade do comentário também se deve ao contexto de cidade do interior nordestino que como muitas outras é tradicionalmente religiosa e simpática às idéias Cristãs

O discurso apocalíptico e determinista, por outro lado, representa uma desorientação estendida à população em geral e até mesmo aos cientistas (pela falta de consenso acadêmico em muitas questões), sobre métodos eficazes de prevenção e mitigação de impactos ambientais, pois as medidas governamentais, em sua maioria, são apenas punitivas ou compensatórias. A legislação ambiental, mesmo quando fornece diretrizes preventivas carece de orientações metodológicas definitivas, entre outros fatores, pela diversidade social, cultural e ecossistêmica do planeta que explica a complexidade existente no tratamento da questão ambiental.

A segunda fala invoca inconscientemente o artigo 225 da Constituição Federal Brasileira:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988).

Pelo que observamos esse documento legal não foi consultado na reunião de produção do roteiro do programa. Temos, assim, mais um exemplo de como o processo educacional alavanca a construção conceitual de uma forma natural, seja incitando a externalização da cultura prévia, seja pela lógica de argumentos que vão pouco a pouco tomando corpo até chegar ao formato de definição por meio de

uma linguagem informal rudimentar, mas que encerra o mesmo conteúdo presente no conceito da literatura científica e/ou formal.

As duas histórias que vem logo a seguir são maneiras criativas de também se trabalhar conteúdos ambientais com fundo moral. A primeira delas (apenas um fragmento) trata-se de uma história narrada tirada da internet em que o jovem discursa como se fosse um chefe indígena estupefato com a cultura degradadora do homem branco. O grupo passou através da história a visão e a cultura harmônica e não ambiciosa do índio que trata a natureza como um lugar sagrado e tira dela apenas o essencial para a sua subsistência. De certa forma, foi uma maneira criativa e simbólica de se trabalhar a idéia de sustentabilidade.

A segunda história é um sociodrama em que os jovens representam personagens que dialogam em torno da problemática da poluição do Rio Tapacurá. Selecionamos apenas o início da história para dar uma idéia do formato, mas o final do sociodrama aponta para um horizonte de esperança, um final feliz alcançado pelo sentimento de cooperação e pró-atividade dos bichos que se organizam em torno de um interesse comum.

O fato de os personagens serem animais falantes dá um ar de surrealismo e ludicidade. As mudanças de entonação de voz para representar o drama de cada personagem-bicho promovem um clima de comoção no estúdio. Esses detalhes, pelo que observamos - a criatividade no modo de fazer rádio e a técnica de representação prenderam mais a nossa atenção e nos sensibilizaram mais significativamente para refletir o conteúdo moral da história do que a primeira narrativa. Ressaltamos ainda que o próprio grupo desenvolveu a história oportunizando o uso da criatividade e o trabalho de aprendizagem colaborativa em torno da temática ambiental enquanto discutiam aspectos ecológicos e geográficos (Que espécies estariam conversando? Quais são as nativas da região? Faria sentido o peixe dialogar com a garça estando ele incluso em sua na cadeia alimentar? Quais os rios que percorrem o município? O que são nascentes e afluentes?) .

A ligação entre a Categoria Moral/Ética e a Subcategoria Moralizadora foi trabalhada, como pudemos notar, em discursos de cunho religioso ou simplesmente moral, recheados de tons, ora apocalípticos, ora de fé e esperança, baseados respectivamente na lógica da auto-sobrevivência ou da reforma da personalidade humana pela sensibilização.

Unidades de registro:

As pessoas pensam que é simplesmente plantar uma árvore, mas tem que saber também que árvore plantar. Se você vai plantar uma árvore como, por exemplo, o eucalipto, a Algaroba, que é uma árvore bem comum, segundo alguns ambientalistas também pode causar esses mesmos danos, antigamente se pensava que... não... vamos plantar a Algaroba porque além de produzir sombra ela vai proteger as nascentes, ao contrário! Ela vai sugar, ela requer muita água e vai secar, vai danificar com o passar dos anos quando ela se tornar grande, uma árvore adulta, ela vai sufocar toda a nascente, destruindo completamente com o passar do tempo. (Jovem 1)

(...) enquanto que, na cidade, por exemplo, temos um problema muito sério, que é onde? O que fazer com as casas... são muito próximas umas das outras e realmente fica difícil plantar alguma coisa, não é? É meio complicado, mas na zona rural... essa grande evasão da zona rural para a zona urbana, justamente ocasionou isso! Esse desequilíbrio também! (Jovem 1)

Temos recursos limitados no planeta que precisam ser gerenciados com responsabilidade e compartilhados de uma forma mais justa. Isso é possível quando vivemos em um sistema democrático, com respeito aos direitos humanos e onde a lei é acatada por todos; e em que se valorize a diversidade cultural do mundo, e se administrem os recursos naturais de forma responsável e justa. Em um sistema democrático também estamos evitando conflitos e cultivando a paz. (Jovem 2)

Categoria (Educação Ambiental): Conservacionista / Recursista

Objetivos da Educação Ambiental: Adotar comportamentos de conservação de recursos, tanto no que concerne a sua qualidade quanto a sua quantidade. Desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental por uma preocupação com administração do meio ambiente. Propõe ainda uma Educação para o consumo na perspectiva dos três “R”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Concepção de meio ambiente: Recurso

Subcategoria: Gestora

Significação: Ressalta a importância do planejamento ambiental e da Gestão ambiental

Concepção de meio ambiente: Um lugar a ser gerido, planejado

Comentários:

A gestão ambiental é abordada na primeira fala particularmente na questão das técnicas de recomposição de mata ciliar. Percebe-se o aprofundamento da temática do desmatamento pela informação especializada. Pode perfeitamente surpreender a muitos o nível cultural do Programa De Propósito quando o jovem revela um conhecimento pouco usual para quem não é especialista na área. O jovem aborda o que é conhecido no meio científico como uma das técnicas de Plano de Manejo Florestal.

Essa é mais uma informação que pelo que observamos não foi obtida da pesquisa de produção do roteiro do programa. O conhecimento em questão é prévio e empírico, isto é, anteriormente suposto pela constatação de um fenômeno da realidade vivenciada e divulgado pelo incentivo dialógico presente no contexto do programa. Percebemos então o papel da educomunicação no processo de concepção de meio ambiente pela via da exteriorização do conhecimento tradicional.

Na segunda unidade registro a temática é a arborização urbana. O jovem concebe indiretamente pelas palavras o que poderíamos chamar de desordenamento urbano. Além disso, denomina de forma direta a evasão rural pontuando-a como componente explicativo para o descaso com o planejamento ambiental (outro conceito implícito no discurso). Percebemos a perspicácia pela capacidade de buscar a causalidade para um fenômeno social demográfico e a capacidade de processar a concepção de meio ambiente através de conceitualizações diretas e indiretas.

A terceira fala trata-se de uma ecodica, ou seja, uma mensagem ambiental retirada de internet ou de livros e jornais que são usadas para intercalar a programação. Pode aconselhar sobre assuntos cotidianos como o incentivo à higiene pessoal ou trabalhar assuntos de uma forma mais abrangente como o da fala em questão. Situamo-la aqui para exemplificar como uma mensagem de autoria externa ao programa se diferencia pela linguagem culta, pelos termos mais refinados e pelo agrupamento sintético de várias temáticas num único parágrafo (Responsabilidade socioambiental, Justiça ambiental, Direitos humanos, Democracia, Diversidade cultural e Cultura de paz).

Chamamos a atenção para o fato de que embora seja uma linguagem esteticamente impressionável pelas belas palavras, na realidade, não há garantia de

compreensão por parte dos ouvintes e até mesmo do grupo do programa no sentido de explicar o “ como fazer a coisa”, ou seja, a *práxis*. Consideramos que as formas de abordagem das temáticas presentes nas falas anteriores são mais efetivas para a concepção de meio ambiente destes jovens por se processarem de uma forma natural, a partir de exemplos, e de dentro para fora. Supomos que a Ecodica seja um resquício que ainda persiste da forma tradicional de fazer rádio, mas definitivamente não representa a identidade do Programa De Propósito, sendo uma exceção dentro do roteiro.

A aproximação entre a Categoria Recursista / Conservacionista com a Subcategoria Gestora se dá pela teor de administração, gestão e planejamento ambiental preponderante no discurso. A propósito, o viés conservacionista é mais claramente trabalhado do que o recursista por não haver menção mais direta aos aspectos de importância econômica do ambiente.

Unidades de registro:

(...) são os chamados três Rs. Reduzir, Reutilizar e Reciclar (...) (Jovem 1)

(...) hoje a gente já percebe que as pessoas conseguem ganhar, né, sobretudo as pessoas menos favorecidas conseguem ganhar já algum dinheiro com reciclagem, sobretudo de papelão, de papel e também de alumínio né, aqui na nossa cidade é bem comum a gente perceber as pessoas recolhendo esse tipo de material nas festas né? (Jovem 1)

É, como tipo latinha também, eles recolhem e isso ajuda muito a limpeza da cidade né? (Jovem 2)

Olha aí! Evitar comprar também coisas supérfluas, ou seja, coisas que não tem utilidade, que não tem necessidade, por impulso. E aquela coisa, você viu alguma coisa, já tem aquele produto em casa e compra novamente, acaba não utilizando (...) a gente usa porque não vai dar trabalho limpar, joga fora, e isso vai acumulando, apesar de papel ser de fácil... fácil entre aspas né, mas o acúmulo vai demorar semanas, até meses, dependendo do tipo de papel pra se decompor (...) rejeite tudo que for descartável, copo descartável. (Jovem 1)

(...) a poluição de água nos países ricos é resultado da maneira com que a sociedade consumista está organizada para desfrutar sua riqueza, progresso material e bem estar. (Jovem 5)

Categoria (Educação Ambiental): Conservacionista / Recursista

Objetivos da Educação Ambiental: Adotar comportamentos de conservação de recursos, tanto no que concerne a sua qualidade quanto a sua quantidade. Desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental por uma preocupação com

administração do meio ambiente. Propõe ainda uma Educação para o consumo na perspectiva dos três “R”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Concepção de meio ambiente: Recurso

Subcategoria: Em prol do consumo consciente

Significação: Ressalta a importância do consumo consciente

Concepção de meio ambiente: Uma fonte de recursos a ser gerenciado em sua exploração, produção e consumo

Na primeira fala a questão do consumo consciente é abordada. Os três Rs são definidos por meio da técnica da exemplificação, disseminação de informações estatísticas e proposição de soluções como a compostagem. O jovem faz logo em seguida um gancho com a questão da responsabilidade socioambiental a partir da menção à importância da coleta seletiva para uma parcela da população que sobrevive da catação de lixo.

No programa o jovem cita também o apoio da separação do lixo caseiro para o trabalho dos garis. Tratam-se aqui de assuntos que poderiam estar alocados nas Subcategorias Responsabilizadora do indivíduo, Moralizadora ou Informativa. Escolhemos tratá-los aqui pela ênfase do grupo em uma abordagem mais abrangente do assunto “consumo consciente” e pelo agrupamento do tema dos três “R” por Sauv  na Categoria Conservacionista / Recursista.

Na quarta unidade de registro o jovem 1 forma uma concepção de que muitos dos bens comprados pelos consumidores não são de primeira necessidade, gerando mais resíduos, o que poderia ser evitado. Inconscientemente o jovem concebe a idéia de uma das artimanhas do sistema capitalista - a inova o est tica - embora as propriedades do produto continuem as mesmas a sua aparência muda para atrair o consumidor causando nele uma falsa necessidade de consumo. Já a fala sobre os descartáveis são um exemplo t pico de concep o sobre outro artifício do mercado de consumo capitalista – a obsolescência planejada - que consiste na fabrica o pela indústria de produtos com pouca resistência e durabilidade, para que sejam substituídos o mais rápido possível, realimentando o mercado (ZACARIAS, 2009).

O discurso sobre a redu o, reutiliza o e reciclagem de resíduos e o consumo consciente em geral, simbolizam a força contra-hegemônica de resistência a essas artimanhas do modelo de produ o capitalista e tem implicitamente a

preocupação em não deixar que o valor de uso das mercadorias seja mais relevante que seu valor de troca (ZACARIAS, 2009).

A última fala aborda a questão do alto padrão de consumo dos países ricos que em alguns casos, como vem divulgando a imprensa televisiva, chegam a exportar ilegalmente o lixo para as nações pobres. A fala remete ao conceito de Pegada Ecológica criado por William Rees e Mathis Wackernagel. Esta ferramenta é atualmente usada ao redor do globo como um indicador de sustentabilidade ambiental.

A Pegada Ecológica de um país, de uma cidade ou de uma pessoa, corresponde ao tamanho das áreas produtivas de terra e de mar, necessárias para gerar produtos, bens e serviços que sustentam determinados estilos de vida. Em outras palavras, a Pegada Ecológica é uma forma de traduzir, em hectares (ha), a extensão de território que uma pessoa ou toda uma sociedade “utiliza” em média, para se sustentar (WWF BRASIL, 2010).

O jovem se refere ao que vem sendo comumente chamado de sociedade consumista ou sociedade do consumo, o que na realidade não procede pelo fato de que segundo Trigueiro (2004, online), *“apenas 1,7 bilhão dos atuais 6,3 bilhões de pessoas que habitam o planeta têm hoje condições de consumir além das necessidades básicas”*

Os equívocos também fazem parte do Programa De propósito. Inclusive, percebemos que quanto mais educacional maior é a tendência ao aparecimento de erros e gafes no programa, pela característica de improviso na fala, de modo a evitar o vazio (silêncio) e dar dinâmica ao programa, pelo não aprisionamento ao texto científico (os jovens arriscam mais), pela verbalização de senso comum (muitas vezes originado da cultura prévia) e pela própria visão de naturalidade para com o erro, já que o programa é visto como um laboratório de aprendizagem.

A questão Conservacionista / Recursista (Categoria) foi diversamente trabalhada nos níveis de exploração, produção e principalmente consumo nas falas selecionadas e explica a ligação com a Subcategoria por nós denominada de Em prol do consumo consciente.

Unidades de registro:

(...) aquelas músicas, aquelas porcarias de músicas que tocam por aí é poluição ambiental sonora. (Jovem 1)

Comparar aquilo ali com um canto de um pássaro, por exemplo, meu Deus do céu né! Não tem nem o que comentar né! (Jovem 1)

Você já notou que infelizmente hoje em dia a gente não ta ouvindo mais os passarinhos cantarem como antes? (Jovem 3)

É a destruição dos habitats naturais, infelizmente. (Jovem 1)

O desmatamento, infelizmente! Um coelhinho, nunca mais eu vi, antigamente quando eu era criança, morava na usina, a gente ainda conseguia ver guará, conseguia ver aqueles coelhinhos, a gente via o timbu, hoje em dia pra gente ver um timbu meu filho, a gente sofre viu. (...) Lá em casa passa guabiru, não é timbu (risos) (...) (Jovem 3)

É triste quando a gente vê os antigos moradores falando que antigamente eles tomavam banho naquele rio, eles iam lá com os animais, é triste ver que hoje em dia, é triste ver que agora a gente não pode fazer isso porque tanta gente já “poluíram” e até despejam as águas inutilizáveis ali naquele rio não é...? (Jovem 5)

Categoria (Educação Ambiental): Naturalista

Objetivos da Educação Ambiental: Reconstruir uma ligação com a natureza. Viver com a natureza e aprender com ela. Se pauta também pela imitação de grupos sociais cuja cultura esta estreitamente ligada à relação com o meio natural. Aprender como “funciona” a natureza pela compreensão dos fenômenos ecológicos e por intermédio de nossos sentidos.

Concepção de meio ambiente: Natureza

Subcategoria: Nostálgica

Significação: Revela o sentimento de nostalgia para com um ambiente romântico, bucólico, idealizado

Concepção de meio ambiente: Um quadro que gera lamentações, lembranças e saudosismo

Comentários:

As unidades de registro abordam em determinado momento do programa a temática da poluição como um fator causador do desmatamento e da extinção

localizada de espécies. A característica da abordagem é o tom de insatisfação, desarmonização e desânimo, advindos da descaracterização do ambiente.

Embora a ligação com a natureza seja intrínseca ao ser humano, as novas gerações dos grandes centros urbanos desenvolvem cada vez menos o sentimento de pertença à natureza propriamente dita por já nascerem em um ambiente artificialmente construído. O desenvolvimento de valores afetivos para os jovens das grandes cidades estão focados no contexto das metrópoles que são o palco para a formação de suas identidades.

O fato de os jovens do grupo de Pombos sentirem falta do ambiente natural demonstra que há esse processo de ruptura com a natureza pelas próprias circunstâncias atuais de urbanização do interior. A constatação dessa perda sensibiliza e ocasiona o quadro de desolação e nostalgia que caracteriza a subcategoria em tela. A vontade de reconstruir a ligação com a natureza é o objetivo da Categoria, o que justifica a aproximação entre as duas. Fica demonstrado também através dos diálogos o processo educacional estímulo – resposta quando um jovem “puxa” do outro, de forma natural, o seu ponto de vista. Cada sujeito em determinado momento do debate, ora é emissor, ora é receptor.

AS CONCEPÇÕES PRESENTES NAS RESPOSTAS DADAS ÀS ENTREVISTAS

Unidades de registro:

É tudo aquilo que tá em volta da gente, não só a natureza, mas os lugares que agente vive como a casa, a escola, o bairro, tudo aquilo em que agente convive. É importante porque esta tudo interligado, a natureza, as pessoas, os lugares, o ar livre, tudo é necessário para agente viver porque não sabemos se vamos precisar de um só lugar para viver. (Jovem 4)

É todo lugar onde eu possa estar. As florestas, as plantas. A importância é a sobrevivência. Tem o aquecimento global também. Tem que cuidar das plantas, das árvores, reciclar também. Se não cuidarmos... É tudo onde agente esta. As pessoas não valorizam e não é assim. É importante porque agente usa os espaços pra trabalhar, pra se divertir, então é importante. (Jovem 6)

É onde agente vive. Desde a escola agente sabe que o oxigênio vem do meio ambiente então agente tem que ajudar quem nos ajuda. (Jovem 1)

É o meio que agente vive tanto a cidade como a natureza (...) porque se não tiver água, animais, florestas, como é que agente vai sobreviver? (Jovem 8)

Categoria (Educação Ambiental): Holística

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo a partir do entendimento de que todos os seres estão relacionados entre si e procurar um atuar equilibrado e participativo em e com o meio ambiente. O enfoque orgânico das realidades ambientais também propõe a participar dos fenômenos da natureza modelando a intervenção humana criativamente (arte, artesanato, agricultura, etc.) para não desarmonizar o ambiente.

Concepção de meio ambiente: Total. Todo. O Ser

Subcategoria: Conectora

Significação: Ressalta a conexão e a interdependência entre os seres, a natureza e o ambiente construído.

Concepção de meio ambiente: Uma teia de relações

Comentários:

Nos trechos exemplificados temos as respostas de questões que visavam extrair a concepção sobre meio ambiente, Educação Ambiental e a importância destes. Percebemos que todos os jovens apresentam respostas sintéticas, mas que passam uma concepção holística de meio ambiente por incluírem tanto o meio edificado como o ambiente natural, incluindo os seres que habitam nestes, como o próprio homem. As referências à casa, à escola, ao bairro indica a valoração de ambientes de construção de identidade social. A menção à importância do ambiente para a sobrevivência aparece em mais de uma resposta e é taxativa para justificar a conservação ambiental.

A Educação Ambiental também é importante para o jovem 6 que ressalta a falta de valor atribuído pelas pessoas ao ambiente. A idéia implícita então é reconstruir a teia de relações simbolizada pela fala do jovem 1 quando diz que é preciso dar algo em troca pelos serviços ambientais prestados, no caso, a produção de oxigênio. A citação da reciclagem e do aquecimento global demonstra a

existência de motivações específicas e abrangentes para explicar a necessidade da Educação Ambiental.

A Categoria Holística e a Subcategoria Conectora se ligam pela ênfase, nestes casos, ao necessário restabelecimento de relações entre ambientes e seres que os habitam, restaurando a diversidade paisagística e reforçando o sentimento de pertença que influencia, como havíamos comentado na categoria anterior, a compreensão de interdependência e, por conseguinte, a concepção de meio ambiente.

Unidades de registro:

Como agente pesquisa bastante, então é mais fácil informar o nosso público a importância de cuidar do meio ambiente, por exemplo. (Jovem 5)

É conscientizar as pessoas sobre meio ambiente e dar as pessoas uma noção do que fazer, da importância de não poluir. A importância é conscientizar as pessoas, mostrar a realidade do dia a dia das pessoas, do que ta acontecendo. (Jovem 7)

É aquilo que fala sobre meio ambiente, sobre a natureza, aquilo que tá em volta da gente que muitas vezes as pessoas não valorizam, não observam, não vêem com outros olhos. É importante porque hoje em dia agente vê como as pessoas não se conscientizam nem preservam a natureza, tem muito desmatamento e as pessoas não procuram saber o que é Educação Ambiental. (Jovem 4)

É levar o pensamento de mudar as pessoas porque poxa se tu “joga” o lixo no chão não faz isso não se ele tiver ao alcance tem que esperar e colocar no lixo. É mudar o sentimento das pessoas. A importância é levar não só os amigos mas você leva pra outras pessoas quando vai a um seminário por exemplo. (Jovem 6)

Categoria (Educação Ambiental): Científica

Objetivos da Educação Ambiental: Adquirir conhecimentos em ciências ambientais dando ênfase ao processo científico a fim de compreender melhor as realidades e problemáticas ambientais e suas relações de causa e efeito. A perspectiva é a de compreender melhor para orientar melhor a ação.

Concepção de meio ambiente: Objeto de estudos

Subcategoria: Informativa

Significação: Promove Educação Ambiental através da disseminação de mensagens.

Concepção de meio ambiente: Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais.

Comentários:

Percebemos muitos detalhes como palavras e expressões que indicam o agrupamento das falas nesta categoria. Expressões como “*pesquisa bastante*” e “*vai a um seminário*” indicam a preocupação com o caráter científico das informações repassadas para o público do programa. E informar o público é o objetivo da Educação Ambiental segundo as falas. Várias expressões em particular denotam essa concepção: “*É aquilo que fala sobre meio ambiente*”, “*levar o pensamento*”, “*conscientizar as pessoas*”.

Notamos, então, que embora o grupo de Pombos apresente procedimentos mais próximos da Educomunicação, as respostas acima demonstram haver ainda entre alguns jovens a concepção de que a Educação Ambiental é essencialmente a tentativa de conscientizar pela mudança do pensamento do outro através de práticas informativas. Vemos assim que quando são investigados individualmente esta concepção aparece nos discursos. Isso pode acontecer por pelo menos dois motivos: a repetição condicionada ou o senso comum da Educação Ambiental pela disseminação de mensagens, mesmo que as práticas radiofônicas do grupo revelem o contrário, já que são comunicativas; e os diferentes estágios de desenvolvimento consciencial dos jovens sobre o maior potencial pedagógico da educomunicação em relação à disseminação de mensagens.

Esses dois motivos também estão relacionados ao fato de que os sujeitos desta pesquisa, pelo que observamos, não conheciam o conceito e as teorias educucomunicativas. Suas práticas surgem naturalmente e o nosso papel foi o de que assim permanecesse não comentando sobre essas questões para não contaminar a pesquisa por influência nossa. Em um primeiro momento poderíamos concluir que o despertar dos jovens para o fato de que suas práticas radiofônicas tem estreita relação com a práticas educucomunicativas não ocorre.

Acrescentaríamos, porém, que os jovens tem noção de que aprendem se comunicando nos programas, mas suas preocupações não deixam de estar focadas na qualidade do produto para o ouvinte, e isto, inclui obviamente a disseminação de

mensagens ambientais. Então é preciso separar as duas coisas, pois a comunicação que ocorre dentro do grupo para a produção do programa não gera a concepção de que a informação repassada não é importante, até porque, uma boa parte da informação do programa emerge desses diálogos, ou seja, de uma prática comunicativa.

O jovem 6 vai mais além e diz acreditar na mudança de sentimento das pessoas quando entram em contato com essas informações. Isto, porém, foge de nosso objeto de pesquisa que está centrado na análise dentro dos grupos que fazem os programas. A relação entre a Categoria Científica e a Subcategoria Informativa está presente aqui principalmente na concepção de que a disseminação de mensagens facilita a resolução de problemas ambientais a começar pela reforma dos sentimentos no ambiente íntimo do outro.

Unidades de registro:

É um processo educativo de conscientização sobre as questões ambientais e de promover ao indivíduo que tenha novas práticas e hábitos com relação à realidade local. É importante porque faz parte do processo de desenvolvimento do ser humano. É importante porque nesse processo de readequar os hábitos a gente percebe que há uma melhoria da qualidade de vida para o indivíduo que vai passar a ser um multiplicador dessas práticas. A Educação Ambiental é o berço para os outros níveis educativos porque vai conscientizar e transformar o meio ambiente. (Jovem 1)

As pessoas precisam saber que é importante cuidar do meio ambiente porque as pessoas não vem fazendo muito pelo meio ambiente. (Jovem 8)

Pra que as pessoas vejam o que ta se passando porque muita gente joga lixo no chão porque tem gente pra varrer, mas também não é assim. Agente tem que educar o povo. (Jovem 6)

Categoria (Educação Ambiental): Crítica social

Objetivos da Educação Ambiental: Desconstruir as realidades socioambientais visando transformar o que causa os problemas. Implica na libertação das alienações e no questionamento das correntes dominantes. Pode se desenvolver através de um processo crítico em três tempos: uma fase crítica, uma fase de resistência e uma fase de reconstrução. A pedagogia de projetos também é vista como alternativa a

determinada problemática ambiental local que é analisada com o apoio de textos relacionados, discussão coletiva e elaboração de projeto comunitário.

Concepção de meio ambiente: Objeto de transformação. Lugar de emancipação

Subcategoria: Responsabilizadora do indivíduo

Significação: Associa a problemática ambiental e/ou sua solução ao comportamento individual.

Concepção de meio ambiente: Uma responsabilidade do indivíduo

Comentários:

A crítica ao indivíduo que deveria ser agente responsável pelo ambiente é notória nessas unidades de registro. Mas podemos também perceber uma convergência com a categoria Moral / Ética na fala do jovem 7 quando faz referência ao descaso dos que poluem quando não pensam naqueles que compartilham o mesmo ambiente. As falas do jovem 8 e 1 revelam respectivamente noções simplistas e complexas a respeito da importância da Educação Ambiental.

O jovem 1 vai mais além ao demonstrar a Educação Ambiental como um processo que acompanha o próprio desenvolvimento do indivíduo: conscientização, readequação de hábitos individuais, melhoria do ambiente local, ganho de qualidade de vida, transformação do ambiente do outro e melhoria da qualidade de vida coletiva.

A responsabilização do indivíduo, própria desta subcategoria é alvo da crítica social que, por sua vez, nomeia e caracteriza a categoria em foco. Estas se relacionam em pontos de interesse comum: compreender que o indivíduo é ao mesmo tempo ponto de irradiação do problema e ponto de partida para a solução da problemática ambiental.

Os discursos exemplificados estão mais voltados ao caráter crítico por si mesmo. A fala do jovem 1 é a única que aprofunda para as fases de resistência e reconstrução ao demonstrar como a Educação Ambiental se processa e deságua na transformação do ambiente através da transformação íntima. O caráter superficial da maioria das falas quando comparamos com os diálogos nos programas é de certa forma natural, visto que agora, ao invés de se comunicarem de forma prolongada os jovens apenas fornecem respostas diretas às entrevistas.

Unidade de registro:

Eu tava em Vitória e um dia eu tava comendo amendoim e fui juntando porque não tinha onde jogar, mas aí eu joguei pela janela do ônibus e depois fiquei com peso na consciência e desde esse dia eu falo pra minha irmã, minha mãe pra guardar o papel do confeito. Teve uma vez que minha irmã abriu meu caderno e tava cheio de papel porque não tinha onde jogar então eu botava dentro do caderno pra depois jogar. (Jovem 6)

Categoria (Educação Ambiental): Biorregionalista

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver competências em ecodesenvolvimento comunitário, local ou regional. Inspira-se geralmente uma ética ecocêntrica e foca a Educação Ambiental no desenvolvimento de uma relação com o meio local ou regional. Esta centrada em um enfoque participativo e comunicativo com a comunidade. Reconhece o caráter inoportuno da Educação Ambiental que possui apenas considerações exógenas não relacionadas a realidade do contexto de vida comunitário e à propostas concretas.

Concepção de meio ambiente: Lugar de pertença

Projeto comunitário

Subcategoria: Contextualizadora

Significação: Ressalta a importância do meio ambiente partindo do contexto local, histórico, temporal, etc

Concepção de meio ambiente: O produto de um contexto social, o entorno próximo.

Comentários:

Temos acima uma única unidade de registro para representar a categoria nas entrevistas com esse grupo. O exemplo tirado da história de vida é visto como um método eficaz de Educação Ambiental e o jovem, então, se utiliza dele. A relação com o ambiente próximo, neste caso, visa incutir no ouvinte a reflexão sobre o real alcance de nossas práticas cotidianas que muitas vezes parecem segundo o senso comum pequenas demais para surtirem efeito.

O pequeno caso trabalha o contexto de vida, o lugar de pertença, como o ambiente ideal, o momento exato de fazer algo pelo meio ambiente. Não aquele

projeto metodológico grandioso, mas a prática ao alcance do mais simples mortal. A prática que, se não muda o mundo da noite para o dia faz a diferença para os que estão à nossa volta. Tem-se implicitamente a concepção amplamente conhecida nas discussões acadêmicas sobre Educação Ambiental do método pensar global, agir local.

A característica de contemplar a experiência de vida e a realidade local é uma técnica fortemente incentivada pelo educador da ONG visando o enriquecimento do programa. Percebemos que a presença do educador traz esse incremento e que, portanto, a sua presença na conjuntura do processo produção / veiculação é um dos fatores levados em conta na hipótese deste trabalho fazendo-nos relacionar os procedimentos do Programa De Propósito ao campo da Educomunicação.

A Categoria Biorregionalista é trabalhada de uma forma mais simples, mas plenamente justificada pela abordagem contextualizadora da presente subcategoria. O ecodesenvolvimento comunitário tem no discurso exemplificado os primeiros traços oratórios que pertencem ao campo das idéias, mas que resguardam potencial para práticas efetivas localizadas que extrapolem o ambiente da rádio comunitária. Na realidade, a iniciativa do grupo em fazer o Programa De Propósito já se configura com política de ecodesenvolvimento comunitário, pois promove o desenvolvimento das potencialidades da juventude local de gerir o ambiente comunitário através da prática comunicativa.

Unidades de registro:

É importante porque se agente destruir as árvores não vai ter um ar puro. (Jovem 7)

É importante pras pessoas terem consciência dessas coisas porque as pessoas não ligam muito, é lixo pra todo canto. Acaba poluindo nosso lar, o ambiente. A gente não tem um ambiente muito saudável porque ficam queimando as coisas. (Jovem 7)

Categoria (Educação Ambiental): Holística

Objetivos da Educação Ambiental: Desenvolver as múltiplas dimensões de seu ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente. Desenvolver um conhecimento “orgânico” do mundo a partir do entendimento de que todos os seres estão relacionados entre si e procurar um atuar equilibrado e participativo em e com

o meio ambiente. O enfoque orgânico das realidades ambientais também propõe a participar dos fenômenos da natureza modelando a intervenção humana criativamente (arte, artesanato, agricultura, etc.) para não desarmonizar o ambiente.

Concepção de meio ambiente: Total. Todo. O Ser

Subcategoria: Em prol da saúde humana.

Significação: Relaciona a saúde do indivíduo à saúde ambiental.

Concepção de meio ambiente: Uma questão de saúde pública.

Comentários:

Nos dois únicos trechos presentes e os quais se agrupam na Categoria Holística, o mesmo jovem se refere ao desmatamento e as queimadas como práticas ambientalmente irresponsáveis que implicam na insalubridade do ambiente. O discurso é de descontentamento, mas não avança para o apontamento de soluções.

Critica-se a desarmonia de problemáticas associadas à presença e atuação do homem (antropogênicas), mas não se indicam caminhos para alcançar a harmonia inerente ao conhecimento orgânico do mundo. Pelas nossas observações, a superficialidade do discurso pode ser explicada pelo contexto de tensão provocado normalmente pela entrevista. Notamos que os jovens dos dois grupos estudados se sentiam mais a vontade falando nos programas do que respondendo às nossas perguntas.

Em síntese, a relação entre Categoria Holística e Subcategoria em prol da saúde humana existe no discurso, mas se mostra ainda em desenvolvimento. A relação é mostrada como causa e consequência sem maiores aprofundamentos. Ainda assim, o jovem 7 se destaca dos demais pela menção a este conteúdo na entrevista, ao qual o restante do grupo não se refere.

Ressaltamos apenas o aparecimento da expressão “*importante pras pessoas terem consciência*” em vez do uso da expressão “*conscientizar as pessoas*” como havíamos visto o jovem dizer em outra ocasião. Isto reforça a idéia de que mais do que uma concepção de Educação Ambiental informativa ou não, o jovem detém na verdade maneiras diferentes e despreocupadas de se expressar a depender do contexto (programas ou entrevistas) e que não devemos tomar sempre ao pé da letra para fazer inferências.

Unidades de registro:

(...) o meio ambiente é algo que o mundo ta precisando muito cuidar né.. (Jovem 5)

É preservar o ambiente, cuidar do ambiente. É importante para manter limpo. (Jovem 8)

É como cuidar das plantas, como nutrir as árvores. Por exemplo, as folhas da árvore vão caindo no solo em um determinado período e você tem que deixar aquelas folhas lá para que o solo fique consistente e por aí vai. (Jovem 6)

Categoria (Educação Ambiental): Conservacionista / Recursista

Objetivos da Educação Ambiental: Adotar comportamentos de conservação de recursos, tanto no que concerne a sua qualidade quanto a sua quantidade. Desenvolver habilidades relativas à gestão ambiental por uma preocupação com administração do meio ambiente. Propõe ainda uma Educação para o consumo na perspectiva dos três “R”: Reduzir, Reutilizar e Reciclar.

Concepção de meio ambiente: Recurso

Subcategoria: Gestora

Significação: Ressalta a importância do planejamento ambiental e da Gestão ambiental

Concepção de meio ambiente: Um lugar a ser gerido, planejado

Comentários:

Percebemos nas unidades de registro maior ênfase ao segmento conservacionista da presente categoria que propriamente uma concepção de meio ambiente como recurso, isto é, matéria prima para exploração econômica. Acrescentaríamos o uso do termo “*preservar*” que aparece na segunda fala fornecendo a idéia de proteção livre de uso exploratório reforçada pelo uso do termo “*cuidar*” sem menção a qualquer tipo de beneficiamento econômico. Já nos programas percebemos também o uso do termo “*conservar*” demonstrando, por parte do grupo, uma concepção de meio ambiente mais diversificada do tema, impulsionada pela prática educacional.

Mas é preciso lembrar que a inferência feita aqui e em outros casos acima sobre o uso dos termos “preservar” e “conservar” pelos jovens não é precisamente exata. Pode mais uma vez ser fruto de uma fala despreziosa que ignora as diferentes acepções desses termos. Para nos certificar melhor acerca do sentido que os sujeitos dão a cada termo procuramos levar em consideração o contexto do programa como um todo, ou seja, o direcionamento mais constante dado ao tema.

A fala do jovem 6 adentra muito superficialmente no tema da compostagem orgânica, que foi abordada de forma mais profunda no programa sobre desmatamento e queimadas. Isso demonstra a maior capacidade da prática radiofônica comunitária para o processo de concepção de meio ambiente de jovens comunicadores. De toda forma há importância no fato de haver menção a este viés mais aplicado da Educação Ambiental (o exemplo da compostagem). A relação de proximidade entre a categoria e a subcategoria em tela é a preocupação com a administração do meio ambiente que é concebido tanto como um lugar a ser gerido como objeto de planejamento.

3.3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS RADIOFÔNICAS E AS CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE DE CADA GRUPO

No subitem anterior procuramos identificar as concepções de meio ambiente dos sujeitos de cada grupo (objetivo específico 2 deste trabalho), tecendo relações com suas respectivas práticas radiofônicas (objetivo específico 3) que já foram descritas anteriormente (objetivo específico 1). Trazemos agora quadros síntese das categorizações que foram feitas nos itens precedentes.

Pudemos perceber que as práticas radiofônicas particulares dos grupos de Glória do Goitá e Pombos tiveram reflexos diferenciados nas concepções de meio ambiente dos sujeitos, no tocante à diversidade de categorias e ao grau de aprofundamento temático que foram maiores para o segundo grupo. Neste item continuaremos tecendo considerações sobre esses aspectos além de abordarmos a questão do quantitativo de falas.

O GRUPO DE GLÓRIA DO GOITÁ

Como já foi diagnosticado (subitem 3.1.1) o Programa No Batente (Glória do Goitá) apresenta procedimentos radiofônicos mais distantes das teorias educacionais do que o Programa De Propósito (Pombos). Vimos também que as concepções de meio ambiente que aparecem no programa No Batente são, na verdade, da redatora já que fica por sua conta a produção do roteiro.

Poderíamos considerar as concepções da jovem como sendo as concepções do programa, pelo fato de o restante dos sujeitos compactuarem com as ideias veiculadas. Por outro lado, a análise do conteúdo das entrevistas nos possibilitou ter uma ideia mais clara das concepções do restante do grupo. Observamos que as falas dos outros jovens representariam um diferencial para o aprofundamento temático dos programas se o potencial comunicativo de cada um tivesse sido aproveitado. Os quadros 2 e 3 trazem a síntese dos dados referentes ao grupo de Glória do Goitá. Os tons de cinza determinam a correspondência entre categorias, subcategorias e suas respectivas concepções.

Categoria (Educação Ambiental)	Subcategoria (Educação Ambiental)	Concepção de meio ambiente	Concepção de meio ambiente	Unidades de registro (nº)
Científica	Informativa	Objeto de estudos	Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais	28
Crítica social	Responsabilizadora do indivíduo	Objeto de transformação Lugar de emancipação	Uma responsabilidade do indivíduo	06
Moral/Ética	Moralizadora	Objeto de valores	Um lugar sagrado, digno de respeito	01

Quadro 2: três categorias (de Sauv ) e três subcategorias (deduzidas) dos programas radiofônicos do grupo de Glória do Goitá.

Em um olhar geral sobre o quadro 2 já   possível perceber duas informações que se destacam: a baixa diversidade de concepções no programa, agrupadas em três categorias e três subcategorias, além da reduzida quantidade de unidades de

registro (35 no total). Embora a diversidade de concepções seja também um reflexo da profundidade na abordagem dos temas, esse aspecto foi detalhado no item anterior, aonde percebemos, em geral, um trabalho mais superficial dos conteúdos trabalhados por parte do grupo de Glória do Goitá.

O pequeno número de falas está relacionado, primeiramente, ao caráter sintético do roteiro do programa. O grupo segue o modelo de produção das rádios comerciais com certo equilíbrio de conteúdos para cada quadro e muitas músicas na programação. A pobreza de concepções é explicada principalmente por não existir uma discussão coletiva sobre as temáticas ambientais e pela ausência de um educador que incentivaria e mediará a abordagem de conteúdos específicos.

O número destoante de falas agrupadas na Categoria Informativa quando comparamos com as outras duas categorias demonstra uma preferência do grupo por uma abordagem de programa pautada pela disseminação de mensagens ambientais. A veiculação da informação é o objetivo em si mesmo, assim como na grande mídia em geral, por isso, a concepção de que o meio ambiente é prioritariamente um objeto de estudos ou mesmo um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais esteve presente na maior parte do roteiro do programa.

Categoria (Educação Ambiental)	Subcategoria (Educação Ambiental)	Concepção de meio ambiente	Concepção de meio ambiente	Unidades de registro (nº)
Holística	Conectora	Total Todo O Ser	Uma teia de relações	09
	Em prol da saúde humana	Total Todo O Ser	Uma questão de saúde pública	01
Científica	Informativa	Objeto de estudos	Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais	08
Crítica social	Responsabilizadora	Objeto de	Uma	07

	do indivíduo	transformação Lugar de emancipação	responsabilidade do indivíduo	
Conservacionista/ Recursista	Gestora	Recurso	Um lugar a ser gerido, planejado	02

Quadro 3: quatro categorias (de Sauv ) e cinco subcategorias (deduzidas) das entrevistas com o grupo de Glória do Goitá.

No quadro 3 podemos mais uma vez perceber a baixa diversidade de concep es, representadas em apenas quatro categorias e cinco subcategorias, além do pequeno número total de falas (27). Por outro lado, as entrevistas, de forma interessante, forneceram a oportunidade para todo o grupo se expressar, ao contrário do programa. Isso explica a maior diversidade de concep es apresentadas em rela o ao quadro anterior e sugere que a forma de fazer rádio do grupo de Glória do Goitá não aproveita todo o potencial de desenvolvimento de concep es dos sujeitos envolvidos.

Ressaltamos que o número total de unidades de registro, embora tenha aparecido em menor número que no programa, houve melhor distribui o em categorias/subcategorias diferentes. O número de perguntas com temática ambiental foi pequeno (Apêndice) e as respostas foram objetivas, sendo respondidas em um tempo curto (alguns minutos) quando comparado ao tempo do programa (1 hora). Esses aspectos reforçam ainda mais a idéia do pouco aproveitamento das potencialidades de concep o dos sujeitos em decorrência de uma comunica o deficiente dentro do grupo.

Embora a Categoria de Crítica social tenha aparecido no quadro 3 com uma unidade a mais (7) que no quadro 2, a entrevista não foi suficiente para oportunizar a diversifica o (em subcategorias) de concep es sobre a responsabilidade socioambiental da indústria / sociedade e do governo. Já a Categoria Moral/  tica não aparece e surge a Categoria Conservacionista / Recursista. O maior número de sujeitos que expõem suas próprias ideias nas entrevistas em rela o ao programa (locutores e técnico de som), o contexto onde se produzem os diálogos (ambiente dos programas ou das entrevistas) têm explicam essa rotatividade de concep es.

Acrescentamos que as entrevistas realizadas tinham questionamentos genéricos (o que é Educação Ambiental, o que é meio ambiente, qual a importância, etc.) e as respostas, pelo próprio fator surpresa das perguntas, não permitiam raciocínios mais aprofundados por parte dos jovens. Esses aspectos tenderiam a promover uma diversidade menor de concepções. O fato disso não ter ocorrido reforça a ideia da pouca efetividade da prática radiofônica do grupo de Glória do Goitá para a facilitação das concepções de meio ambiente.

O aparecimento da Categoria Holística nas entrevistas, especialmente subdividida em subcategorias, representa um avanço qualitativo no discurso. Esta categoria é uma das mais importantes porque a concepção de meio ambiente a ela relacionada revela um olhar de complexidade, conectando fatores abióticos e bióticos, ambientes naturais e construídos, em um todo interdependente. O consenso dos jovens nas entrevistas - o meio ambiente é tudo - revela uma concepção que não deveria estar fora do roteiro do Programa No Batente por estar na base de toda a problemática ambiental.

O GRUPO DE POMBOS

Diagnosticamos no subitem 3.1.2 que o Programa De Propósito apresenta procedimentos radiofônicos mais próximos das teorias educacionais do que o Programa No Batente. As concepções de meio ambiente estudadas nos subitens anteriores pertencem a cada um dos sujeitos por haver dentro do grupo o dialogismo típico das práticas educacionais. Os quadros 4 e 5 trazem a síntese dos dados referentes ao grupo de Pombos. Da mesma forma, os tons de cinza determinam a correspondência entre categorias, subcategorias e suas respectivas concepções.

Categoria (Educação Ambiental)	Subcategoria (Educação Ambiental)	Concepção de meio ambiente	Concepção de meio ambiente	Unidades de registro (nº)
Holística	Conectora	Total Todo O Ser	Uma teia de relações	09
	Em prol da saúde humana	Total Todo	Uma questão de saúde pública	11

		O Ser		
Crítica social	Responsabilizadora do poder Governamental	Objeto de transformação Lugar de emancipação	Uma responsabilidade do Poder Público	08
	Responsabilizadora do modelo social e/ou desenvolvimentista	Objeto de transformação Lugar de emancipação	uma responsabilidade da indústria ou do modelo de sociedade em geral	06
	Responsabilizadora do indivíduo	Objeto de transformação Lugar de emancipação	Uma responsabilidade do indivíduo	23
Científica	Informativa	Objeto de estudos	Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais	34
Biorregionalista	Contextualizadora	Lugar de pertença Projeto comunitário	O resultado de um contexto social	17
Moral/Ética	Moralizadora	Objeto de valores	Um lugar sagrado, digno de respeito	25
Conservacionista/ Recursista	Gestora	Recurso	Um lugar a ser gerido, planejado	03
	Em prol do consumo consciente	Recurso	Uma fonte de recursos a ser gerenciado em sua exploração, produção e consumo	14
Naturalista	Nostálgica	Natureza	Um quadro que	08

			gera lamentações, lembranças e saudosismo	
--	--	--	--	--

Quadro 4: sete categorias (de Sauv ) e onze subcategorias (deduzidas) dos programas radiofônicos do grupo de Pombos.

O quadro 4 apresenta sete categorias e onze subcategorias que apareceram no Programa implicando em uma diversidade mais significativa de concep es do que a do Programa No Batente. O mesmo ocorre com o número de unidades de registro: 158 no total. O aprofundamento dos temas nos programas também foi maior como pudemos acompanhar no item 3.3, reflexo, principalmente, da prática educomunicativa pelo trabalho criativo, da democratiza o e contextualiza o dos conteúdos e devido   media o do educador da ONG.

O número maior de jovens responsáveis pelo Programa de Propósito (8 contra 4 do Programa No Batente) explica, em parte, os dados mais abundantes para esse grupo. Mas não   apenas isso. O maior número de falas e a maior diversidade e aprofundamento das concep es se relacionam também   informalidade associada aos métodos específicos do grupo, como o revezamento de fun es e o trabalho coletivo de adapta o dos conteúdos   linguagem radiofônica. O grupo prioriza mais tempo para as discussões ao vivo, mas o uso de músicas relacionadas ao tema do programa também contribui, devido ao reforço do conteúdo e   sua abordagem descontraída pela musicalidade.

A categoria Informativa   a que aponta mais diretamente se a prática radiofônica   predominantemente disseminadora de mensagens ou comunicativa. No caso do Programa De Propósito esta categoria apresenta um número mais equilibrado de falas no tocante   distribui o por categoria. O programa De propósito, portanto,   também, por esse ponto de análise, mais educomunicativo que o Programa No Batente.

Categoria (Educa�o Ambiental)	Subcategoria (Educa�o Ambiental)	Concep�o de meio ambiente	Concep�o de meio ambiente	Unidades de registro (n�)
-------------------------------------	--	------------------------------	---------------------------------	------------------------------------

Holística	Conectora	Total Todo O Ser	Uma teia de relações	09
	Em prol da saúde humana	Total Todo O Ser	Uma questão de saúde pública	02
Científica	Informativa	Objeto de estudos	Um conjunto de dados a ser desvendado e utilizado para a solução dos problemas ambientais	14
Crítica social	Responsabilizadora do indivíduo	Objeto de transformação Lugar de emancipação	Uma responsabili- dade do indivíduo	07
Biorregionalista	Contextualizadora	Lugar de pertença Projeto comunitário	O resultado de um contexto social	01
Conservacionista/ Recursista	Gestora	Recurso	Um lugar a ser gerido, planejado	03

Quadro 5: cinco categorias (de Sauv ) e seis subcategorias (deduzidas) das entrevistas com o grupo de Pombos.

No quadro 5 percebemos uma menor diversidade de concep es para as entrevistas, representadas por cinco categorias e seis subcategorias. O quantitativo de falas também   menor: apenas 36 contra 158 que ocorrem nos programas. A maior diversidade de concep es apresentadas em rela o ao programa sugere que a forma de fazer rádio do grupo de Pombos tem melhor aproveitamento que o grupo de Glória do Goitá no que toca ao desenvolvimento de concep es de meio ambiente entre os sujeitos envolvidos.

Quando analisamos o quadro 5 percebemos que as categorias Crítica social e Conservacionista / Recursista não se ramificam em todas as subcategorias como

ocorreu no Quadro 4. O número de perguntas com temática ambiental para o grupo de Pombos, assim como para o grupo de Glória do Goitá também foi pequeno (Anexos) e as respostas foram objetivas, sendo respondidas em um tempo curto (alguns minutos) quando comparado ao tempo do programa (1 hora). Esse aspecto somado ao caráter genérico das perguntas e ao fator surpresa, assim como ao contexto onde se produzem os diálogos (programas ou entrevistas) influenciam naturalmente a obtenção de dados em menor quantidade e menos diversos e profundos em relação aos programas.

Por outro lado, as entrevistas com os sujeitos do grupo de Pombos revelam dados mais significativos do que aqueles emergidos das entrevistas com o grupo de Glória do Goitá, em termos de diversidade, profundidade e quantitativo de falas. Isto é mais um indício de que O Programa De Propósito tem eficácia mais significativa para o desenvolvimento de concepções de meio ambiente, já que as entrevistas foram feitas imediatamente após a veiculação dos programas, momento em que os conhecimentos de cada sujeito, construídos em decorrência da realização dos programas, ainda eram bem lembrados e tenderiam, naturalmente, reaparecer nas entrevistas.

4 PRÁTICAS RADIOFÔNICAS E CONCEPÇÕES DE MEIO AMBIENTE: CONCLUSÕES ACERCA DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

Este item se presta a esclarecer de forma mais objetiva a relação entre a nossa hipótese e os resultados do estudo, primeiramente, no que toca ao facilitamento do processo de concepção de meio ambiente através das práticas radiofônicas. Analisaremos em seguida de que forma as nossas idéias e as de alguns autores, expostas ao longo da fundamentação, se relacionam com as concepções de meio ambiente de jovens comunicadores.

4.1 A HIPÓTESE DO ESTUDO

No subitem 1.7 da fundamentação explicamos que para a construção da hipótese nos referenciamos nas ideias de dois autores: Lima (1999, p. 12), que

descreve as características que a educação deve ter quando é dirigida ao ambiente e, Soares (2004 *apud* BRASIL/MMA, 2005a, p. 12), que descreve os objetivos específicos da Educomunicação.

A Hipótese do estudo se baseou na ideia de que o uso educutivo da rádio comunitária favoreceria a concepção de meio ambiente de jovens responsáveis pela realização de programas de Educação Ambiental, ao proporcionar um conjunto de processos democráticos, participativos, críticos, transformadores, dialógicos, multidimensionais e éticos, demandando a mediação de um educador, o uso coletivo e criativo de tecnologias, a pesquisa, a leitura, a discussão e a adaptação colaborativa dos conteúdos trabalhados à linguagem radiofônica.

Vejamos como cada um desses elementos se relaciona às práticas radiofônicas dos grupos estudados e as concepções de meio ambiente dos sujeitos:

DEMOCRACIA

A Educação Ambiental democrática, aquela que respeita e se desenvolve segundo o interesse da maioria dos cidadãos, aconteceu em vários momentos no que toca ao grupo de Pombos. É, primeiramente, reflexo da metodologia de seleção dos jovens pela ONG para participarem da formação. O jovem do interior que normalmente é estigmatizado pela mídia de inúmeras formas tem a oportunidade de demonstrar seu potencial de trabalho saindo de uma condição de mero receptor de informações para assumir o papel de produtor de conhecimentos na dita sociedade informacional.

A democracia, pelo que pudemos acompanhar em nossa pesquisa, foi um elemento apenas trabalhado pelo grupo de Pombos. Os sujeitos de Glória do Goitá não priorizaram a democratização dos conhecimentos, principalmente por causa da especialização de funções dentro da prática radiofônica do grupo. Embora cada jovem tenha se limitado a exercer a sua função poderia ter havido naturalmente uma troca de experiências, tanto em relação às técnicas radiofônicas quanto aos conteúdos ambientais. Mas isso não ocorreu.

Já a metodologia de realização radiofônica do grupo de Pombos incentivou a democratização do conhecimento técnico e ambiental nos bastidores da produção e principalmente na locução, onde todos acessaram as teorias lendo, pesquisando e

se comunicando. A prática radiofônica democratizante teve reflexos para o discurso dos jovens influenciando principalmente concepções de meio ambiente pautadas na democratização de mensagens (Categoria Científica / Informativa).

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Acesso democrático à formação da ONG > Acesso democrático à rádio comunitária > Acesso democrático aos conhecimentos técnicos e ambientais > Concepções de meio ambiente de fundo democrático.

PARTICIPAÇÃO

A Educação Ambiental participativa, aquela que estimula a participação social dos cidadãos no planejamento, execução e avaliação das respostas formuladas para atender aos problemas vividos pela comunidade foi vivenciada pelo grupo de Pombos. Inicialmente a ONG oportunizou a participação dos jovens na formação e na rádio comunitária. Em seguida a própria realização do programa se configurou como um processo constante de planejamento (elaboração do roteiro), execução (veiculação) e avaliação (diálogos e orientações nos intervalos e após os programas) participativa de respostas às problemáticas ambientais.

O programa do grupo de Glória do Goitá limitou a participação dos integrantes ao objetivo central: a sua veiculação. Os sujeitos deste grupo não assimilaram o aspecto participativo evidenciado pela instituição formadora em sua forma de mobilização, recrutamento e formação. Vimos que até a participação dos ouvintes poderia ter sido mais bem aproveitada nos programas, por meio de entrevistas ou enquetes, por exemplo. Por isso, as concepções de meio ambiente, em especial as mais ligadas às ideias participativas, não foram construídas ou se apresentaram menos diversificadas.

Já a prática de participação radiofônica do grupo de Pombos teve reflexos no discurso dos jovens especialmente através de concepções de meio ambiente centradas em um enfoque participativo com a comunidade local (Categoria Biorregionalista / Subcategoria Contextualizadora) e aquelas que direcionam a responsabilidade na participação dos problemas e soluções ambientais aos diversos

setores: (Categoria Crítica / Subcategorias Responsabilizadoras do indivíduo / indústria / sociedade / governo).

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Participação na formação da ONG > Participação na rádio comunitária > Participação na produção, veiculação e avaliação do programa > Concepções de meio ambiente de cunho participativo.

CRITICIDADE

A Educação Ambiental crítica, aquela que exercita a capacidade de questionar e avaliar a realidade socioambiental, desenvolvendo a autonomia para refletir e decidir os próprios rumos esteve presente no Programa De Propósito. Para o grupo de Pombos, a competência crítica se desenvolveu na seleção dos conteúdos, no debate em torno das técnicas radiofônicas e dos conteúdos específicos, nos sociodramas, nas histórias, nas entrevistas com os convidados e na constatação dos sujeitos sobre o poder de edição da mídia que abre possibilidades para manipular os fatos veiculados. O desenvolvimento da autonomia ocorreu através do empoderamento tecnológico pelos sujeitos e pelo autodidatismo em alguns momentos da pesquisa de conteúdos.

Já os jovens idealizadores do Programa No Batente, principalmente os locutores e o técnico da mesa de som, não desenvolveram a criticidade, na medida em que não houve por parte dos mesmos, o estudo dos conteúdos ambientais através da pesquisa, leituras mais aprofundadas, seleção, resumos, etc. A autonomia foi parcialmente desenvolvida em relação à realização do programa, pois o empoderamento tecnológico foi especializante, atendo-se cada sujeito à determinada tecnologia. Esses aspectos, como vimos, refletiram qualitativa e quantitativamente nas concepções de meio ambiente dos sujeitos.

Já o trabalho crítico que permeou a prática radiofônica do grupo de Pombos teve reflexos positivos no discurso dos jovens se revelando mais diretamente nas concepções de meio ambiente implicadas na libertação das alienações e no questionamento das correntes dominantes (Categoria Crítica / Demais

Subcategorias responsabilizadoras); as concepções que associam problemas ambientais à saúde humana (Categoria Holística e Subcategoria Em prol da saúde humana); as concepções que apontam a falta de uma competência ética para com o ambiente (Categoria Moral / Ética e Subcategoria Moralizadora); as concepções que denunciam o consumo desenfreado e irrefletido (Categoria Conservacionista / Recursista e Subcategoria Em prol do consumo consciente) e aquelas que demonstram insatisfação com o desaparecimento das espécies e o distanciamento da natureza (Categoria Naturalista e Subcategoria Nostálgica).

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Seleção crítica dos conteúdos > debate crítico sobre técnicas radiofônicas e conteúdos ambientais > sociodramatizações, histórias e entrevistas com teor crítico > capacidade crítica de enxergar os interesses por trás da edição de mensagens > desenvolvimento da autonomia, do autodidatismo e do empoderamento tecnológico como consequência do desenvolvimento da consciência crítica (fase de resistência) > Concepções de meio ambiente de teor crítico.

TRANSFORMAÇÃO

A Educação Ambiental transformadora, aquela que busca a politização e mudança das relações sociais, dos valores e práticas contrárias ao bem estar público foi desenvolvida durante a realização do Programa De Propósito. Os jovens do programa fizeram política a partir do momento em que decidiram se engajar na causa de representar a comunidade através da rádio comunitária.

As relações sociais foram mudadas partindo primeiramente da politização dos sujeitos responsáveis pelo programa porque precisaram, através do método educacional de produzir conhecimento, tomar a iniciativa, estudar, debater, questionar e inovar os valores, as mensagens e as práticas ambientais disseminadas pela mídia hegemônica.

A prática radiofônica comunitária do grupo de Pombos ao mesmo tempo em que comunicou a necessidade da *práxis* ambiental e da mudança de paradigmas foi por si só transformadora ao proporcionar aos sujeitos uma oportunidade prática que

teve consequências para a mudança de valores através do processo de concepção de meio ambiente.

Por outro lado, o Programa No Batente, longe de ser politizante, apenas reproduziu o discurso da mídia hegemônica. Seus sujeitos idealizadores declararam explicitamente nas entrevistas serem os assuntos abordados pela grande mídia (assim com as músicas) a referência do grupo para a escolha das temáticas abordadas no programa. De fato, houve menção à preocupação com as transformações em prol do bem estar público, mas como se pode checar através das concepções de meio ambiente identificadas, houve pouca diversidade na tentativa de apontar soluções.

Já a transformação propiciada pela realização do programa De Propósito teve reflexos no discurso dos jovens quando desenvolveram concepções de meio ambiente ligadas principalmente: à preocupação com o bem estar público (Categoria Holística e Subcategoria Em prol da saúde humana), à delegação de responsabilidades (ou politizações) dos diversos setores (Categoria Crítica / Demais Subcategorias responsabilizadoras), ao esclarecimento para uma intervenção mais efetiva no meio, (Categoria Científica e Subcategoria informativa), ao interesse pela mudança partindo do contexto das problemáticas locais (Categoria Biorregionalista / Subcategoria Contextualizadora), à mudança de valores consensuais equivocados e eticamente questionáveis (Categoria Moral / Ética e Subcategoria Moralizadora) e à política de administração qualitativa e quantitativa dos recursos locais e planetários (Categoria Conservacionista / Recursista e Subcategoria Gestora).

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Transformação da postura dos sujeitos pelo engajamento na representação comunitária > Transformação politizante dos sujeitos através da iniciativa, estudo, debate, questionamento e inovação de valores, mensagens e práticas hegemônicas > Concepções de meio ambiente de ideal transformador.

DIALOGISMO

A Educação Ambiental dialógica, aquela que é fundada no diálogo entre todos os participantes do processo educativo e da sociedade circundante permeou a realização do Programa De Propósito em vários momentos: na escolha da pauta, no debate coletivo em torno das temáticas ambientais, nas conversas entre os locutores e entre locutores e técnico da mesa de som, na organização e na interação relativas ao sociodrama e às entrevistas com os convidados, na escolha das músicas, nas conversas pelo telefone e nas ruas com os ouvintes, no contato com instituições na pesquisa do roteiro, nas expressões corporais nos bastidores, etc.

Todos esses momentos oportunizaram aos jovens responsáveis pelo programa a socialização educativa pela comunicação, que promoveu a reinterpretação e ressignificação de sentidos para as mensagens partilhadas no diálogo. Muitas concepções de meio ambiente foram construídas através da prática dialógica, pelo contato de idéias que se reconfiguraram através de somas ratificantes e subtrações retificantes, transformando e destrinchando o conhecimento por vias de amplos sentidos até a conceitualização popular.

Todos esses aspectos não existiram ou se apresentaram de forma embrionária no Programa No Batente. Isso porque, justamente ao contrário do que aconteceu no grupo anterior, o dialogismo não foi a base do processo de realização desse programa. A escolha da pauta e das músicas são praticamente os únicos momentos em que os jovens se comunicam entre si de uma forma natural para a realização radiofônica. Como vimos, os diálogos dos locutores são artificiais e as concepções de meio ambiente do programa são, na verdade, as concepções da redatora.

O dialogismo implícito aos procedimentos educacionais do grupo de Pombos teve reflexos no discurso dos sujeitos e em todas as concepções de meio ambiente por ser o diálogo, no caso do Programa De propósito, a base do processo conceitual, sendo este último entendido por nós não como uma percepção passiva, mas uma ação de fazer “nascer” sentido próprio para as coisas.

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Diálogo para a produção do roteiro (entre jovens, educador e instituições) > Diálogo para a veiculação do programa (entre os jovens, o

educador, o entrevistado e os ouvintes) > Diálogo após a veiculação do programa através do *feedback* dos ouvintes > Concepções de meio ambiente de base dialógica.

MULTIDIMENSIONALIDADE

A Educação multidimensional dirigida ao ambiente, ou seja, aquela que pauta a compreensão dos fatos na integração dos diversos aspectos da realidade foi contemplada pelo Programa De Propósito. Isso não ocorreu no Programa No Batente porque os jovens idealizadores, quando não tratavam as temáticas de forma superficial, se limitavam a aprofundá-las sem tecer correlações com a realidade de seu município, ou seja, não contextualizavam as problemáticas, abordavam-nas apenas pelos seus aspectos globais ou tecnicistas.

Em sentido oposto, o procedimento metodológico do grupo de Pombos foi bastante representativo de uma educação multidimensional, pautando-se pela orientação constante do educador sobre o grupo, no tocante à importância de associar temáticas gerais à realidade local nas entrevistas, no sociodrama e nos discursos como um todo. As exemplificações trabalharam a compreensão das problemáticas ambientais e suas consequências sob vários aspectos: cultural, social, econômico, científico, etc.

O desenvolvimento ao longo do Programa De Propósito das diversas concepções de meio ambiente por meio dos embates discursivos simboliza o caminho traçado em direção à compreensão multidimensional da realidade de Pombos em relação à realidade planetária. Um dos objetivos do programa foi justamente favorecer a construção / exteriorização da cultura local para contrabalancear os fatos da mídia contra-hegemônica fornecendo à comunidade a compreensão multidimensional da problemática ambiental de seu entorno.

Mas a concepção que representa ao mesmo tempo de forma mais objetiva, contextualizada e global a multidimensionalidade é a que desenvolve as múltiplas dimensões do ser em interação com o conjunto de dimensões do meio ambiente (Categoria Holística e Subcategoria Conectora). Entendemos que o desenvolvimento da autocompreensão dos sujeitos comunicadores como seres multidimensionais ocorreu na medida em que tiveram, por demanda da realização dos programas, que

representar vários papéis ao mesmo tempo: estudante, profissional, aprendiz, educador, locutor, ouvinte, atendente, redator, amigo, conselheiro, crítico, ator (sociodramas), etc.

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Orientação do educador sobre a multidimensionalidade pela associação de problemáticas locais e globais > Exercícios sobre a multidimensionalidade nas entrevistas, nos sociodramas e no roteiro como um todo > Exteriorização / construção dialógica de cultura sobre a localidade > autocompreensão dos sujeitos como seres multidimensionais por demanda da realização do programa (representação de papéis) > Concepções de meio ambiente fundadas na multidimensionalidade.

ÉTICA

A Educação Ambiental ética, aquela que persegue o resgate ou a construção de uma nova ética que priorize a defesa da vida, da solidariedade e da sustentabilidade ambiental foi trabalhada pelos jovens do Programa De Propósito. Os jovens dos dois programas estudados, em sua maioria, disseram nas entrevistas que sofriam com a timidez. A socialização proporcionada pela ONG através das oficinas e da oportunidade de realização de programas radiofônicos trabalhou os valores solidários.

Reconhecemos que a solidariedade foi um elemento presente na prática radiofônica do grupo de Glória do Goitá, pois era a união dos esforços de cada sujeito que oportunizava a veiculação dos programas. Mas somos da opinião que essa nova ética em Educação Ambiental, é impulsionada por um nível mais profundo de solidariedade que exige a aproximação e colaboração entre os sujeitos semanalmente, mas preocupada principalmente com a qualidade das relações estabelecidas.

O sucesso do Programa De Propósito passou pela consolidação das relações e das afinidades do grupo para o alcance de três objetivos: A aprendizagem colaborativa como meta principal, a profissionalização técnica e a prestação de

serviços à comunidade através da rádio. O percurso metodológico envolveu o resgate e a construção de uma nova ética que teve início nas relações solidárias estabelecidas na prática educomunicativa. O respeito à opinião do outro foi testado em todos os momentos como consequência de uma interação semanal mais pronunciada originada da metodologia comunicativa.

No Programa De Propósito, ao contrário do Programa No Batente, a defesa da vida e a sustentabilidade ambiental foram sendo justificadas individualmente através das pesquisas e leituras, mas consolidadas coletivamente nos diálogos travados nas reuniões de produção do roteiro e na veiculação dos programas.

Essas práticas se concatenaram resultando em concepções de meio ambiente dos sujeitos de Pombos que traziam indícios da compreensão desses valores. Temos então como exemplos: o cuidado com o ambiente comum como respeito à qualidade de vida do outro (Categoria Holística e Subcategoria Em prol da saúde humana); o ponto de vista de que a solidariedade é resultado da conscientização coletiva dos diversos setores que dinamizam a vida social (Categoria Crítica e Demais Subcategorias Responsabilizadoras); a defesa da sustentabilidade ambiental pelo consumo responsável (Categoria Conservacionista e Subcategoria Em prol do consumo consciente); o resgate de valores que começa pela lamentação e pela saudade de configurações ambientais específicas (Categoria Naturalista e Subcategoria Nostálgica) e a compreensão de que a natureza tem valor intrínseco e sua conservação se relaciona com a elevação moral daqueles que interagem com ela (Categoria Moral / Ética e Subcategoria moralizadora).

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educomunicativas e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Socialização através das oficinas e dos programas, com reflexos no desenvolvimento de valores solidários e diminuição da timidez > Aproximação, interação, colaboração e construção de afinidades com reflexos éticos representados pelo desenvolvimento do respeito às diferenças > pesquisas, leituras e diálogos que consolidaram justificativas internas acerca da importância ética da prática do grupo para a defesa da vida e da sustentabilidade > Valores éticos associados ao sucesso na aprendizagem, na profissionalização radiofônica e no

exercício da cidadania > Concepções de meio ambiente influenciadas por valores morais / éticos.

MEDIAÇÃO DO EDUCOMUNICADOR

O educador teve, como vimos, papel crucial em todo o processo radiofônico do grupo de Pombos. Seu método foi o de orientar o grupo se comunicando direta (simplesmente falando) ou indiretamente (linguagem corporal ou ausência momentânea para estimular autodidatismo), nas reuniões ou na veiculação do programa. Todos os elementos acima explicitados (democracia, participação, crítica, transformação, dialogismo, multidimensionalidade e ética) sofreram intervenção do educador e, portanto, a sua presença no grupo se relaciona com as concepções de meio ambiente que cada jovem construiu durante a realização do programa.

Explicamos que o grupo de Glória do Goitá optou por não ser acompanhado por um educador da ONG por conter integrantes que se consideravam seguros e experientes. De fato, o grupo conseguiu veicular o programa, mas em termos de aprendizagem e no que interessa mais propriamente a este estudo, as concepções de meio ambiente, percebemos que a presença do educador, mais do que interessante, seria crucial ao grupo se este visasse alcançar níveis mais significativos de Educação Ambiental.

Embora o resultado final de cada concepção seja individual a educação promove o processo de desenvolvimento coletivo das ideias que pouco a pouco vão amadurecendo. O papel do educador no grupo de Pombos foi essencial para o estímulo da exteriorização das ideias de cada sujeito. Um dos jovens que se expressa durante o programa é o próprio educador, Sua participação nos diálogos aparece no item 3.2 como um dos jovens (Ex: Jovem 1,2,3,4,5,6,7,8). Não identificamos qual deles é o educador por questões éticas da pesquisa. A contribuição do educador foi, portanto, essencial para a concepção de meio ambiente dos sujeitos do grupo de Pombos, tanto pelas suas práticas como pelo seu estímulo e mediação nos diálogos.

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Mediação direta ou indireta do educador na produção e veiculação do programa > Concepções de meio ambiente exteriorizadas pelos sujeitos com o contributo do educador através das suas técnicas e pelo seu estímulo e mediação na discussão coletiva.

USO COLETIVO E CRIATIVO DE TECNOLOGIAS

Mais que uma tecnologia, a rádio, seja ela comunitária ou de outro tipo, é um conjunto de várias tecnologias: o telefone, o gravador, o microfone, a mesa de som, o computador, etc. O uso coletivo de tecnologias na prática radiofônica do grupo de Pombos fugiu à regra tradicional da mídia hegemônica. A especialização do currículo, típica da educação formal recebida pelos profissionais da área explica a divisão de funções na rádio comercial tradicional.

Esta é forma de fazer rádio comunitária pelo grupo de Glória do Goitá. Não diremos de forma determinista que a mídia tradicional não possa fazer rádio de forma coletiva ou criativa. Mas podemos assegurar que qualquer tipo de inovação em relação aos métodos dos grandes meios não foi observado no Programa No Batente.

Dizemos uso coletivo tanto pelo revezamento de funções dentro do grupo como pelo uso em conjunto. A grande vantagem para os sujeitos do Programa De Propósito se revezarem no uso das tecnologias é a formação integral em radiocomunicação. A relação dessa prática com a diversidade de concepções identificadas tem a ver com o fato de que mais sujeitos tiveram direito à voz no programa.

O uso coletivo também se fez do ponto de vista do uso em conjunto, já que algumas etapas como a pesquisa, por exemplo, foram feitas por mais de um jovem ao mesmo tempo em apenas um computador. Dessa forma, tinham a oportunidade de já irem discutindo os conteúdos achados e desenvolvendo as concepções de meio ambiente.

A criatividade no uso das tecnologias aconteceu principalmente pelas técnicas do sociodrama, da entrevista e pelo cuidado para que as músicas fossem pertinentes ao assunto do programa. O sociodrama ajudou para as concepções de meio ambiente porque foi necessário ler, pesquisar, escrever, discutir conteúdos ambientais e principalmente procurar a forma mais significativa de sensibilizar o ouvinte. Neste processo, o roteiro foi reelaborado várias vezes e junto com ele as concepções relacionadas ao tema.

A entrevista não é uma técnica inovadora, mas sua utilização poderia não ter acontecido. O uso dessa técnica exercitou a capacidade de síntese quando foi preciso elaborar as perguntas mais importantes pertinentes a dada problemática ambiental. Outro fator é que o entrevistado trouxe uma bagagem externa de conhecimentos que quando entraram em contato com os conhecimentos dos jovens incentivou-os a reinterpretar e ressignificar suas concepções de meio ambiente.

Bem, falando sobre a água e sobrevivência humana... qual a quantidade de água que a gente tem que consumir por dia? (Jovem 2)

Olhe é aconselhável que se tome 4 litros por dia, cada ser humano. Infelizmente a grande maioria não chega a tomar 2 litros e a gente tem pelo menos 70% do corpo da gente constituído de água, então a água é indispensável realmente né (...) (Entrevistado)

Entendi, então a pessoa que consome pequenas quantidades de água tem que consumir pelo menos quatro litros né... corre algum risco de contrair alguma doença? Que tipo de doença a gente pode ter se consumir pouca quantidade de água durante o dia? (Jovem 2)

Olha o problema que acarreta com mais seriedade, realmente é o problema renal, né porque os rins precisam de água constantemente. Além de que tem outras pessoas que desidratam e vem uma série de problemas e quem poderia dar detalhes realmente a respeito seria um médico! (Entrevistado)

Trecho de entrevista com professor de escola municipal da região.

As músicas “escolhidas a dedo” também representaram o uso criativo da tecnologia rádio. Assim como o sociodrama, as músicas favoreceram a concepção de meio ambiente dos jovens do grupo de Pombos. Tiveram que procurar e selecionar as músicas por tema e veicularam aquelas que melhor reforçariam o assunto e sensibilizariam os ouvintes. A nossa impressão é a de que a musicalidade

da mensagem cantada estimula e facilita a fixação da mensagem tanto pela tendência de repetição mental da letra por aquele que escuta, como pela estimulação dos sentidos provocada pela sonoridade de cada instrumento e da voz do cantor.

Vamos preservar a natureza. Plante uma semente neste chão. Vamos acabar com a violência e com essa tal poluição. Juntos somos o trunfo desse mundo. Vamos nos empenhar e dar as mãos (...) E se Deus preserva a natureza, mas o homem nunca preservou. Ele voltará com certeza, viva o criador da Natureza! Tantos passarinhos na floresta, uma linda melodia pede paz. Os homens fingem até que não entendem, continuam destruindo os pantanais. Examine sua própria consciência e veja que a vida dá demais. (...) E os peixes morrem envenenados, o vento trás a poluição. As flores estão perdendo o seu perfume, na Amazônia os animais em extinção. As crianças lutam pra sobreviver e os homens morrem com as próprias mãos.

Trechos da música Vamos preservar a natureza. Autor: Ivanildo de Pombos

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Uso em conjunto e generalizado (coletivo) das tecnologias rádio, gravador, microfone, etc. > leitura, pesquisa, escrita, discussão demandados do uso coletivo > criatividade no uso tecnológico representada pelas técnicas do sociodrama, das entrevistas, das músicas de temática determinada, etc. > Desenvolvimento das concepções de meio ambiente em decorrência do dialogismo, da interação, da sensibilização dos sentidos, do exercício de síntese, do contato com mensagens externas ao grupo, da leitura, pesquisa, etc.

PESQUISA, LEITURA, DISCUSSÃO E ADAPTAÇÃO COLABORATIVA DOS CONTEÚDOS TRABALHADOS À LINGUAGEM RADIOFÔNICA.

A pesquisa, a leitura, a discussão e adaptação dos conteúdos foi dentro do grupo de Pombos, um processo que variou quanto à ordem e implicou em “idas e

vindas” até que se chegasse ao produto final, seja ele o roteiro ou a veiculação do programa em si. Todos esses elementos facilitaram o desenvolvimento das concepções de meio ambiente, mas somente um (discussão) esteve completamente acessível à nossa observação, visto que, requereu todo o tempo a verbalização em alto e bom som. Três elementos (pesquisa, leitura e adaptação) tem, a priori, processos internos (mentais, pelo pensamento, reflexão) de concepção que só se revelaram, portanto, na discussão.

A pesquisa e a leitura fazem parte da prática radiofônica independente do tipo de rádio (comunitária, religiosa, comercial, etc) e tem consequências óbvias no processo de concepção de meio ambiente. A colaboração e a comunicação entre os sujeitos é que representaram o diferencial na prática do grupo de Pombos. Isso porque implicou no aumento da interação, dos diálogos e conseqüentemente na quantidade de reelaborações (por reinterpretação e ressignificação) das concepções de cada sujeito.

Ressaltamos que a adaptação dos conteúdos promoveu, em especial, um incremento na concepção, na medida em que houve uma busca na reformulação da linguagem (culto > popular) para que a mensagem se tornasse mais acessível. Esse procedimento, na verdade, incluiu os demais (pesquisa, leitura e discussão), mas representou uma diferença substancial para o desenvolvimento das concepções de meio ambiente porque foi preciso que os sujeitos se certificassem, na maioria das vezes, acerca do significado dos termos e expressões científicas antes que fossem utilizados no programa ao vivo.

Já a discussão é a base da prática educacional. Poderia haver educação sem as tecnologias propriamente ditas (rádio, computador, tv, etc) bastando que houvesse a promoção de ecossistemas comunicativos, ou seja, um local em que a saúde e o bom fluxo das relações e o acesso de todos às tecnologias da informação e comunicação fosse proporcionado adequadamente. Por outro lado, não seria possível a existência da educação sem o processo discursivo, dialógico, comunicativo, por mais tecnológico que fosse o ambiente.

A discussão na realização de programas de rádio não é um procedimento óbvio e o grupo de Glória de Goitá foi um exemplo disso em nosso estudo. A discussão praticamente não existiu e a leitura, a pesquisa e a adaptação foram atividades exclusivas da redatora. Os benefícios desses procedimentos a sua

formação, no entanto, poderiam ser reelaborados e consolidados por uma prática comunicativa com os demais integrantes. Todos os elementos presentes no grupo de Pombos e ausentes no grupo de Glória resultaram em incremento substancial conferido às concepções de meio ambiente dos sujeitos do primeiro grupo.

O roteiro lógico didático que explica a relação entre práticas radiofônicas educacionais e facilitação de concepções de meio ambiente segue o seguinte esquema:

Pesquisa, leitura, discussão e adaptação de conteúdos com variação na ordem de execução e na quantidade de “idas e vindas” (aprimoramento) > Fatores colaboração e comunicação > aumento da interação, dos diálogos e de reelaborações (por reinterpretação e ressignificação de idéias) + tradução de termos e expressões científicas > concepções de meio ambiente diferenciadas.

No subitem seguinte apresentaremos a segunda parte de nossas conclusões, que trata das proximidades entre concepções de meio ambiente identificadas e referenciais teóricos utilizados nesse estudo.

4.2 A FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO

As nossas ideias e as de alguns autores, postas na fundamentação deste trabalho, contêm pontos de discussão de temática comum com as concepções de meio ambiente construídas pelos sujeitos do Programa De Propósito, o que nos possibilita tecer considerações a esse respeito. Para fazer o mesmo com o Programa No Batente, é preciso estar consciente da monopolização do roteiro pela redatora, o que a colocou como fonte única de concepções dentro do programa. Então as concepções de meio ambiente do programa relatadas neste trabalho são apenas dela e repercutem não de uma prática radiofônica integral, mas de uma função específica de redação de roteiros de programas de rádio.

De toda forma, isso também explica a menor diversidade, aprofundamento e quantitativo de concepções de meio ambiente encontradas. Isso implica reconhecer que quando uma mesma concepção de meio ambiente foi encontrada no roteiro dos programas dos dois municípios, em geral, aquela originada do grupo de Glória do Goitá tendeu a ser menos constante, diversificada e aprofundada.

As concepções de meio ambiente associadas à Categoria Informativa, por exemplo, foram as mais presentes no Programa No Batente, mas, o aprofundamento destas não ocorria no aspecto da contextualização com a realidade local, o que é deficiente do nosso ponto de vista e de muitos autores da literatura vigente. Outro aspecto problemático é que os roteiros, por serem quase que exclusivamente informativos, não continham ideias propriamente da redatora, mas dados brutos disponíveis na internet, livros, revistas, etc. Nessa perspectiva, o leitor notará que afirmaremos com segurança neste subitem haver apenas aproximações entre as concepções dos sujeitos de Pombos e as nossas ideias e dos autores da fundamentação.

Percebemos que a prática radiofônica educacional do grupo de Pombos proporcionou aos sujeitos a construção de concepções de meio ambiente bastante diversas em que o significado da natureza tomava sentidos diferentes para cada jovem. Essa característica ratifica a ideia posta por Gonçalves (1993) e Loureiro (2000) de que o conceito de natureza é relativo e criado pelos homens apresentando modificações com o transcorrer do tempo e das culturas sociais.

A ideia da divisão radical homem / natureza como resultado do distanciamento do aspecto divino e geradora de uma sociedade inconsciente, colaborando para o aceleração da exploração dos recursos (ANDREONI; REIS, 2008) esteve representada na Categoria Moral / Ética e Subcategoria Moralizadora, pois pudemos perceber como a formação espiritual / religiosa dos sujeitos de Pombos marcou o discurso da preservação do meio ambiente.

Isso parece invalidar a nossa opinião inicial sobre esse ponto, por termos afirmado que o temor à divindade e o pequeno desenvolvimento físico-intelectual das primeiras sociedades seriam causas mais prováveis do bom relacionamento entre homem e natureza. Mas precisamos lembrar que a nossa pesquisa se limitou ao estudo de concepções, ou seja, intenções que podem mudar de acordo com as circunstâncias. O que nos leva a concluir que só a verificação das consequências práticas diretas (na comunidade) do discurso dos jovens nos certificaria de que a moralização proporcionaria resultados efetivos.

Os jovens do Programa De Propósito conseguiram constatar (Subcategorias responsabilizadora do modelo social e Em prol do consumo consciente) através de suas práticas educacionais e, em especialmente, através dos diálogos o mesmo

que Trigueiro (2004): ou a sociedade do consumo, com seu modelo suicida de desenvolvimento, enfrenta o desafio da sustentabilidade ou teremos cada vez menos recursos naturais disponíveis. Fazemos apenas a ressalva de que a expressão “sociedade do consumo” não se aplica na prática, visto que como próprio autor mencionou na ocasião, uma parte ínfima da população mundial tem condições de consumir além das necessidades básicas.

A concepção complexa da realidade, aquela que não reduz, fragmenta, hiperespecializa ou deforma o todo, desconsiderando os múltiplos componentes ambientais (inclusive o homem) na compreensão e problematização do meio ambiente (TRIGUEIRO, 2005; BORTOLOZZI, 1999; MORIN, 2000; RODRIGUES; COLESANTI, 2008) foi desenvolvida no Programa De propósito e foi representada principalmente na Categoria Holística e Subcategorias Em prol da saúde humana e Conectora.

A construção da percepção (mais propriamente a concepção) complexa esteve presente no discurso dos jovens de Pombos através das dimensões experiencial, analítica e valorativa conforme as explicou Soulé (1997). A dimensão valorativa, aquela que contrapõe valores utilitários e intrínsecos (espirituais / éticos) apareceu nos discursos agrupados na Subcategoria Em prol do consumo consciente e Moralizadora. A dimensão analítica, aquela que percebe a biodiversidade como um fenômeno a ser organizado e explicado apareceu nas falas agrupadas na Categoria Científica e Subcategoria Informativa.

Já a dimensão experiencial, aquela que fornece a matéria-prima a partir da qual se formulam as dimensões mais conceituais foi vivenciada pelos jovens no próprio trabalho de realização dos programas extrapolando em alguns momentos para fora do ambiente da rádio (contato com os ouvintes, entrevistas, pesquisa de campo com instituições especializadas). O caminho, portanto, por onde segundo Suzina e Pichelli (2005), o discurso da questão ambiental deve passar, para se chegar a uma aplicação prática, foi traçado dentro do programa do grupo de Pombos.

Percebemos pela observação de campo, na rádio Brasil FM, o cuidado na técnica de adaptação da linguagem culta à popular para que não houvesse a tecnocratização e burocratização da fala que segundo Brasil/MMA (2005a) afirma um domínio que só a elite técnica pode alcançar plenamente, distanciando

fatalmente os interlocutores. Houve equilíbrio na comunicação, sem excesso de cientificismo ou superficialismo, com planejamento para o público alvo de acordo com a sua realidade e necessidade, conforme destacou Pichelli et al (2006).

Ficou demonstrado que o grupo de Pombos se destacou em relação ao grupo de Glória do Goitá no tocante à diversidade de categorias, ao grau de aprofundamento temático e ao quantitativo de falas. Isso ratifica a nossa ideia sobre o maior potencial pedagógico do ato comunicante quando comparado ao ato informativo.

Os resultados, portanto, suportaram a nossa afirmação de que as melhores oportunidades para o trabalho em Educação Ambiental estão, não em redes de informação e conhecimento como afirmou Melo (2001), mas em redes de comunicação e conhecimento transformado, sendo este último aquele que é originado de uma mensagem que se movimenta mais vezes entre os pólos comunicantes, sofrendo várias reinterpretações e ressignificações.

Para explicar a diferença entre as modalidades educativas citamos Gohn (2006). As características descritas pela autora para definir a educação-não formal nos faz constatar a similaridade com as características que descrevemos sobre o ambiente educativo do grupo de Pombos: processos de compartilhamento de experiências em espaço de ação coletivo; organização de como agir em grupo; construção e reconstrução de concepções de mundo e sobre o mundo; desenvolvimento do sentimento de identidade com a comunidade; formação para as adversidades da vida; valorização da auto-estima; conhecimento das próprias práticas e leitura e interpretação do mundo que os cerca.

Através da classificação de Peruzzo (1998) pudemos constatar que a rádio comunitária de Pombos não se configura como eminentemente comunitária, mas possuidora de algumas características dos cinco tipos de rádio citados pela autora. Um indício disso é o fato do grupo ter sido impedido de assumir o controle da mesa de som, o que não ocorreria se a rádio Brasil FM fosse, de fato, eminentemente comunitária.

Chegamos à mesma conclusão que Volpato (2010) quando afirmou ser o desenvolvimento de competências proporcional ao nível de participação na rádio comunitária, o que pudemos constatar pela comparação entre os dois programas estudados. Avançamos, porém, no desvelamento do nosso objeto de estudo em

relação ao estudo da autora na medida em que detalhamos os procedimentos e o momento da emergência dessas competências dentro da prática radiofônica comunitária.

Os jovens do programa De Propósito perpassaram através dos diálogos e pelo destrinchamento de um tema central em vários microtemas a causa da crise ambiental contemporânea, a qual segundo Zacarias (2009) se explica por um conjunto de variáveis interconexas que se dão em bases sociais, econômicas, culturais e políticas, estruturalmente desiguais.

Os sujeitos de Pombos superaram, de uma forma geral, a leitura acrítica e ingênua sobre a problemática ambiental, denunciada por Quintas (2009), de que a crise pode ser superada pelo somatório de boas condutas individuais para com o meio. Os jovens construíram concepções de meio ambiente que englobaram também a responsabilidade do poder governamental e do modelo de desenvolvimento industrial apoiado pela sociedade. Longe de uma prática pedagógica prescritiva e reprodutivista os jovens inovaram ao apresentar uma postura dialógica, problematizadora, comprometida e emancipatória em seus procedimentos, usando a criatividade no uso das tecnologias que compõem a rádio comunitária Brasil FM.

O grupo de Pombos colocou em prática a opinião de Quintas (2009) sobre a relação entre comunicação, conhecimento e ação ao tomar o ato de conhecer como inseparável do ato de agir, pois através da prática radiofônica os jovens construíram conhecimentos sobre as técnicas de rádio e conteúdos ambientais. Exercitaram o protagonismo na ação educativa ao se mobilizarem para a gestão do ambiente comunitário partindo da rádio local.

A ONG GIRAL e o Programa De Propósito simbolizaram dessa forma o princípio da comunidade mencionado por Santos (2006) ao se pautarem, como foi demonstrado nesse estudo, por práticas solidárias, participativas e contextualizadas que buscaram o equilíbrio com os outros dois princípios (Estado e Mercado), proporcionando um canal aberto de debate sobre os interesses da população local.

Ao longo de nossa pesquisa de campo e a partir da identificação das concepções de meio ambiente percebemos que os jovens de Pombos desejaram uma mudança mais profunda que se não chegou a ser radical, ainda assim, contemplou o âmbito ético e paradigmático, conforme explicado por Layrargues

(2009). Isso porque o teor dos discursos (Categorias Crítica e Subcategoria Responsabilizadora do Governo / Modelo social) foi o de não contentamento com a manutenção dos mecanismos de reprodução social e das relações de poder.

Vimos através de Freire (1983) que a conscientização só pode ser alcançada por meio do desvelamento da realidade concreta pelo homem que se socializa com os outros homens e com o mundo através do trabalho e descobre o caráter reflexivo, temporal e transformador dessa relação. Dessa forma, percebemos que a conscientização é uma descoberta individual e intransferível do sujeito.

Na análise de conteúdo do Programa De Propósito verificamos a esse respeito, uma predominância de falas que seguiam a idéia de Freire (1983) no tocante a conscientização ambiental. Mesmo quando os sujeitos usavam expressões como “conscientizar o outro”, percebemos pelo contexto do programa e através de nossa presença junto ao grupo que se tratava na maioria das vezes apenas de um vício de linguagem, que não significava, de fato, a ideia da conscientização do outro. A socialização demandada do trabalho educacional de realização do programa é que proporcionou um ambiente de reflexão e desenvolvimento da consciência de cada sujeito.

De forma consciente ou não, o grupo do Programa De propósito colocou em prática as orientações legalmente estabelecidas por diversos órgãos e que foram formalizadas em documentos que tratam da proteção ao meio ambiente como: Promoção de serviços de informação pública sobre meio ambiente e desenvolvimento (Agenda 21 Global, PNEA); democratização dos meios de comunicação (Relatório do Fórum das ONGs Brasileiras); aproximação entre comunicação e mídia na conscientização pública para o desenvolvimento sustentável (UNESCO); veiculação de notícias, em debates e outras formas de comunicação social (ProNEA).

Pudemos verificar que a ideia de ecossistemas comunicativos definida por Soares (2010b), é mais plausível para o ambiente do Programa De Propósito do que o espaço de criação do Programa No Batente, pois, a saúde e o bom fluxo das relações e o acesso de todos às tecnologias da informação e comunicação foi observado apenas entre os sujeitos do primeiro grupo.

Já as características da educação de qualidade dirigida ao ambiente, descritas por Lima (1999) e os objetivos específicos da educação (SOARES,

2004) que contribuíram para estruturar a nossa hipótese, foram contempladas na prática radiofônica do grupo de Pombos, o que pudemos observar nos itens anteriores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos na primeira parte de nossa conclusão explicitar o percurso lógico que relaciona práticas radiofônicas às concepções de meio ambiente para todos os elementos da hipótese citados, donde percebemos trajetos possíveis para explicar essa relação complexa. Devem, muito provavelmente, existir inúmeros outros caminhos com sentidos diversos e multivariados. Nossa meta principal foi demonstrar que eles existem e como podem se conformar.

Não poderíamos ignorar que alguns desses elementos aparecem nas práticas radiofônicas do grupo de Glória do Goitá. Mas o grupo de Pombos apresenta um conjunto de elementos que se somam para criar um “clima” que repercute, por sua vez, nas concepções de meio ambiente dos sujeitos. Então não é um ou outro elemento que facilita a relação entre práticas e concepções, mas o conjunto desses elementos.

É notório que a tecnologia rádio por si só não demanda o desenvolvimento de tantas competências sócio-cognitivas pelos jovens responsáveis pela produção e veiculação de programas de Educação Ambiental, mas sim, a rádio comunitária, que abrange um conjunto de tecnologias associadas, como o rádio, o computador, o gravador de voz, o telefone, o microfone, etc.

A democracia, a participação, o desenvolvimento crítico, a transformação, o dialogismo, a multidimensionalidade, a ética, etc, também são conquistas obtidas através de um processo de socialização entre educador e educandos que representam ora o primeiro papel, ora o segundo, e se relacionam com a rádio comunitária de diferentes formas para alcançar um objetivo comum – o conhecimento de si e das coisas.

Foi principalmente através das entrevistas, das observações de campo e da análise de conteúdo que pudemos concluir que o uso educacional da rádio comunitária promove a educação em sentido amplo, extrapolando o trabalho de conteúdos específicos. Configurou-se num processo que demandou esforços teóricos e práticos, pessoais e interpessoais e a interpretação e ressignificação de sentidos, gestos e palavras. É, portanto, o uso do rádio e não o rádio em si que promove Educação Ambiental ao nível das concepções de meio ambiente.

Superficiais, moderadas ou profundas, as concepções de meio ambiente dos jovens do Programa de Propósito poderiam amadurecer indefinidamente a depender do número de programas realizados. Em nosso estudo acompanhamos apenas dois programas para esse grupo, o que já foi suficiente para demonstrar a variedade de temáticas, trabalhadas em nível micro e macro.

A importância do estudo das concepções de meio ambiente dos jovens se deveu ao fato de que elas ditam o tipo de práticas adotadas e vice versa. Práticas que inclusive tenderão a extrapolar o ambiente da rádio comunitária não apenas através das ondas sonoras, mas também através da transformação do meio em que os sujeitos vivem. É nessa perspectiva que concepção de meio ambiente, Educação Ambiental e cidadania ambiental se relacionaram mutuamente.

Dissemos no início deste trabalho que esperávamos concepções de meio ambiente diferenciadas de cada grupo basicamente por reunirem pessoas diferentes e por isso imprevisíveis. Mas, ainda assim, seria, a princípio, intrigante supor diferenças significativas de dois grupos que passaram pela formação da mesma ONG. O leitor inconsciente de nossos resultados poderia, até naturalmente, esperar algo a mais do grupo de Glória do Goitá já que este reunia indivíduos mais experientes. Não deixam, portanto, de serem surpreendentes os resultados aqui demonstrados.

Resultados estes que abrem margem para fazermos sugestões. O direito de escolha em ser acompanhado ou não por um educador pode ser do ponto de vista dos valores democráticos e do livre arbítrio até digno de respeito. Mas entendemos que quando se trata da realidade, os jovens, não raro, ignoram as melhores escolhas por ingenuidade e/ou impulsividade. É aí onde entra o papel do educador, que pode ser um pai, um professor, um amigo mais velho, ou o educador neste caso.

Ratificamos que a presença do educador no grupo de Pombos trouxe benefícios muito claros à sua prática radiofônica, sendo este, em nossa opinião, junto com o dialogismo, os elementos mais representativos para assegurar o estabelecimento da educação. Isto é importante porque nos trabalhos que tratam da educação os autores se referem mais à importância da área como um todo, havendo poucas referências à figura do educador. Estamos certos

de que contribuímos para a valorização dos sujeitos que assumem esse papel nas experiências que acontecem no Brasil e no mundo.

Na segunda parte das conclusões deste trabalho vimos como os sujeitos do grupo de Pombos concebem dialogicamente teorias muito semelhantes às aquelas encontradas na literatura de Educação Ambiental. Além disso, suas práticas se combinaram para a formação de um ecossistema comunicativo. Definimo-lo, como já foi dito, como aquele que contempla a saúde e o bom fluxo das relações e o acesso de todos às tecnologias da informação e comunicação.

Esta característica foi uma das mais importantes citadas na fundamentação, e que também procuramos checar como dado complementar para confirmar a existência de prática educomunicativa entre os grupos estudados. Embora a definição de Soares (2010b) para designar esse tipo de ambiente seja bastante genérica e, por isso, passível de interpretações variadas, consideramos que os ecossistemas comunicativos foram construídos apenas nas reuniões realizadas dentro e fora do estúdio do Programa De Propósito.

Isso se explica principalmente pelo dialogismo dentro da prática radiofônica dos sujeitos de Pombos (e ausente em Glória do Goitá), que promoveu uma aproximação mais sólida e significativa entre eles, transformando a relação inicial distante e estritamente profissional (início da formação) em uma relação saudável de amizade e confiança que diagnosticamos na pesquisa de campo. O acesso de todos às tecnologias da informação e comunicação, a segunda característica do ecossistema comunicativo, foi observado também apenas para o grupo de Pombos, principalmente quando da técnica do educador de prover o revezamento de funções para a realização dos programas.

Se por um lado os jovens do Programa De Propósito se aproximaram mais da educomunicação ao criar um ambiente de ecossistema comunicativo fortalecido por suas práticas, percebemos entre eles e o próprio educador a não consciência sobre o que é a educomunicação e sobre seus postulados teóricos científicos. Nesse sentido, é bastante interessante a constatação de que a educação se desenvolve independentemente do conhecimento e respaldo acadêmicos. E nessa perspectiva entendemos a importância de nossa pesquisa para o campo emergente e aberto, teórico e prático da educomunicação.

A Educação Ambiental também foi desenvolvida ao nível das concepções dos sujeitos (especificamente os de Pombos), que puderam chegar às mesmas conclusões de autores renomados da literatura em questão. Acrescentaríamos que os jovens resguardam ainda um conhecimento empírico, na maioria das vezes, não proporcionado pelas escolas e grandes centros acadêmicos universitários. Percebemos então, neste estudo, que a educação não formal, muitas vezes subestimada, pode ser perfeitamente uma referência pedagógica para a educação formal resolver os seus problemas seculares.

O empoderamento tecnológico pelo sujeito aprendiz, por exemplo, vem de certa forma solucionar a problemática da educação monótona e passiva de recepção de mensagens. Isto porque as novas gerações, sob influência de um “mundo tecnologizado” vem se habituando a desenvolver a pró-atividade de manipulação simultânea de diversas tecnologias (Ipod, Tv, computador, etc). Na rádio comunitária isso é proporcionado, visto que, como vimos, ela é um conjunto de tecnologias que se somam para a realização dos programas.

Não pretendemos encerrar as discussões em torno das consequências da prática educacional para a Educação Ambiental. Aproveitamos para sugerir um estudo mais completo, que infelizmente não nos foi possível fazer, e que incluía investigar também se os ouvintes assimilam de forma diferente as mensagens ambientais de programas de rádio produzidos através de procedimentos educacionais e não educacionais.

Neste estudo procuramos aprofundar, na medida do possível, o aspecto de “como as coisas ocorrem e em que momento”, já que, como alertamos no item final da fundamentação, os trabalhos sobre o tema não explicitam, a nosso ver, os procedimentos educacionais, os seus efeitos e, principalmente, a relação entre eles.

Existem, logicamente, outras variáveis que influenciaram a facilitação do processo de construção das concepções de meio ambiente, como as características inatas dos sujeitos (hereditárias), a maturação de cada um (estágio de desenvolvimento biológico) e os conhecimentos prévios (socialmente aprendidos). Estes últimos foram exteriorizados em alguns momentos, exclusivamente pelo grupo de Pombos. De toda forma, são variáveis difíceis de controlar em uma pesquisa naturalista e com limites de tempo para ser concluída.

Ainda assim, descobrimos que o diferencial para os jovens que se pautam em procedimentos radiofônicos consoantes com os preceitos da educomunicação se revela basicamente em termos de diversidade de concepções, quantidade de falas e grau de aprofundamento nos temas. Acompanhamos diálogos que estimularam a reinterpretção e ressignificação de conteúdos, transformação de conceitos cultos em populares, destrinchamento de macro em microtemas, proximidade das concepções de meio ambiente dos sujeitos com as idéias de autores da literatura acadêmica, formação cidadã e profissional, enfim, reflexos diretos e indiretos, específicos e abrangentes da prática radiofônica educacional.

Longe de ser simples, a demonstração da relação entre práticas radiofônicas e concepções de meio ambiente buscada neste estudo, não teve a pretensão de chegar a conclusões definitivas, mas apenas adentrar em um objeto de estudo pouco explorado e bastante delicado, pela necessidade de se extrair por inferência, dados subjetivos conscientes a partir de palavras, expressões e atitudes comportamentais.

Se pudéssemos resumir em poucas palavras e de forma genérica os resultados da pesquisa, diríamos que as práticas radiofônicas educacionais favorecem a formação de um “clima”, de uma “atmosfera” ou, melhor dizendo, de um “ecossistema comunicativo” que tem reflexos nas concepções de meio ambiente de jovens que produzem e veiculam programas de Educação Ambiental.

REFERÊNCIAS

- ANDREONI, Manuela; REIS, João Montenegro da S. Pereira. **Introdução à Comunicação Ambiental**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 1 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1638-6.pdf>> Acesso em: 27 Dez. 2010.
- ARCOVERDE, Kalinne de Silveira; NORONHA, Karla Rossana F. R.; OLIVEIRA, Sara Luísa de; TAVARES, Olga. **Mídia e Universidade: Caminhos Radiofônicos para a Conscientização Ambiental**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1030-1.pdf>> Acesso em: 27 Dez. 2010.
- BORTOLOZZI, Arlêude. Comunicação, Ensino e Temática Ambiental. **Comunicação & Educação**, São Paulo, (14): 42 a 48, jan./abr. 1999.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo, IMESP, 1988. Cap. IV art. 225, 1988.
- BRASIL, MEC. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Nº 9394/96 de 6 de dezembro de 1996.
- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília. Brasil. 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasNatureza.pdf>. Acesso em: 27 Dez. 2010.
- BRASIL, MMA. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Série Documentos Técnicos-2. Brasília: órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental. 2005a. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/dt_02.pdf>. Acesso em: 15 dez 2010.
- BRASIL, MMA. **Programa Nacional de Educação Ambiental**. 3. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/pronea3.pdf>>. Acesso em: 27 Dez. 2010.
- BRASIL. **Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999**: dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial, 27 de abril de 1999. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=321>> Acesso em: 28 Dez. 2010.

CARTA DA TERRA. Disponível em:

<http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.doc> Acesso em: 27 Dez. 2010.

CASTRO, Ruy. **Roquette-Pinto: o homem multidão.** 1996. Matéria especial produzida para a Rádio MEC. Disponível em:

<<http://www.radiomec.com.br/70anos/intro.htm>> Acesso em: 30 Dez. 2010.

CNUMAD. Rio de Janeiro. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento: Agenda 21.** 2. ed. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1997, 598p.

CONAMA. **Resolução nº 306, de 5 de julho de 2002:** Estabelece os requisitos mínimos e o termo de referência para realização de auditorias ambientais.

Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=306>> Acesso em 30 Dez. 2010.

CONSANI, Marciel. **Como usar o rádio na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

DAVINO, Gláucia; DAVINO, André. Educação Ambiental e comunicação. **Comunicação e Educação**, São Paulo, (5): 40 a 45, jan./abr.1996.

FARIAS, Hainer B. **Educomunicação Radiofônica:** uma proposta de formação de jovens comunicadores. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática e Tecnológica) – Programa de Pós-graduação em Educação Matemática e Tecnológica, Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** Série Pesquisa V. 6. 3. ed. Brasília: Liber livro, 2008.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983. Coleção O MUNDO, HOJE, v. 24.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GIRAL, 2010. **Projeto - Agentes de Desenvolvimento da Comunicação.**

Disponível em: <http://www.giral.org.br/projeto_adc.php> Acesso em: 29 Dez. 2010.

GOHN, Maria. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** Rio de Janeiro, v.14, n. 50, jan-mar/2006. p. 27-38.

GONÇALVES, C. W. **Os (Des) Caminhos do Meio Ambiente.** São Paulo: Contexto, 1993.

GOUVÊA, Giana Raquel Rosa. **Educação Ambiental**: autonomia e novas tecnologias. Disponível em: <<http://www.cesdonbosco.com/revista/congresso/41-Giana%20Raquel%20Rosa%20Gouv%EAa.pdf>> Acesso em 27 Dez. 2010.

KAPLÚN, Mario. **Producción de Programas de Radio**: el guión – la realización. México, Editorial Cromocolor, 1994.

LAYRARGUES, Philippe P. Educação ambiental como compromisso social: o desafio da superação das desigualdades. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Repensar a educação Ambiental**. Um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009.

LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. Questão ambiental e educação: contribuições para o debate. **Ambiente & Sociedade**, NEPAM/UNICAMP, Campinas, ano II, nº 5, 135-153, 1999.

LOUREIRO, Carlos F. B. Teoria Social e Questão Ambiental: pressupostos para uma *práxis* crítica em educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Sociedade e meio ambiente**. A educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.

MAFALDO, Norma M. M. **A educomunicação ambiental e as concepções de meio ambiente no JB Ecológico**. Comunicações orais do 19º Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste – EPENN – Educação, Direitos Humanos e Inclusão Social - 05 à 08/07/09 – João Pessoa – PB.

MEDINA, Naná M. A formação dos professores em Educação Fundamental In: **Panorama da educação ambiental no ensino fundamental**. – Brasília, MEC, Secretaria de Educação Fundamental, Coordenação Geral de Educação Ambiental 2001.

MELO, Rosemeri S. A dimensão ambiental da educação e as redes de Informação e conhecimento. **Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient**, v. 05, janeiro/fevereiro/março de 2001. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/mea/remea/vol5/rosimeri.PDF>> Acesso em: 04 Dez. 2010.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=concep%E7%E3o>> Acesso em: 30 Dez. 2010.

MIGUEL, Katarini Giroldo. **Os paradigmas ambientais na comunicação social**: da arte primitiva à comunicação midiática. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1692-1.pdf>> Acesso em: 27 Dez. 2010.

MONTEIRO, Eduardo; FELDMAN, Márcia. Mídia-educação: formando os cidadãos da era da informação. **Revista Pátio**, no. 9, maio/jul, 1999.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html> Acesso em: 29 Dez.2010.

NOAL, Fernando O. Os ritmos e os riscos: considerações sobre globalização, ecologia e contemporaneidade. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Sociedade e meio ambiente**: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006. 120 p.

PERUZZO, Cicília. M. K. **Participação nas rádios comunitárias no Brasil**. Versão ampliada do paper apresentado no GT Cultura e Comunicação Popular, XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife-PE, 9 a 14 de setembro de 1998. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=740 > Acesso em: 04 Dez. 2010.

PICHELLI, Katia Regina; RODRIGUES, Regina Lúcia Siewert; RACHWAL, Marcos Fernando Glück. **Educação ambiental**: a utilização da comunicação como ferramenta de Sensibilização. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1023-2.pdf>> Acesso em: 27 Dez. 2010.

QUINTAS, José S. Educação no processo de gestão ambiental pública: a construção do ato pedagógico. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. **Repensar a educação Ambiental**. Um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009.

RODRIGUES, Gelze Serrat de Souza Campos; COLESANTI, Marlene T. de Muno. Educação ambiental e as novas tecnologias de informação e comunicação. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 20 (1): 51-66, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.sociedadnatureza.ig.ufu.br/viewarticle.php?id=296>> Acesso em: 27 Dez. 2010.

SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes de educação ambiental. In: SATO, M.; CARVALHO, I. (orgs). **Educação Ambiental**. Pesquisa e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SEA, 2010. **Projeto Nas Ondas do ambiente.**

<http://www.ambiente.rj.gov.br/pages/sup_edu_amb/edu_ambiental_projetos/eduamb_proj_ondas1.html>

Acesso em: 30 de Dez. 2010.

SILVA, Daniel. **O legado do Brasil na construção da cidadania ambiental.**

Disponível em: <<http://www.caminhodasaguas.ufsc.br/O%20LEGADO.HTML>>

Acesso em: 28 Dez. 2010.

SOARES, Ismar de O. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Revista Contato**, Brasília, ano 1, no. 2, jan./mar, 1999.

SOARES, Ismar de O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. **Comunicação & Educação**. São Paulo, (23): 16-25. 2002.

SOARES, Ismar de O. **Comunicação / educação**: emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. São Paulo: USP / Núcleo de Comunicação e Educação. 2010a. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>> Acesso em: 15 dez. 2010.

SOARES, Ismar de O. **Ecossistemas comunicativos**. São Paulo: USP / Núcleo de Comunicação e Educação. 2010b. Disponível em:

<<http://www.cesnors.ufsm.br/professores/carolcasali/projetos-em-educomunicacao/ecossistemas%20comunicativos.pdf>>

Acesso em: 27 Dez. 2010.

TAVARES, Olga; MEIRELES, Norma. **Comunicação Ambiental**: Projeto de sensibilidade ambiental para o CCHLA-UFPB. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0861-1.pdf>> Acesso em: 27 Dez. 2010.

TRAJBER, Raquel. Educomunicação para coletivos educadores In: FERRARO-JÚNIOR, L. A. (org.). **Encontros e Caminhos**: formação de educadores ambientais e coletivos educadores. Brasília, MMA, 2005.

TRIGUEIRO, André. Consumindo a vida. **Ecopop**. [s.l.] 16/12/2004. Disponível em:

<<http://www.ecopop.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inoid=137&tpl=printerview&sid=10>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

UNESCO/IBAMA/SEMA-SP. **Educação para um Futuro Sustentável** – Uma Visão Transdisciplinar para uma Ação Compartilhada. Brasília: Edições IBAMA, 1999.

VIANNA, Heraldo M. **Pesquisa em Educação** - a observação. Série pesquisa em Educação. Vol 5. Brasília: Plano, 2003.

VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Rádio Comunitária e Educomunicação Ambiental**: pistas teórico-conceituais. Disponível em:
<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/volpato-marcelo-radio-comunitaria-educomunicacao-ambiental.pdf>> Acesso em: 15 Dez. 2010.

WWF BRASIL. **O que compõe a pegada?** Disponível em:
<http://www.wwf.org.br/wwf_brasil/pegada_ecologica/o_que_compoe_a_pegada/>
Acesso em: 29 Dez. 2010.

ZACARIAS, Rachel. "Sociedade do consumo", ideologia do consumo e as iniquidades socioambientais dos atuais padrões de produção e consumo. In: LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (orgs). **Repensar a educação ambiental**: um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009.

APÊNDICE

Roteiros das entrevistas:

Entrevista com os jovens sobre a formação técnica e a formação em Educação Ambiental:

1. Você já teve experiências anteriores com educação, meio ambiente, juventude ou rádio?
2. Porque você decidiu passar pela formação?
3. Durante a formação é trabalhado algum tema específico como meio ambiente ou Educação Ambiental?
4. Qual a sua opinião sobre a metodologia utilizada?
5. E sobre as técnicas utilizadas (dinâmicas, práticas, exercícios, etc.)?
6. Você gostou da forma como as oficinas foram realizadas?
7. Você se sente capaz de utilizar os equipamentos de rádio?
8. Você acha que ficou faltando aprender algo?

Entrevista com os jovens sobre os programas e Educação Ambiental:

1. Qual o nome do programa? Desde quando existe? Qual a motivação para criá-lo?
2. O grupo que faz os programas passou por mudanças? Por quê?
3. Como o programa é produzido (Quantas pessoas participam, Qual a função de cada um, Quem decide a pauta, Quem pesquisa, Quais as fontes, Quais os critérios de seleção das fontes, Como é a edição, a escolha do formato e a elaboração do roteiro)?
4. Qual o objetivo do programa?
5. Quais as pessoas envolvidas na produção do programa?
6. Qual é a audiência do programa? Como é aferida?

7. Porque fazer programas sobre meio ambiente?
8. Vocês acham que as pessoas se conscientizam e mudam o comportamento ao escutarem o programa de vocês?
9. Você acha que sua conduta mudou depois que começou a fazer o programa ?
10. Quem vocês acham que se educa mais em relação às questões ambientais, quem pesquisa o tema ou os locutores?
11. Quem aprende mais? Vocês que fazem o programa ou o público ouvinte?
12. Qual a carreira que vocês pretendem seguir?
13. O que é Educação Ambiental? Porque é importante?
14. O que é meio ambiente? Porque é importante?